

Onde está  
o Dinheiro  
para os  
Movimentos das  
Feministas  
Negras?

**B**BLACK  
**F**EMINIST  
**F**UND



O Black Feminist Fund/Fundo Feminista Negra (BFF) é um fundo global dedicado a aumentar significativamente os recursos disponíveis para os movimentos das feministas negras.

Site: <http://www.blackfeministfund.org>

Onde está o dinheiro para os movimentos feministas negros?

Março de 2023.

Editora e Líder: Hakima Abbas

Autoras: Awa Fall Diop, Cynthia Eyakuze, Maie Panaga Babker, Yannia Sofía Garzón Valencia e Timiebi Souza-Okpofabri.

Comunicação e Design: Black Alder, Did Juno e Makeda PR

Tradutoras: Alysia Mann Carey, Alyxandra Gomes Nunes, Samah Gafar, Simon Castano e Wanjiku Mwotia.

## Agradecimentos

Começamos agradecendo a todas as feministas negras que contribuíram para esta pesquisa: as centenas de grupos e fundos feministas negros que dedicaram seu tempo para conversar conosco, para compartilhar seus conhecimentos e suas experiências. Esperamos ter feito justiça a tudo o que vocês compartilharam.

Queremos agradecer à incrível equipe de pesquisa que se uniu para tornar essa ideia uma realidade: Awa Fall Diop, Cynthia Eyakuze, Maie Panaga Babker, Sofía Yannia Garzón e Timiebi Souza-Okpofabri. Seu brilho ilumina.

Queremos agradecer à equipe da Rede de Financiadores de Direitos Humanos que trabalhou conosco para classificar os dados e apoiou nossa análise, agradecimentos especiais a Kellea Miller e Rachel Thomas. Gostaríamos também de reconhecer o trabalho da Associação para os Direitos das Mulheres no Desenvolvimento (AWID) pelo importante enquadramento metodológico no qual esta pesquisa se baseia.

Por último, queremos agradecer à brilhante equipe da Makeda PR e da Black Alder que apoiaram a comunicação, design e divulgação. Também queremos agradecer à equipe de tradução Alysia Mann Carey, Alyxandra Gomes Nunes, Samah Gafar, Símon Castano e Wanjiku Mwotia.

Esta publicação pode ser redistribuída não comercialmente em qualquer mídia, inalterada e na íntegra, com crédito dado ao Black Feminist Fund e suas autoras.

Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0) [www.creativecommons.org](http://www.creativecommons.org)

As referências a dólares (\$) referem-se a dólares dos Estados Unidos, salvo indicação em contrário.

2023 Publicado pelo Black Feminist Fund.

Site oficial do Relatório: [www.fundblackfeminists.org](http://www.fundblackfeminists.org)

# Índice

## Tecendo os fios

Resumo | Tynesha McHarris and Hakima Abbas

## Pelas Lentes da Filantropia

Capítulo 1 | Cynthia Eyakuze

## Uma Visão do movimento

Capítulo 2 | Awa Fall Diop

## Embarcando numa missão

Capítulo 3 | Maie Panaga Babker

## Em Oposição às Agendas Feministas Negras

Capítulo 4 | Yannia Sofía Garzón Valencia

## Bibliografia comentada

Capítulo 5 | Timiebi Souza-Okpofabri



# Tecendo os fios

Por Tynesha McHarris e Hakima Abbas



# Resumo

Quando começamos o Fundo Feminista Negra, foi sob a premissa, e com o conhecimento, que os movimentos feministas negros em todo o mundo tinham poucos recursos e eram amplamente ignorados pela filantropia. Esse conhecimento veio de nossas próprias experiências como ativistas e como mulheres negras na filantropia, bem como das mulheres negras, meninas e pessoas expansivas de gênero em nossas comunidades e movimentos. Repetidas vezes, ao longo de uma década, enquanto semeávamos, construímos e discutimos a possibilidade de um fundo global para, por e com movimentos feministas negros, ouvimos o mesmo refrão: somos negligenciadas, subfinanciadas e esperamos transformar sistemas com migalhas. Com uma comunidade crescente comprometida em construir o Fundo Feminista Negra, estávamos determinadas a mudar isso.

Um dos primeiros empreendimentos do Fundo Feminista Negra foi juntar pesquisadoras e especialistas feministas negras para reunir os dados sobre o estado do financiamento dos movimentos negros feministas e examinar a extensão e o impacto dessa falta de recursos. Juntas, Awa Fall Diop, Cynthia Eyakuze, Maie Panaga Babker, Sofia Yannia Garzón e Timiebi Souza-Okpofabri, cinco feministas negras de todo o mundo trouxeram seu brilhantismo para criar ***Onde está o Dinheiro para os Movimentos das Feministas Negras?*** Este não é apenas um relatório, é uma provocação e um apelo à ação. É o resultado de um processo de desenterramento e diálogo que durou um ano. As palavras são, às vezes, factuais, outras vezes carregadas da emoção do nosso saber, porque o processo não foi desvinculado da nossa própria dor, frustração, alegria e resistência. Estas páginas são nosso próprio relato, usando fatos e dados, para revelar a história de um movimento tão comovente e poderoso, profundamente conectado, mas negligenciado e prejudicado. Um movimento do qual a teoria e a prática são muitas vezes drenadas, caídas e mercantilizadas. Estas páginas são uma celebração dos feminismos negros em suas multitudes.

**Este não é apenas um relatório, trata-se de uma provocação e um chamado à ação.**

---

## **Cada capítulo deste trabalho é uma contribuição independente e um pedaço de uma história que deve abalar a filantropia.**

Para começarmos, Timiebi Souza-Okpofabri reuniu uma bibliografia comentada de dez fontes publicadas nos últimos três anos de relevância para o financiamento e as interseções da justiça racial e de gênero. Timiebi descobriu que avanços importantes foram feitos na análise e publicação de dados sobre filantropia e ajuda que permitem a defesa em vários níveis. Os fundos ativistas também publicaram vários estudos sobre o poder dos movimentos feministas negros em muitos contextos e demonstraram sua falta de recursos. Embora muitos dos relatórios e dados analisados abordem uma peça do quebra-cabeça do financiamento dos movimentos feministas negros, nenhum forneceu uma imagem global do ecossistema de financiamento dos movimentos feministas negros: *Onde está o dinheiro para os movimentos das feministas negras?* é uma intervenção nesse espaço.

Em seu capítulo de abertura, *Uma visão do movimento*, Awa Fall Diop empreendeu um estudo inovador e expansivo das perspectivas, relacionamentos e percepções dos movimentos feministas negros sobre o financiamento. Por meio de entrevistas e uma pesquisa com quase quatrocentas ativistas feministas negras em todo o mundo, Awa revela o poder e a escala da organização feminista negra, bem como os preconceitos profundamente arraigados que as feministas negras enfrentam ao acessar os recursos para sustentar seu trabalho.

*Uma visão do movimento* fornece reflexões profundas sobre os tipos de formações que as feministas negras criam e organizam, suas estratégias, prioridades e suas relações com recursos de todos os tipos. “O registro tem uma forte conotação política. (...) Mas a negação do registro também oferece às organizações feministas negras um espaço para desafiar a força do estado e o poder dos doadores”. —Awa Fall Diop.



A precariedade dos grupos feministas negros é claramente revelada por estes novos dados:

**61%**

das organizações feministas  
negras têm orçamentos anuais  
inferiores a 50.000 USD

**59%**

das organizações feministas  
negras nunca receberam  
financiamento básico

**75%**

para 75% dos grupos feministas  
negros, a maior parte de seu  
financiamento é específica para  
projetos

**53%**

53% dos grupos feministas negros  
não têm fundos disponíveis para o  
ano fiscal seguinte

Apesar de mostrar um padrão claro de falta de recursos, alguns podem se perguntar se a pequena quantia de financiamento, em termos reais, é suficiente. Esses grupos, seus objetivos e seu impacto são pequenos o suficiente para que o fluxo de financiamento atenda às suas necessidades? Nós perguntamos. O que ouvimos é que 81% das organizações feministas negras não têm recursos financeiros para atingir seus objetivos. Isso é mais do que um número; é uma acusação. Uma denúncia de um setor que afirma querer ver a transformação que os movimentos feministas negros estão criando, mas se recusa a colocar os recursos para que eles vençam.

Voltando nossas lentes para o setor de filantropia, Cynthia Eyakuze mergulha profundamente nos dados e na literatura produzidos pela própria filantropia. Através das Lentes Filantrópicas revela que:

- apenas 0,1% - 0,35% das doações de fundações globalmente foram para mulheres negras, meninas e pessoas trans
- 5% do financiamento de Direitos Humanos foi para mulheres negras, meninas e pessoas trans
- 0,22% do financiamento climático foi para organizações feministas e apenas dois dos 10 principais países que receberam ajuda relacionada ao clima estavam na África
- 5,9% do financiamento de fundação dos EUA para (como é chamado) África Subsaariana foi para organizações locais
- 0,4% da assistência humanitária internacional foi recebida diretamente por organizações locais e nacionais na África
- muitos países do Caribe não receberam nenhuma ajuda ao desenvolvimento para a igualdade de gênero.for gender equality

Por trás desses números, está o veredicto indiscutível: o sistema de financiamento global tem uma lacuna de confiança racializada e de gênero profundamente enraizada. Como escreve Cynthia: “existem muitas maneiras pelas quais os vieses aparecem e são experimentados no financiamento, desde percepções sobre capacidade e risco, processos opacos, acessibilidade de financiadores e oportunidades de financiamento, proximidade do financiador de certas organizações, juntamente com a distância de contextos marginalizados e comunidades e exigências onerosas de aplicativos e relatórios. Devemos deixar claro que essas barreiras não são barreiras técnicas essenciais para a devida diligência, mas sim barreiras sistêmicas enraizadas na supremacia branca que vêm das raízes ‘civilizadoras’ e ‘caritativas’ do desenvolvimento e da filantropia.”

Fundos feministas negros são críticos no ecossistema de financiamento para organizações feministas negras e uma intervenção clara em um cenário de financiamento que, de outra forma, carece de recursos para organizações feministas negras. Apesar do crescimento nos últimos anos no número (e orçamentos) de fundos feministas negras, nossa pesquisa constatou que essas instituições ainda podem atender apenas entre 12-40% da demanda que recebem por financiamento de grupos feministas negros. Não podemos fazer a mudança sozinhas. Em vez disso, precisamos de filantropia para atender ao chamado há muito ecoado por investimentos em escala para os movimentos feministas negros.



*Através das Lentes Filantrópicas* revela que apenas uma única doação para mulheres negras, meninas e pessoas trans foi para as regiões do Oriente Médio e Norte da África. Como escreve Maie Panaga Babker, “isso contrasta com nosso conhecimento das contribuições e movimentos feministas negros nas regiões”. Maie assumiu a tarefa de mapear a organização feminista negra e entrevistar ativistas feministas negras nas regiões. Ela reúne uma crítica ao chamado ativismo feminista que ignora ou ofusca a existência e realidades de mulheres negras, meninas e pessoas trans, e lança luz sobre as maneiras pelas quais as feministas negras não estão apenas resistindo às interseções da opressão que enfrentam, mas também criando suas próprias narrativas e conhecimentos.

**“É então a hegemonia desses discursos desdenhosos, que colocam o racismo como tema secundário, em oposição à liberdade, aos direitos econômicos e sociais, que dificulta a abertura de um debate efetivo, profundo e crítico sobre raça e suas diversas interseções.”**

—Maie Panaga Babker

Em vez de esperança vazia, a contribuição de Maie está repleta de aspirações ancoradas pelo poder das mulheres negras nas regiões para transformar suas visões em liberdades concretas. Ela escreve de forma pungente: “temos a capacidade e o potencial de criar discursos que são alimentados pelo imaginário político, estendendo-se desde a herança ancestral até as gerações que prosperarão na mudança que alcançaremos.v”

A filantropia não é monolítica. Existem grandes faixas de filantropia que são contra as ideias e agendas feministas negras e estão apoiando agendas que prejudicam mulheres negras, meninas e pessoas com gênero diversificado. Em seu capítulo, Yannia Sofía Garzón Valencia, revela que trilhões de dólares são canalizados todos os anos para causas que são contra a autonomia corporal, direitos reprodutivos, economia justa, trabalho digno, paz, cuidado ecológico e administração, todas as quais são agendas que as feministas negras avançar.

De 2007 até hoje, a direita cristã americana entregou pelo menos 270 milhões de dólares globalmente contra os direitos das mulheres e das pessoas LGTBI+” Sofia escreve. Contrastando a mobilização das mulheres negras pela paz e pela vida, Sofia analisa mais profundamente os bilhões que estão entrando e os lucros obtidos pelo complexo industrial militar global. “Durante o ano de 2020, o gasto militar alcançou 1.981 bilhões de dólares no mundo”. Indo além, ela mostra a ligação entre indústrias extrativas e agendas de militarização e extrema-direita, usando o exemplo da Colômbia: “a partir de 2010, onde mais de 70 empresas do setor minero-energético firmaram mais de 1229 convenções de cooperação militar para a defesa da infra-estrutura do setor e programas de bem-estar dos militares que participam dos 20 batalhões especiais de mineroenergéticos e viadutos que existem no país”. Em sua crítica contundente, Sofia destaca os lucros corporativos retirados do complexo industrial prisional em que “a racialização continua sendo um dos critérios que determina a presença de mulheres no sistema de justiça criminal” em todo o mundo. Apesar do mito de que África e outros países do Sul Global são financiados pelo Norte Global, Sofia realça que as perdas da África com a fuga de capitais, ou seja, roubo e desvio, excedem a cooperação para o desenvolvimento que África recebe em mais de 6 mil milhões de dólares, “dito de outra maneira, o continente africano se torna um credor líquido do mundo”. Situar a filantropia e ajuda no contexto mais amplo de justiça racial, de gênero e econômica, *em oposição às agendas feministas negras*, nos lembra que ignorar os movimentos feministas negros tem um custo, e ele é ruinoso.

Se os últimos anos provaram alguma coisa, é que temos que recriar este mundo. Aqueles que são capazes de nos tirar desta crise ecológica, longe do precipício da guerra, fora do flagelo do empobrecimento em massa, são aqueles que sobreviveram contra todas as probabilidades, aqueles cuja criatividade e inovação permitiram que suas comunidades prosperassem, apesar o sistema hegemônico. O feminismo negro é um pensamento e uma prática que emerge das realidades e da alquimia de mulheres negras e pessoas de gênero diverso. O feminismo negro oferece a solução para um mundo em crise. Continuar a ignorar, subestimar, negligenciar e subestimar os movimentos feministas negros nos custará tudo.



# © FEMINISMO NEGRO

oferece a solução  
para um mundo em crise.

Continuar a  
ignorar,  
desvalorizar e  
subfinanciar os

Movimentos Feministas  
Negros nos custará tudo.

# Pelas Lentes da Filantropia

Por Cynthia Eyakuze



# Capítulo 1

## Visão geral

Apesar dos movimentos feministas negros manterem a linha contra o autoritarismo, mobilizando e liderando movimentos sociais e promovendo visões de um mundo mais justo, este relatório valida as preocupações de que muito pouco financiamento está indo diretamente para organizações e movimentos das feministas negras.

Embora não pretenda defender a importância e o impacto das organizações e movimentos feministas negros (consulte o capítulo *Uma visão do movimento* para saber mais), este capítulo revela as sempre presentes barreiras e desafios enfrentados por essas organizações na obtenção de recursos para seu trabalho. Essas barreiras incluem déficits de confiança, desconexões dos financiadores entre prioridades declaradas ou compromissos e práticas e vieses institucionais profundamente enraizados para acessar financiadores e oportunidades de financiamento.

As informações neste capítulo foram extraídas principalmente de dois bancos de dados que vêm coletando e analisando fundos para Direitos Humanos, Direitos das mulheres e igualdade de gênero por filantropia privada e governos, Candid (usado no relatório da Human Rights Funders Network (HRFN)) e OECD Rede DAC sobre Igualdade de Gênero (Gendernet). Informações adicionais foram obtidas por meio de uma revisão de relatórios e artigos publicados, incluindo mapeamentos de financiamento para comunidades negras nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, e entrevistas com fontes primárias de fundos feministas negros dentre outros.

A pesquisa revelou que muito poucos dados sobre o financiamento de organizações feministas negras são sistematicamente coletados e analisados, tornando invisível o importante trabalho realizado por essas organizações e movimentos, muitas vezes documentado na literatura cinzenta ou oralmente. Isso torna quase impossível ter uma visão abrangente e diversificada dos esforços para financiar o trabalho feminista negro em questões/setores e geografias no momento. Este capítulo é uma pequena contribuição nessa

direção.

A falta de dados também torna difícil avaliar o compromisso com o financiamento feminista, racial e igualitário e anticolonial que muitos doadores estão expressando cada vez mais. Os compromissos focados na justiça racial são relativamente novos fora do contexto dos Estados Unidos em particular e podem ainda não estar documentados. Rastreamento de doadores e análises que vêm tomando conta há alguns anos, como a revisão anual da Candid/Human Rights Funders Network sobre o financiamento de Direitos Humanos, indica que os relatórios atuais dos doadores são insuficientes para fornecer uma imagem clara. Especificamente, os dados que são relatados não permitem a captação de financiamento interseccional como o feito por fundos feministas e de mulheres negras.

Por outro lado, este capítulo mostra como os fundos feministas são importantes no fornecimento de recursos para esforços interseccionais, alguns fundos feministas negras estão se tornando mais bem sucedidos na mobilização de recursos e mais fundos focados em feministas e comunidades negras estão sendo estabelecidos em todo o mundo.

## O que sabemos sobre o financiamento

O financiamento dos Direitos Humanos está aumentando em geral<sup>1</sup>. Mulheres e meninas receberam US\$ 752 milhões ou 20% do financiamento geral de direitos humanos, embora apenas 33% do financiamento analisado incluísse dados específicos da população. Aprofundando essa análise, nossa pesquisa mostra que US\$ 198 milhões adicionais também foram codificados para pessoas trans, elevando o total de fundos de direitos humanos beneficiando mulheres, meninas e pessoas trans para US\$ 767 milhões. O financiamento bilateral para a igualdade de gênero tem aumentado constantemente, com US\$ 53 bilhões comprometidos em 2018-2019, compreendendo 44,5% da APD bilateral. A maior parte disso, US\$ 47,4 bilhões (40% da ODA), foi para programas com foco na integração de gênero, enquanto apenas US\$ 5,6 bilhões (5% do total da ODA) foram para esforços com igualdade de gênero e empoderamento das mulheres como objetivo principal. Apenas US\$ 690 milhões (1,3% do total da ODA para igualdade de gênero) foram para organizações e movimentos de direitos das mulheres como parte de doações do

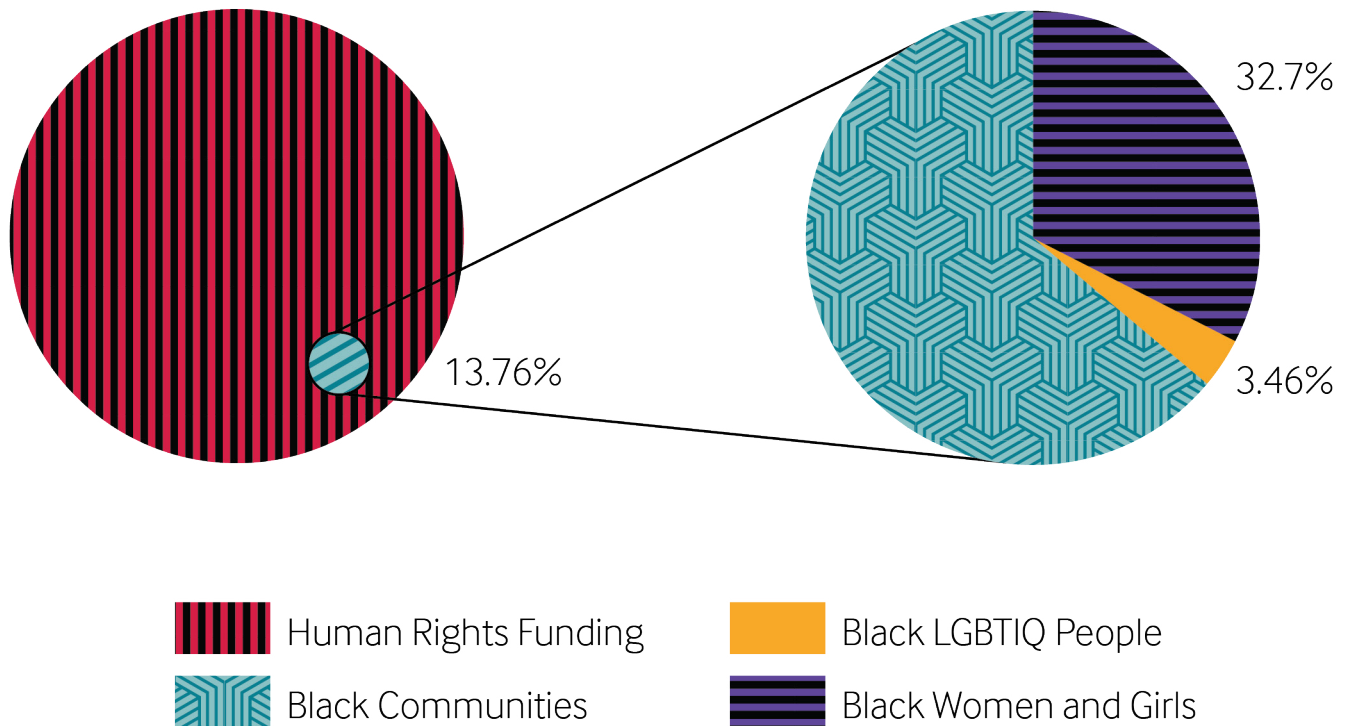
---

1 Candid and HRFN, Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021.

setor governamental e da sociedade civil.<sup>2</sup>

**13,76% do financiamento de direitos humanos vai para servir as comunidades negras globalmente (US\$ 511.093.082 anualmente).**

**Do financiamento de direitos humanos para comunidades negras, 32,7% vão para mulheres e meninas negras e 3,46% vão para pessoas negras LGBTIQ.**



Por outro lado, apenas 6% dos dólares filantrópicos apoiaram o trabalho de equidade racial e apenas 1% apoiou o trabalho de Justiça Racial.<sup>3</sup> Embora haja uma tendência positiva, principalmente nos últimos dois anos, de compromissos para aumentar o financiamento para justiça e equidade racial – dados sinceros mostraram um aumento no financiamento ou promessas de US\$ 3,3 milhões entre 2011-2019 para US\$ 4,2 bilhões em meados de 2020<sup>4</sup> – ou para responder ao impacto da pandemia em comunidades particularmente

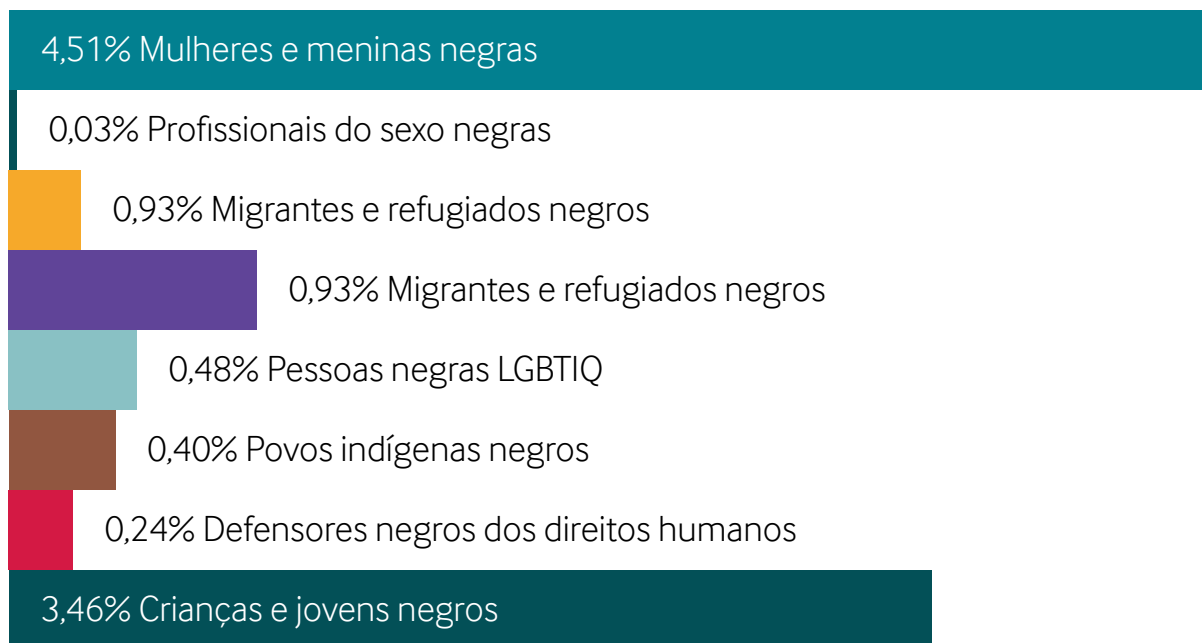
2 GenderNet, Development finance for gender equality and women’s empowerment: A 2021 snapshot, 2021.

3 Philanthropy Initiative for Racial Equity (authors Malkia Devich Cyril, Lyle Matthew Kan, Ben Francisco Maulbeck, and Lori Villarosa), Mismatched: Philanthropy’s Response to the Call for Racial Justice, 2020.

4 Anna Koob, What does Candid’s grant data say about funding for racial equity in the United States, 2020.

vulneráveis<sup>5</sup>, há preocupações sobre se o financiamento prometido chegou e se esse financiamento será mantido; apenas \$ 1,5 bilhão dos \$ 11,9 bilhões de promessas públicas em 2020 para a equidade racial poderiam ser rastreados até os destinatários<sup>6</sup>. Do financiamento de direitos humanos, US\$ 511 milhões foram codificados como beneficiando pessoas de ascendência africana em todo o mundo (US\$ 291 milhões para a África subsaariana e US\$ 220 milhões para pessoas de ascendência africana em outras regiões).

## Porcentagem de financiamento de direitos humanos (em valores em dólares) que vai para comunidades negras globalmente



Evidências sugerem que o financiamento não está indo para toda a gama de trabalho necessária para a mudança transformadora e é insuficiente para lidar com o subfinanciamento histórico de grupos negros.<sup>7</sup> O escasso financiamento para grupos liderados por negros também foi destacado em pesquisas que mostram que apenas 0,5% de 66,9 bilhões em doações de fundações dos EUA relatadas em 2018 foram para mulheres e meninas de cor<sup>8</sup> e 0,7% ainda menor de doações em 2017-18 no Canadá

5 The Black Trans Fund described seeing an increase in funding to trans-led groups during the pandemic but also noted that this funding has not been sustained.

6 PolicyLink and Bridgespan, Moving from intention to impact: funding racial equity to win, 2021.

7 PolicyLink and Bridgespan, Moving from intention to impact: funding racial equity to win, 2021.

8 Ms. Foundation and Strength in Numbers (Erin Howe and Somjen Frazer authors), Pocket Change: How Women and Girls of Color Do More With Less, 2020.



foi para organizações de atendimento a negros e 0,07% para organizações lideradas por negros.<sup>9</sup>

O que podemos extrapolar desses números sobre o financiamento do gênero e o financiamento da justiça racial para o trabalho as feministas negras foi o ímpeto de nossa pesquisa.

De todo o financiamento de direitos humanos – US\$ 3,7 bilhões em 2018, apenas US\$ 17,8 milhões, cerca de 5% do financiamento (em termos de dinheiro e número de doações), foram para mulheres negras, meninas e pessoas trans. Significa que apenas 0,1% - 0,35% das doações globais para fundações foram para mulheres negras, meninas e pessoas trans<sup>10</sup>.

Anos de defesa e trabalho árduo de organizações e movimentos feministas e de direitos das mulheres estão dando frutos, com os últimos anos vendo ênfase particular no financiamento e práticas de financiamento que são 'decoloniais' e contribuem para a justiça racial e de gênero. Apesar de celebrar esta tendência, que contribuiu para alguns aumentos no financiamento, os números ainda contam uma história de subfinanciamento terrível e há preocupações sobre quão genuíno é o compromisso e se ele será mantido ou se tornará uma tendência passageira.

## **Emissão e financiamento setorial**

É difícil determinar o financiamento focado em setores ou questões que vão para grupos feministas negros. No entanto, mesmo em questões em que as evidências mostram que os grupos feministas têm maior impacto, como a violência contra as mulheres, há um terrível subfinanciamento de grupos liderados por constituintes. Do financiamento de \$ 541 milhões para VAW da ODA, por exemplo, \$ 138 milhões (25% do financiamento VAW) foram alocados por meio de organizações da sociedade civil, que podem ou não ser direitos das mulheres ou organizações feministas. Dos dólares destinados ao financiamento dos Direitos Humanos, 0,75% vai para a libertação da violência para mulheres negras, meninas e pessoas trans<sup>11</sup>.


---

9 Network for the Advancement of Black Communities and Carleton University's Philanthropy and Nonprofit Leadership program, *Unfunded: Black Communities Overlooked by Canadian Philanthropy*, 2020.

10 Hakima Abbas and Kellea Miller, *The Dire State of Funding for Black Feminist Movements—and What Donors Can Do About It*, 2021.

11 Candid and HRFN, *Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking*, 2021.





Os dados de financiamento bilateral revelam que as doações relacionadas à igualdade de gênero são mais baixas nos setores de energia e ajuda humanitária.<sup>12</sup> Em pelo menos dois setores com muitos recursos e onde as mulheres são mais afetadas e, simultaneamente, fundamentais para encontrar soluções, mudanças climáticas e respostas humanitárias (muito menos para mulheres, paz e segurança dentro desse setor), é seguro dizer que pouco a talvez nenhum recurso esteja indo para grupos de feministas negras. No caso de recursos bilaterais para mudanças climáticas, por exemplo, dos US\$ 18,9 bilhões (57% dos US\$ 33,1 bilhões de ODA em 2018-2019 para questões relacionadas ao clima) para integração de gênero ou dedicados à igualdade de gênero/empoderamento das mulheres, US\$ 2,4 bilhões (12,6%) foram para ONGs, mas apenas US\$ 43 milhões (0,22% do financiamento climático e 1,8% do que foi para ONGs) foram para “organizações e movimentos e instituições feministas, lideradas por mulheres e de direitos das mulheres”.<sup>13</sup> O relatório não especificou onde as organizações que receberam esse financiamento estavam baseadas, no entanto, apenas dois dos 10 principais países que receberam ajuda relacionada ao clima estavam na África - Etiópia e Moçambique - e o restante na Ásia. Nenhum estava no Caribe, apesar da região ser desproporcionalmente afetada pelas mudanças climáticas. Dos dólares destinados ao financiamento dos direitos humanos, apenas 0,37% vai para os direitos ambientais e de recursos de mulheres negras, meninas e pessoas trans.<sup>14</sup>

No setor de mulheres, paz e segurança/humanitário, a ODA é a segunda maior fonte de financiamento externo depois das remessas. Dos US\$ 20,3 bilhões em ajuda para integração ou dedicados à igualdade de gênero em 2018-2019,<sup>15</sup> apenas US\$ 199 milhões foram para “algum tipo de organização da sociedade civil de direitos das mulheres” e escassos US\$ 25 milhões (entre 12% -13% da ajuda total para feministas/grupos de direitos das mulheres) foi diretamente para uma organização em um país parceiro. Isso é corroborado por uma pesquisa de 2020 de organizações locais de mulheres financiadas pelo Fundo Humanitário e de Paz das Mulheres da ONU, que mostrou que 60% das organizações locais de mulheres pesquisadas observaram como oportunidades e informações insuficientes de financiamento colocam suas organizações

---

12 GenderNet, Development finance for gender equality and women’s empowerment: A 2021 snapshot, 2021.

13 Gendernet, Development finance for gender equality: the Generation Equality Forum Action Coalitions, 2021.

14 Candid and HRFN, Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021.

15 OECD data from 2017–2018 describes total bilateral aid from DAC countries to fragile contexts as reaching \$46.8 billion, representing 45% of bilateral aid. Gendernet, Twentieth Anniversary of UN Security Council Resolution 1325: financing gender equality and women’s empowerment in fragile contexts, 2020.

em risco e como o financiamento inflexível que não ter em conta contextos de trabalho de crise e fragilidade. Dos 154 entrevistados, 98 eram da África, 40 de países árabes e 6 da ALC. Dos dólares destinados ao financiamento dos direitos humanos, o financiamento de apenas 0,09% vai para a justiça e paz de transição e 0,10% para migração e deslocamento.<sup>16</sup>



1,46% do financiamento de direitos humanos vai para direitos sexuais e reprodutivos de mulheres negras, meninas e pessoas trans



0,98% para direitos de igualdade e liberdade de discriminação de mulheres negras, meninas e pessoas trans



0,75% vai para a libertação da violência contra mulheres, meninas e pessoas trans negras



0,37% para direitos ambientais e de recursos de mulheres negras, meninas e pessoas trans



0,33% para saúde e bem-estar de mulheres negras, meninas e pessoas trans



0,22% direitos econômicos e trabalhistas de mulheres, meninas e pessoas trans negras



0,10% para migração e deslocamento de mulheres, meninas e pessoas trans negras



0,07% à participação cívica e política de mulheres, meninas e pessoas trans negras



0,09% para acesso à justiça/igualdade perante a lei de mulheres, meninas e pessoas trans negras




0,09% para justiça de transição e paz de mulheres negras, meninas e pessoas trans



0,01% aos direitos de expressão e informação de mulheres, meninas e pessoas trans negras


16 Candid and HRFN, Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021.





# O financiamento está indo para a diversidade de grupos de feministas Negras?

O financiamento na maioria das regiões negras e os relatórios de mapeamento dos EUA mostram que, no geral, há dados desagregados limitados para dar uma boa imagem do financiamento indo para uma gama diversificada de grupos feministas negros. Nossa pesquisa revela o financiamento muito pequeno que beneficia mulheres negras, meninas e comunidades trans e, da mesma forma, o mapeamento feito por Mama Cash dos movimentos feministas negros e muçulmanos na Europa. A pesquisa mostrou a falta de um “mecanismo confiável para rastrear ou identificar doações filantrópicas para meninas negras porque a maioria dos financiadores não desagrega as doações por raça e gênero”<sup>17</sup> e que “uma abordagem daltônica ao financiamento predomina na filantropia [com] doações que especificam um foco em pessoas de cor é substancialmente menor do que a proporção da população que representam”.<sup>18</sup> Conforme observado anteriormente, uma análise secundária direcionada dos dados analisados no relatório HRFN, apenas 5% do financiamento total de direitos humanos em 2018-2019 foi para mulheres negras, meninas e comunidades transgênero.<sup>19</sup>



---

17 Urban Institute, *Assessing the Funding Landscape for Programs in Support of Black Girls*, 2021.

18 Anna Koob, *What does Candid’s grant data say about funding for racial equity in the United States*, 2020.

19 Candid and HRFN, *Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking*, 2021.

## Menos de 5 por cento vai para as seguintes áreas:



4,51% do financiamento de direitos humanos vai para mulheres e meninas negras

1,09% vai para meninas e jovens negros

0,19% vai para apoiar mulheres negras, meninas e defensoras dos direitos humanos trans


0,02% vai para apoiar os direitos das mulheres negras e profissionais do sexo trans

0,09% vai para mulheres negras, meninas e pessoas trans com deficiência

0,43% vai para mulheres negras, meninas e trans migrantes e refugiados

0,26% vai para mulheres e meninas negras LGBTIQ

0,16% vai para mulheres e meninas indígenas negras



Dado que as doações de direitos humanos representam 2% a 7% do financiamento da fundação globalmente. Mesmo na definição mais ampla, isso significa que:

## Menos de 1 por cento vai para as seguintes áreas

- 0,09% - 0,31% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das mulheres negras, meninas e pessoas trans em todo o mundo
  - 0,02% - 0,08% dos dólares da fundação anualmente vão para apoiar os direitos das meninas e jovens negros
  - 0,002% - 0,006% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das mulheres negras, meninas e pessoas trans com deficiência
  - 0,003% - 0,011% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos dos povos indígenas negros
  - 0,004% - 0,013% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das mulheres negras, meninas e defensores dos direitos humanos trans
  - 0,005% - 0,018% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das pessoas negras LGBTIQ
  - 0,009% - 0,03% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das mulheres negras, meninas e transmigrantes e refugiados
- 0,0004% - 0,0014% dos dólares anuais da fundação vão para apoiar os direitos das mulheres negras e profissionais do sexo trans

## Tendências regionais de financiamento

\$ 674 milhões (compreendendo 1,3% do total de \$ 53 bilhões ODA para igualdade de gênero) foram comprometidos anualmente em 2018-19 para apoiar “organizações, movimentos e instituições feministas, lideradas por mulheres e de direitos das mulheres”. Desse total, apenas US\$ 40 milhões (6% do financiamento para grupos feministas e de direitos das mulheres, mas 0,08% da ODA para igualdade de gênero) foram para uma organização da sociedade civil feminista ou de direitos das mulheres localizada em uma região parceira. A maioria foi para “ONGs baseadas em doadores”, seguidas por instituições multilaterais, instituições do setor público e ONGs internacionais.



## África

## América do Norte

Para a África , entre 2011-2015, apenas 5,9% dos US\$ 9 bilhões em financiamento de fundações dos EUA para a África Subsaariana foram para organizações locais e, em 2017, apenas 0,4% dos US\$ 21,2 bilhões em assistência humanitária internacional total foram recebidos diretamente por organizações locais e nacionais.<sup>20</sup> Outro relatório citou dados da Candid e do African Grant makers' Affinity Group (AGAG) mostrando que , embora "o financiamento de fundações dos EUA para a África tenha saltado mais de 400%, de US\$ 288,8 milhões em 2002 para quase US\$ 1,5 bilhão em 2012... [m] a maior parte desse financiamento, no entanto, foi para organizações com sede fora da África."<sup>21</sup> Essa lacuna de confiança é discutida mais adiante na seção sobre barreiras e desafios no acesso a financiamentos enfrentados por organizações negras. Para o financiamento bilateral, embora o relatório Gendernet tenha algumas informações resumidas sobre o financiamento para organizações e movimentos feministas, isso não é suficientemente desagregado nas organizações beneficiárias.

Para a América do Norte , um total de US\$ 356 milhões em doações para mulheres e meninas negras representa um minúsculo "meio por cento" dos US\$ 66,9 bilhões em doações de fundações para essas populações como proporção da população que elas representam com base no censo dos EUA de 2017. Embora muito menos informações estejam disponíveis para o Canadá, o primeiro relatório sistemático<sup>22</sup> de financiamento para organizações negras revelou um financiamento quase insignificante de organizações lideradas por negros, com apenas 6 das 40 fundações públicas e privadas pesquisadas financiando organizações de atendimento a negros e apenas 2 organizações lideradas por negros. O relatório, além disso, observa que esse financiamento foi "minúsculo, esporádico, não sustentado e sem investimento em capacidades de longo prazo" e conclui com um apelo à criação de uma Fundação para Comunidades Negras.

---

20 African Philanthropy Forum and The Bridgespan group, Disparities in Funding for African NGOs: unlocking philanthropy for African NGOs as pathway to greater impact, 2021.

21 Bhekinkosi Moyo and Kenny Imafidon, Barriers to African Civil Society: building the sector's capacity and potential to scale-up, 2021.

22 Network for the Advancement of Black Communities and Carleton University's Philanthropy and Nonprofit Leadership program, Unfunded: Black Communities Overlooked by Canadian Philanthropy, 2020.

## Europa



Os dados da Europa, embora muito escassos, indicam níveis muito baixos de financiamento para comunidades negras e organizações lideradas por negros. Alguns insights da pesquisa direcionada, no entanto, revelaram uma situação de financiamento ruim; um relatório<sup>23</sup> sobre financiamento em 2020 para organizações e comunidades lideradas por negros que sofrem injustiça racial no Reino Unido mostrou que apenas 44,5% de aproximadamente 100 milhões de libras foram para organizações voluntárias e comunitárias de negros e minorias étnicas, incluindo um número com foco em mulheres e um fundo visando especificamente organizações negras e de minorias étnicas. Grande parte desse financiamento se concentrou nas respostas à Covid e “faltou financiamento para ... uma estratégia mais ampla, infraestrutura básica além de março de 2021”. Da mesma forma, um mapeamento dos movimentos feministas negros e/ou muçulmanos na Europa destacou os desafios, descritos mais abaixo, que tais movimentos enfrentam para acessar financiamento.<sup>24</sup>

---

23 Baobab Foundation UK, Dilhani Wijeyesekera, Digging deeper: insights on tailored funding to organizations led by Black people and communities experiencing racial injustice in 2020, 2021.

24 Mama Cash and Elpida, Fatima Ali (author), Mapping the European landscape of Black and/or Muslim feminist movements, 2021.



Muito pouca informação publicada está disponível sobre financiamento privado ou bilateral para organizações feministas negras na América Latina e Central .

## **Lição de Financiamento: Nomeie Feministas Negras**

Em entrevista ao FCAM – Fundo para Mulheres da América Central, que existe há 18 anos, elas relataram receber pouquíssimas propostas de organizações feministas negras. Isso mudou em 2019, quando eles fizeram sua primeira chamada de propostas com alcance ativo para mulheres com deficiência, bem como mulheres afrodescendentes, meninas e pessoas trans e isso, juntamente com uma chamada de financiamento focada na justiça ambiental I. A FCAM procurou ativamente grupos de afrodescendentes, o que resultou no financiamento de 10 feministas negras, incluindo organizações trans e lideradas por jovens em 5 países (Panamá, Belize, Honduras, Costa Rica, Nicarágua). Esses subsídios totalizaram aproximadamente US\$ 210.000, com subsídios variando de US\$ 10.000 a US\$ 30.000 e organizações que trabalham em uma série de questões, incluindo direitos sexuais e reprodutivos, violência contra as mulheres e justiça ambiental. A chamada direcionada da FCAM veio na sequência de um mapeamento por duas fundações privadas, com essa informação posteriormente compartilhada com a FCAM, permitindo-lhes fazer divulgação direcionada para organizações feministas negras. As doações são plurianuais e flexíveis e a FCAM pretende continuar tanto com a concessão de doações quanto com outros engajamentos envolvendo ativamente organizações feministas negras para entender melhor suas prioridades e necessidades. A experiência da FCAM ressalta a importância de os financiadores mencionarem explicitamente os compromissos de apoio às feministas negras se quiserem ter mais sucesso em alcançá-las.

## O Caribe

---

Houve bastante variação nas informações disponíveis sobre financiamento nas diferentes regiões onde há grandes populações de mulheres negras, meninas e pessoas trans. A região com menos informações publicadas disponíveis foi o Caribe. Uma análise secundária da base de dados Gendernet revelou um total de ajuda àquela região em 2018 e 2019 de aproximadamente US\$ 1,235 bilhão, com uma redução significativa em 2019 (~448 milhões de dólares) em relação a 2018 (~786 milhões de dólares). No entanto, muitos dos países do Caribe (segundo a definição da OCDE) não receberam ajuda ao desenvolvimento para a igualdade de gênero naqueles anos. O Haiti recebeu a maior parte da ajuda para a igualdade de gênero em ambos os anos, com Cuba, República Dominicana, Jamaica e Montserrat e o financiamento regional reunindo os 5 principais destinatários (não consistentemente nessa ordem ao longo dos anos). Houve uma redução de 25% no financiamento regional (ou seja, não específico para um país) entre 2018 e 2019, enquanto o financiamento para a Jamaica dobrou. Os dados não indicaram se o financiamento foi para organizações feministas. Um importante esforço de financiamento foi a iniciativa do governo canadense Women, Voice and Leadership, aproximadamente US\$ 3,6 milhões (CAD 4,8 milhões) em cinco anos para organizações de direitos das mulheres e grupos LGBTQI+ na região (excluindo o Haiti).<sup>25</sup>

Notavelmente, apenas 1 subsídio foi para mulheres negras, meninas e pessoas trans no Oriente Médio e Norte da África e um único subsídio global foi destinado a atender mulheres negras, meninas e pessoas trans. O capítulo *Embarcando em uma missão* revela o importante ativismo de mulheres negras, meninas e pessoas trans nas regiões do Oriente Médio e Norte da África, o que levanta ainda mais a questão de por que esse ativismo não está sendo apoiado. Similarmente, “A organização feminista negra sempre foi transnacional e profundamente internacionalista. O ativismo e as agendas feministas negras são globais, embora enraizadas no local, e o financiamento deve refletir isso.”<sup>26</sup>

---

25 <https://equalityfund.ca/what-we-do/womens-voice-and-leadership-caribbean/>

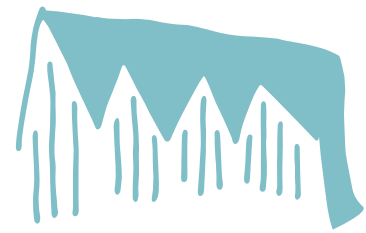
26 Hakima Abbas and Kellea Miller, *The Dire State of Funding for Black Feminist Movements—and What Donors Can Do About It*, 2021.

## Oriente Médio e Norte da África

---



# As barreiras e preconceitos



Nossa pesquisa revela que existem várias barreiras e preconceitos que obstruem o acesso ao financiamento para grupos feministas negros globalmente. As barreiras precisam ser derrubadas e os preconceitos sistematicamente abordados.

## As prioridades declaradas dos doadores e as práticas de financiamento nem sempre coincidem

As prioridades declaradas do financiador também nem sempre estão alinhadas com quem é financiado diretamente para efetuar o trabalho. O Black Trans Fund, por exemplo, compartilhou suas experiências de financiadores que afirmam apoiar comunidades trans, mas não financiam diretamente organizações comunitárias lideradas por trans.<sup>27</sup> Da mesma forma, a filantropia é inconstante e muitas vezes pode estar mais interessada em financiar uma questão quando há visibilidade em torno da violência, em vez de apoiar a transformação consistentemente. Como disse Tynesha McHarris, do Fundo Feminista Negra, “os financiadores são frequentemente mobilizados em torno da morte negra, mas menos interessados em financiar a vida negra”.

O Black Trans Fund descreveu a experiência de organizações em sua comunidade recebendo grandes quantias de recursos em um ano e o financiamento terminando abruptamente, resultando em instabilidade para as organizações e seu trabalho. O aumento no financiamento também foi descrito como sendo focado em projetos e, portanto, não contribuindo para a sustentabilidade de longo prazo das organizações na linha de frente.

O financiamento continua a ser amplamente isolado por questão ou população, tornando difícil para as organizações fazerem um trabalho interseccional entre questões, populações e movimentos e usar uma variedade de estratégias diferentes para obter financiamento. No entanto, a maioria das feministas negras trabalha de maneira interseccional em várias questões, como justiça racial, econômica e de gênero, entre muitas outras.

Apesar dos financiadores cada vez mais descreverem seu trabalho como financiamento baseado em confiança, a maioria mantém práticas onerosas de aplicação e relatórios que não são experimentadas como baseadas em confiança pelos destinatários.

---

27 Interview with the Black Trans Fund, December 7, 2021.

Embora os fundos feministas negros sejam a solução para muitos grupos comunitários receberem financiamento de baixo custo, os próprios fundos feministas expressaram preocupação sobre como as condicionalidades associadas a alguns de seus próprios fundos e os pesados requisitos de relatórios arriscavam transformá-los em tecnocratas de conformidade.<sup>28</sup> No entanto, durante a pandemia do COVID19, algumas fundações privadas introduziram uma flexibilidade significativa nos requisitos de relatórios, incluindo a capacidade de enviar relatórios orais em chamadas telefônicas - sugerindo que tal flexibilidade é de fato possível e uma questão de vontade. O financiamento específico e inflexível do projeto é particularmente desafiador para grupos feministas negros liderados por constituintes neste momento de ataque crescente às agendas feministas negras e um mundo passando por múltiplas crises. O momento global exige dos grupos feministas negras agilidade e ousadia que somente o financiamento flexível e básico pode suportar.

## **A lacuna de confiança racializada e de gênero**

O sistema de financiamento atual tem uma lacuna de confiança racializada profundamente enraizada globalmente, conforme demonstrado em como o financiamento destinado ao trabalho no Sul Global ou com negros e outras comunidades de cor marginalizadas no Norte Global flui. A diferença é particularmente grande para a África e o Caribe, ambas regiões de maioria negra. Apenas 33% do financiamento de direitos humanos foi diretamente para organizações com sede na África, com apenas 8% como financiamento flexível, enquanto no Caribe, apenas 18% foi diretamente para organizações com base lá, com escassos 2% que eram flexíveis. Compare isso com a América do Norte, onde 100% do financiamento foi recebido diretamente com 29% do mesmo flexível, seguido por grupos da Europa Ocidental que receberam 87% do financiamento direto com 11% flexível. Em seguida veio a América Latina, com 60% em financiamento direto e 20% em financiamento flexível, depois a região MENA com 46% em financiamento direto e 9% em financiamento flexível<sup>29</sup>. As “Disparidades no Financiamento para ONGs Africanas” corroboram isso, mostrando que apenas 5,9% do financiamento de fundações dos EUA na África em 2011-2015 foi para organizações baseadas na África, com um entrevistado observando que geralmente há uma “significativa falta de confiança relacionada [para] a capacidade da liderança das ONGs africanas... É assim que a maioria das pessoas pensa... Os líderes locais não conseguem cumprir os contratos, podem estar envolvidos em corrupção, não denunciam honestamente, todas essas coisas fazem parte da imagem que frequentemente domina a nível internacional doador pensando em África.”

---

28 Interview with Urgent Action Fund-Africa, December 6, 2021.

29 Candid and HRFN, Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021.

Sem surpresa, a lacuna de confiança é tanto racial quanto de gênero, com alguns dos dados mais claros provenientes de um relatório da Echoing Green sobre seu próprio trabalho, mostrando que no grupo de candidatos em estágio inicial dos EUA em 2019 considerados os mais promissores, as disparidades totalizaram a uma diferença de \$ 20 milhões entre organizações em estágio inicial lideradas por negros e lideradas por brancos - 492 organizações lideradas por negros arrecadaram \$ 40 milhões em comparação com \$ 61 milhões arrecadados por organizações lideradas por brancos - e que essas disparidades aumentaram à medida que as organizações tentavam crescer. Ainda mais preocupante é que os ativos líquidos irrestritos de organizações lideradas por negros, “um proxy para confiança”<sup>30</sup>, eram 76% menores do que as organizações lideradas por brancos. Eles também observaram que as líderes negras recebiam menos apoio do que homens negros e mulheres brancas. Echoing Green também destacou as desigualdades interseccionais observadas em seu conjunto de candidatos, observando especificamente que “ao longo das linhas de gênero, candidatas caucasianas, europeias e brancas têm uma média de fundos arrecadados \$ 25.000 a menos do que seus colegas do sexo masculino - embora os efeitos de raça e etnia no financiamento sejam evidente, também, com candidatos africanos, afro-americanos e mulheres negras arrecadando uma média de \$ 47.400 a menos do que homens caucasianos, europeus e brancos.<sup>31</sup> Mais evidências vieram de uma entrevista realizada para esta pesquisa com o Women Fund Tanzania Trust, onde eles descreveram como as ONGs internacionais receberam mais financiamento para o trabalho relacionado à reforma constitucional do que as organizações nacionais/locais que sabem mais sobre seu contexto e, portanto, estavam em melhor posição para fazer o trabalho.

REGIÃO	FINANCIAMENTO DIRETO	PERCENTAGEM DE FINANCIAMENTO FLEXÍVEL
África	33%	8%
Caribbean	18%	2%
North America	100%	29%
Western Europe	87%	11%
Latin America	60%	20%
MENA	46%	9%

30 Savage, B., Dorsey, C., Kim, P., Daniels, C., & Sakaue, L. (2020). Overcoming the Racial Bias in Philanthropic Funding. *Stanford Social Innovation Review*.

31 Echoing Green, State of Social Social Entrepreneurship 2019, 2019.



# Os múltiplos vieses

A lacuna de confiança resultante em disparidades no financiamento geográfico, racial e de gênero descrito acima está enraizada em vieses históricos que continuam a ocorrer até hoje. Esses preconceitos incluem os raciais descritos na seção anterior e manifestados em mais financiamento para organizações lideradas por brancos; viés de familiaridade em que a preferência é dada a organizações que são conhecidas pelos financiadores ou possuem credenciais com as quais os financiadores estão mais familiarizados, conforme discutido mais abaixo; e viés cultural<sup>32</sup> que se manifesta através da preferência por estilos de comunicação ocidentais, inglês como a principal língua de comunicação e termos subjetivos, amplamente definidos pelo Ocidente, como “polido”, “profissionalismo” usados para avaliar a capacidade.

“ os doadores preferem ONGs internacionais de financiamento porque são profissionalizadas, urbanas e têm as habilidades, credibilidade e recursos necessários para lidar com a arquitetura dos doadores. Além disso, as ONGs internacionais entendem o ‘jargão do doador’, incluindo a responsabilidade e os requisitos de relatórios que são vistos para garantir o valor do dinheiro e a eficácia do projeto. Também é conveniente para os doadores do Norte financiar organizações do Norte que trabalham em questões africanas, em vez de organizações africanas locais.”<sup>33</sup>

## Vieses e barreiras nas práticas de financiamento

Há muitas maneiras pelas quais os vieses aparecem e são experimentados no financiamento, desde percepções sobre capacidade e risco, processos opacos, acessibilidade de financiadores e oportunidades de financiamento, proximidade do financiador de certas organizações, juntamente com a distância de contextos e comunidades marginalizados e aplicação onerosa e requisitos de relatórios. Devemos deixar claro que essas barreiras não são barreiras técnicas essenciais para a devida diligência, mas sim barreiras sistêmicas enraizadas na supremacia branca que vêm das raízes ‘civilizadoras’ e ‘caritativas’ do desenvolvimento e da filantropia.

32 The framing of racial, familiarity, and cultural biases was drawn from “African Philanthropy Forum and The Bridgespan group, Disparities in Funding for African NGOs: unlocking philanthropy for African NGOs as pathway to greater impact, 2021.”

33 Bhekinkosi Moyo and Kenny Imafidon, Barriers to African Civil Society: building the sector’s capacity and potential to scale-up, 2021.

# 1

As avaliações de risco são carregadas de viés. As organizações e fundos liderados por feministas negras entrevistados para esta pesquisa descreveram o fato de serem confrontados com requisitos excessivos para “provar a si mesmos” e escrutínio extra durante a devida diligência como provenientes de percepções tendenciosas sobre sua capacidade e o ‘risco’ de financiá-los. Eles desafiaram os doadores que dizem “confiar nas mulheres negras” a realmente mostrar isso na prática. Um viés relacionado, embora menos documentado, é expresso por meio de preocupações de doadores (muitas vezes a portas fechadas) sobre a “capacidade de absorção” de organizações lideradas por constituintes e baseadas na comunidade (muitas vezes descritas como ‘locais’ e erroneamente associadas como ‘pequenas’), o que resulta em um financiamento muito menor para esses grupos ou doadores que preferem financiar organizações sediadas no Norte para, em seguida, subconceder pequenas quantias a grupos liderados por constituintes. É claro que essa narrativa é auto-realizável: como os financiadores não fornecem financiamento maior, principal, flexível e de longo prazo para organizações lideradas por constituintes e baseadas na comunidade, esses grupos enfrentam restrições para aumentar seu trabalho, alcance e impacto, têm mais dificuldade em atrair mais financiamento, não têm financiamento para pagar pessoal ou aumentar o seu pessoal e raramente conseguem manter o seu trabalho a longo prazo (e assim tornarem-se bem estabelecidos). Mais financiadores devem considerar o financiamento de grupos feministas negros de forma a construir intencionalmente sua capacidade de absorção, sua força organizacional e apoiar sua resiliência e sustentabilidade a longo prazo.

# 2

Existe uma prática estabelecida de controle do acesso ao financiamento. Com financiadores baseados principalmente no Norte Global, as organizações que não têm conexões anteriores ou recomendações pessoais têm acesso formal e informal mais fácil a eles, o que as coloca em uma posição privilegiada para acessar informações e defender oportunidades de financiamento. O relatório “Moving more money to drivers of change”<sup>34</sup>, por exemplo, discute a dificuldade de acesso a doadores para as organizações. As organizações e fundos feministas negros entrevistados para esta pesquisa compartilharam experiências semelhantes, com as tensões que experimentaram ao estabelecer autonomia em relação a organizações globais que os incubaram e tinham linhas diretas com financiadores que agora estavam estabelecendo de forma independente. Construir e manter relacionamentos com doadores leva uma quantidade significativa de tempo para grupos e fundos feministas negros.

---

34 AWID, Mama Cash and Count Me In Consortium, Moving more money to the drivers of change: How bilateral and multilateral funders can resource feminist movements, 2020.

# 3

Para agravar o impacto do viés anterior, há o que o relatório “Movendo mais dinheiro para os impulsionadores da mudança” descreve como “obstáculos na filantropia”, que incluem limitações na capacidade interna, como falta de experiência e/ou conhecimento sobre organização feminista. Esse obstáculo é particularmente exacerbado para organizações feministas negras em um contexto em que poucas mulheres negras e pessoas de gênero expansivo ocupam posições de poder em organizações filantrópicas. Essa contratação de pessoal é importante porque o relatório discute como o pessoal da fundação que está conectado com movimentos feministas às vezes trabalha em estreita colaboração com o movimento em estratégias para ajudá-los a mudar suas instituições de dentro, apesar do espaço muitas vezes isolado para mudança dentro das instituições. Isso pode ser transformador para organizações negras; o Black Trans Fund, por exemplo, descreveu o apoio que recebem de negros e outros funcionários de cor em instituições filantrópicas. A questão da equipe reforça a importância de espaços como a conferência Bringing it B(l)ack, que criou uma oportunidade importante para reunir mulheres negras em filantropia na comunidade para compartilhar, aprender umas com as outras e criar estratégias coletivamente sobre como obter melhores recursos feministas negros movimentos. Isso também é importante, dado o racismo documentado e o patriarcado experimentado por mulheres negras e pessoas trans que trabalham na filantropia.<sup>35</sup>

# 4

Os requisitos de aplicativos e relatórios são opacos, onerosos e caros. Participantes da Pesquisa de OSCs sobre Mulheres, Paz e Segurança e Ação Humanitária relataram como “processos e procedimentos complicados e complexos atuam como um impedimento para organizações de mulheres locais engajadas e qualificadas”<sup>36</sup>, como o financiamento não é flexível para organizações menores e não considere as realidades e restrições do trabalho em contextos de crise e fragilidade. De fato, grupos feministas negros globalmente enfrentam a barreira de orçamentos curtos e rígidos, prazos políticos e limites de financiamento que são muito altos ou muito baixos, e abordagens estereotipadas para devida diligência e mitigação de riscos.<sup>37</sup>

---

35 Maria. S. Johnson, Black Women Face Multiple Forms of Racism in Philanthropy, 2021. <https://johnsoncenter.org/blog/black-women-face-multiple-forms-of-racism-in-philanthropy/> accessed March 14, 2022.

36 Women’s Peace and Humanitarian Fund, CSO Survey on Women, Peace and Security and Humanitarian Action, 2021.

37 AWID, Mama Cash and Count Me In Consortium, Moving more money to the drivers of change: How bilateral and multilateral funders can resource feminist movements, 2020.



# O problema com os dados

Nossa pesquisa revelou vários desafios com os dados coletados e relatados que tornam difícil avaliar verdadeiramente o financiamento destinado a grupos feministas negros globalmente.

A maioria dos dados sobre financiamento que revisamos pode ser descrita como “cega interseccional”, pois os dados não permitem uma análise transversal do financiamento de questões, populações, identidades e organizações que recebem o financiamento. Essa falta de dados de financiamento interseccional dificulta a avaliação de quais “populações” estão recebendo o financiamento e quem está conduzindo o trabalho. Quando os financiadores não são explícitos sobre o apoio a esforços interseccionais, incluindo em particular aqueles realizados por grupos feministas negros liderados por constituintes, torna-se difícil para essas organizações saber sobre o financiamento que pode de fato estar disponível para eles. Isso pode incluir, por exemplo, oportunidades de financiamento responsivas à Covid que não mencionam explicitamente o foco na equidade e/ou grupos raciais e étnicos específicos, o que pode desencorajar a inscrição de organizações com foco nessas questões e comunidades. Essa análise também permitirá uma visão melhor de como os financiadores declararam as intenções sobre financiamento interseccional, ou seja, financiamento para organizações que trabalham em várias questões simultaneamente e usam várias estratégias, correspondem às doações reais, identificam lacunas e indicam onde as práticas de financiamento precisam mudar. No momento, os dados mostram uma desconexão real entre declarações sobre a importância de apoiar mulheres negras e feministas e a realidade de como essas organizações e movimentos recebem recursos.



# Human Rights Funders Network (HRFN) —MOVENDO EM DIREÇÃO À INTERSECCIONALIDADE

Ao cobrir diferentes questões e populações, HRFN reconhece que seus relatórios até agora foram feitos de forma isolada, com pouca ou nenhuma análise sobre o financiamento de questões múltiplas e populações com identidades múltiplas. A HRFN reconheceu isso como uma deficiência e planeja melhorar em relatórios futuros com, por exemplo, a análise explícita de dados raciais e étnicos. A HRFN escreveu em seu relatório de 2021 que não incluir previamente grupos raciais e étnicos – totalizando aproximadamente 5.000 doações e 25% dos dólares de doações em 2018 – em sua análise “tem sido uma lacuna em ... análises anteriores e dificultou [suas] contribuições para apoiar uma resposta filantrópica mais coordenada ao racismo sistêmico e à desigualdade”. A HRFN está agora trabalhando para aprofundar sua compreensão da interseccionalidade e como ela pode ser usada em relatórios futuros para lidar com esse viés na geração, coleta e análise de dados.

No geral, poucos dados são coletados regular e sistematicamente, o que fornece uma boa imagem do financiamento disponível e destinado a organizações feministas negras e, de fato, financiamento interseccional em grande escala. Semelhante ao relatório da Ms. Foundation, Pocket Change, o relatório do Urban Institute, Avaliando o cenário de financiamento para programas de apoio a meninas negras, descobriu que, para os EUA, não há “mecanismo confiável para rastrear doações filantrópicas para meninas negras porque os financiadores não tem dados desagregados por raça ou gênero.”<sup>38</sup>

Um dos principais desafios é como os próprios doadores e financiadores categorizam e subsequentemente relatam seus financiamentos. Os financiadores de Direitos Humanos podem, por exemplo, usar uma linguagem diferente para questões semelhantes e, muitas vezes, trabalhar em várias questões e apoiar o trabalho em várias populações e relatar seu trabalho de maneiras amplas que não permitem uma compreensão diferenciada. Eles também podem estar apoiando vários problemas e populações de maneiras isoladas, como às vezes parece ser o caso, por exemplo, 64% dos subsídios que nomeiam qualquer uma das nove populações relatadas,  $\frac{2}{3}$  nomeiam apenas uma população, apesar da

---

38 Urban Institute, Assessing the Funding Landscape for Programs in Support of Black Girls, 2021.

maioria do ativismo abordar mais de uma identidade.<sup>39</sup> Essa lacuna de dados torna difícil avaliar as intenções declaradas dos doadores de aumentar o financiamento da justiça racial e de gênero com sua prática real. Uma implicação preocupante dessa falta de dados é que o trabalho das organizações feministas negras não é adequadamente capturado e refletido, tornando-o, assim, invisível.

# Feministas negras mudando o jogo



Apesar desses desafios, também há raios de esperança que iluminam caminhos potenciais para o financiamento de movimentos feministas negros de forma que correspondam à ousadia de sua visão e tal.


## Nós Por Nós: Negras e Fundos Feministas Negros

Os 12 principais financiadores de direitos humanos baseados no Sul e no Leste Global em doações são fundos de mulheres ou feministas.<sup>40</sup> É mais provável que esses fundos apoiem grupos comunitários e esforços interseccionais. O Fundo de Desenvolvimento das Mulheres Africanas, por exemplo, está no topo da lista de financiadores baseados no Sul e Leste Global por valores de doação, com uma doação anual em 2018 – 2019 de US\$ 6 milhões (representando 0,16% do financiamento de direitos humanos captado no relatório). Os fundos feministas negros são críticos no ecossistema de financiamento para muitas organizações feministas negras. Os últimos 2-3 anos também viram a criação de novos fundos liderados por negros, feministas e outros. Estes surgiram de lacunas identificadas por meio de pesquisas e incluem o Black Feminist Fund (Global), o Black Trans Fund (EUA, Caribe), o Black Girl Freedom Fund (EUA) e a Baobab Foundation (Reino Unido), Foundation for Black Comunidades (Canadá). Os fundos feministas negros existentes também estão crescendo em número e orçamentos. Por exemplo, o orçamento da UHAI-EASRI cresceu de um orçamento anual de \$ 200.000 em sua criação para \$ 10 milhões em 10 anos. A UAF África passou por um crescimento semelhante ao longo de 10 anos, de \$ 250.000 quando foi criada para \$ 13,5 milhões em 2021. Outros fundos indicaram um crescimento contínuo e planejado lento e constante.

---

39 Candid and HRFN, *Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking*, 2021.

40 Candid and HRFN, *Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking*, 2021.



Apesar do aumento do orçamento e do número de fundos feministas negras, entrevistas com fontes primárias para este capítulo com fundos feministas negras que apóiam movimentos feministas negros revelaram uma lacuna significativa no atendimento à demanda por financiamento. Enquanto a maioria dos fundos feministas negros mencionou aumentar seus recursos e orçamentos, a capacidade de atender à demanda foi tão baixa quanto 12% para alguns fundos e tão alta quanto cerca de 40%. O Urgent Action Fund Africa, por exemplo, cobre 55 países e passou de 87 doações em 2018 para 450 em 2021, embora só pudesse atender a 40% da demanda expressa, enquanto o relativamente novo Black Trans Fund concedeu 60 doações até o final de 2021 que incluiu pequenos subsídios de resposta a cuidados comunitários para suporte operacional e de fortalecimento de capacidade geral. Isso é uma grande preocupação, considerando o quão crítico os fundos feministas e das mulheres têm sido para financiar os movimentos feministas; em 2018, os fundos para mulheres foram os principais financiadores baseados no Sul e Leste Global, apesar de terem orçamentos significativamente menores em dólares de doações em comparação com outros financiadores filantrópicos privados em particular.<sup>41</sup> Vários dos fundos feministas negros com quem conversamos tinham reservas. No entanto, não há fundos feministas negros que mantenham uma doação para seu trabalho a longo prazo.

---

41 Candid and HRFN, *Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021*.

Essas  
barreiras

não

são barreiras essencialmente técnicas para a devida diligência, mas sim

barreiras sistêmicas  
enraizadas na  
supremacia

branca que vêm das raízes  
“civilizadoras” e “caridosas”  
do desenvolvimento e da  
filantropia.

# Somos nossos próprios pilares: a profundidade e a amplitude do recurso autônomo

Há uma longa história de autofinanciamento feminista de várias maneiras, desde o voluntariado até a doação de serviços em espécie, recursos financeiros e outros. Esse tipo de doação que compreende recursos significativos não é documentado de forma abrangente, muitas vezes capturado em literatura cinza que não é facilmente acessível a um público amplo ou, cada vez mais, em relatórios que mapeiam organizações lideradas por negros e/ou feministas negras. Neste relatório, o capítulo *Uma visão do movimento* documenta pela primeira vez como as organizações feministas negras autonomamente fornecem seu próprio trabalho e coletivamente fornecem recursos umas às outras. Uma organização europeia observou que “somos autofinanciados; compartilhamos nossas finanças e nosso maior recurso são as ‘pessoas’”<sup>42</sup> e outro relatório sobre doações de comunidades negras nos Estados Unidos destaca as diferentes maneiras pelas quais essas comunidades financiam suas organizações, inclusive por meio de grupos de ajuda mútua e crowdsourcing.<sup>43</sup> Embora esses outros recursos sejam muito importantes, as feministas negras merecem ser solidamente apoiadas financeiramente pela filantropia por suas visões ousadas e não devem ser deixadas para financiar seus movimentos sozinhas.

## Força em números: feministas Negras na filantropia

Reconhecendo o poder da organização coletiva, o Fundo Feminista Negra organizou “Bringing it B(l)ack”, a primeira conferência global para feministas negras em filantropia em novembro de 2021. A conferência reuniu mais de 100 feministas negras trabalhando em diferentes capacidades em a ampla gama de instituições e entidades filantrópicas em todo o mundo. A conferência proporcionou um espaço para comunidade, celebração, solidariedade, estratégias e muito mais. Este e outros espaços que continuarão a ser criados também oferecem oportunidades críticas de construção de coalizões que podem fortalecer os esforços para aumentar o financiamento para a comunidade por meio de esforços coletivos. Um grupo organizado e conectado de feministas negras na filantropia também é importante, considerando como o financiamento relativamente novo para movimentos feministas é para muitos financiadores, então a experiência que elas trariam

---

42 Mama Cash and Elpida, Fatima Ali (author), Mapping the European landscape of Black and/or Muslim feminist movements, 2021.

43 Indiana University Lilly Family School of Philanthropy, Everyday Donors of Color in the US - diverse philanthropy during times of change, 2021.

no feminismo e na organização feminista negra é fundamental não apenas para aumentar o financiamento, mas fazê-lo de maneira informada. Isso também atenuaria o isolamento que as mulheres negras na filantropia frequentemente experimentam no setor e, com suas conexões com o movimento e as comunidades mais amplas, as ajudaria a fazer uma ponte efetiva entre os movimentos e a comunidade de doadores.<sup>44</sup>

## **Conclusão e recomendações: “Se você confia nas feministas negras, financie-as!”**

Esta pesquisa é uma primeira tentativa de obter uma imagem holística do financiamento para organizações e movimentos feministas negros em todo o mundo. Um exercício desafiador, embora recompensador. O que está claro é que os movimentos feministas negros estão deixando uma grande marca na mudança social, a questão permanece, a filantropia seguirá.

### **Recomendações**


Muitas delas não são novas e são recomendadas há muitos anos por organizações feministas e do Sul Global e organizações que trabalham com negros e outras comunidades marginalizadas no Norte Global. Já passou da hora de ouvi-las e agir sobre elas e é encorajador que alguns financiadores estejam fazendo exatamente isso.

### **Fechar a lacuna de confiança**

Primeiro, há uma necessidade de reconhecer honestamente que existe uma lacuna de confiança e como ela perpetua a falta de financiamento direto para organizações lideradas por feministas negras. Então a filantropia tem que trabalhar para fechá-la! Fechar essa lacuna exigirá interrogar onde existem preconceitos, como eles se manifestam e seu impacto, em seguida, identificar maneiras concretas e mensuráveis de abordá-los. Este trabalho será desconfortável, mas crítico para mudar os sistemas atuais em que aqueles mais próximos das questões que o financiamento procura abordar recebem menos financiamento. O mantra frequentemente ouvido para “confiar nas mulheres” (negras)

---

44 AWID, Mama Cash and Count Me In Consortium, Moving more money to the drivers of change: How bilateral and multilateral funders can resource feminist movements, 2020.



deve ser acompanhado pelo financiamento de mulheres negras, meninas e organizações trans lideradas e fazê-lo de acordo com o impacto de seu trabalho que está bem documentado e a grande demanda por recursos para o trabalho e isso é expressos pelas comunidades que representam e com as quais trabalham. A evidência sobre o impacto das organizações e movimentos feministas negros é clara e os financiadores precisam parar de exigir mais evidências para financiá-los, mas sim mostrar confiança por meio de financiamento robusto e de longo prazo.

## **Mudar o poder significa abrir mão do controle**

Os financiadores precisam ser intencionais em ouvir as pessoas dos locais onde o financiamento pretende ter impacto e garantir que essas vozes e perspectivas estejam nas salas onde são tomadas as decisões sobre dinheiro e para onde ele vai. Essa mudança significa abrir mão do controle e confiar, em palavras e ações, naqueles que estão mais enraizados no contexto e nas comunidades. Também significa fornecer o tipo de financiamento que permite que grupos liderados por constituintes façam o trabalho geracional de mudança social sem as barreiras das condições e com a flexibilidade do financiamento básico.

## **Alinhar as intenções com as práticas de financiamento**

As desconexões entre intenção e prática desde a definição de prioridades por meio de processos de doação precisam ser abordadas com urgência. Novamente, isso inclui centrar as vozes dos mais afetados na determinação de prioridades, bem como avaliar preconceitos internalizados e como eles afetam o acesso ao financiamento e tornam os processos de concessão de doações onerosos. De forma crítica, o financiamento nunca deve ser “neutro” em termos raciais e de gênero se quiser ser verdadeiramente interseccional e atender às necessidades das comunidades identificadas como prioritárias. Isso é particularmente importante para o financiamento específico do setor, como mudanças climáticas e fundos amplamente direcionados às comunidades negras. Finalmente, tornar as prioridades de financiamento explícitas e claras ajuda a aumentar o acesso a comunidades e organizações frequentemente excluídas.



## **Apoie o ecossistema de feminista negra para prosperar**

Para que as organizações feministas negras prosperem, serão necessários investimentos significativos para garantir a sustentabilidade organizacional e do ecossistema. Dado que seu trabalho se concentra em abordar e corrigir problemas sistêmicos de longa data, um ecossistema estável de organizações bem financiadas é fundamental. As feministas negras estão nisso a longo prazo e o financiamento de curto prazo ou orientado por tendências corre o risco de desestabilizá-las e a seu importante trabalho.

### **Mais e melhores dados**

Coletar e disseminar dados sobre financiamento indo para organizações feministas negras é essencial para obter uma boa imagem do que está disponível, quais organizações estão recebendo financiamento, os tipos de financiamento (flexíveis ou não) e duração do financiamento. Esses dados são importantes para tornar visível o trabalho crítico das organizações feministas negras. É importante ressaltar que os dados precisam capturar o financiamento interseccional e quais organizações estão recebendo (ou não) recursos em diferentes regiões, especialmente Caribe e América Latina e Central e países. As organizações multilaterais, em particular, precisam tornar os recursos significativos que recebem para o trabalho de igualdade de gênero mais transparentes, por exemplo, contribuindo para o banco de dados da OCDE. Feministas, mulheres e outros fundos também podem fornecer informações valiosas sobre seu financiamento e devem ser encorajados a contribuir para o banco de dados HRFN ou considerar a criação de seu próprio.



# Referências

1. Candid and HRFN, Advancing Human Rights: Annual Review of Global Foundation Grantmaking, 2021.
2. Hakima Abbas and Kellea Miller, The Dire State of Funding for Black Feminist Movements—and What Donors Can Do About It, 2021.
3. GenderNet, Development finance for gender equality and women's empowerment: A 2021 snapshot, 2021.
4. Gendernet, Development finance for gender equality: the Generation Equality Forum Action Coalitions, 2021.
5. Gendernet, Twentieth Anniversary of UN Security Council Resolution 1325: financing gender equality and women's empowerment in fragile contexts, 2020.
6. AWID, Where is the money for feminist organizing? Data Snapshots and A Call to Action, 2021.
7. AWID, Mama Cash and Count Me In Consortium, Moving more money to the drivers of change: How bilateral and multilateral funders can resource feminist movements, 2020.
8. The Funders for Race Equality Alliance, A quantitative analysis of the emergency funding to the UK Black and Minority Ethnic voluntary sector during COVID-19, 2021.
9. Echoing Green and the Bridgespan Group, Racial Equity and Philanthropy: Disparities in Funding for Leaders of Color Leave Impact on the Table By Cheryl Dorsey, Jeff Bradach, and Peter Kim.
10. Echoing Green, State of Social Social Entrepreneurship 2019, 2019.
11. PolicyLink and Bridgespan, Moving from intention to impact: funding racial equity to win, 2021.
12. African Philanthropy Forum and The Bridgespan group, Disparities in Funding for African NGOs: unlocking philanthropy for African NGOs as pathway to greater impact, 2021.
13. Lindley Mease and Solome Lemma, Systems, Not Just Symptoms: Bringing a Justice Frame to Climate Philanthropy and Finance, 2021.
14. Jocelyn Harmon Rhia Ventures, Funders of Color Landscape Analysis, 2021.
15. Women's Peace and Humanitarian Fund, CSO Survey on Women, Peace and Security and Humanitarian Action, 2021.
16. Ms. Foundation and Strength in Numbers (Erin Howe and Somjen Frazer authors), Pocket Change: How Women and Girls of Color Do More With Less, 2020.
17. Urban Institute, Assessing the Funding Landscape for Programs in Support of Black Girls, 2021.

18. Network for the Advancement of Black Communities and Carleton University's Philanthropy and Nonprofit Leadership program, *Unfunded: Black Communities Overlooked by Canadian Philanthropy*, 2020.
19. IUPUI Women's Philanthropy Institute, *The Women and Girls Index: Measuring Giving to Women's and Girls' Causes*, 2020.
20. Adia Colar and Anna Koob, *Are corporations making good on their racial equity pledges*, *Candid Blog*, July 2021.
21. Anna Koob, *What does Candid's grant data say about funding for racial equity in the United States*, 2020.
22. Tajma Beverly, *Deborah Holmes Fellowship Research Report*, *Global Fund for Women*, *What the World Needs Now*, year?
23. Baobab Foundation UK, Dilhani Wijeyesekera, *Digging deeper: insights on tailored funding to organisations led by Black people and communities experiencing racial injustice in 2020*, 2021.
24. Mama Cash and Elpida, Fatima Ali (author), *Mapping the European landscape of Black and/or Muslim feminist movements*, 2021.
25. Savage, B., Dorsey, C., Kim, P., Daniels, C., & Sakaue, L. (2020). *Overcoming the Racial Bias in Philanthropic Funding*. *Stanford Social Innovation Review*. <https://doi.org/10.48558/7WB9-K440>
26. *Philanthropy Initiative for Racial Equity* (authors Malkia Devich Cyril, Lyle Matthew Kan, Ben Francisco Maulbeck, and Lori Villarosa), *Mismatched: Philanthropy's Response to the Call for Racial Justice*, 2020.
27. Bhekinkosi Moyo and Kenny Imafidon, *Barriers to African Civil Society: building the sector's capacity and potential to scale-up*, 2021.
28. Maria. S. Johnson, *Black Women Face Multiple Forms of Racism in Philanthropy*, 2021. <https://johnsoncenter.org/blog/black-women-face-multiple-forms-of-racism-in-philanthropy/> accessed March 14, 2022.
29. *Indiana University Lilly Family School of Philanthropy*, *Everyday Donors of Color in the US—diverse philanthropy during times of change*, 2021.
30. *Entrevista com African Women's Development Fund*, dezembro 10, 2021.
31. *Entrevista com the Black Trans Fund*, dezembro 7, 2021.
32. *Entrevista com UHAI-EASHRI*, janeiro 11, 2022.
33. *Interview with the Women's Fund Tanzania Trust*, dezembro 16, 2021
34. *Entrevista com Urgent Action Fund-Africa*, dezembro 6, 2021.
35. *Entrevista com XOESE - Francophone Women's Fund*, janeiro 12, 2022.
36. *Entrevista com FCAM - Central American Women's Fund*, setembro 30, 2021.
37. *Entrevista com Madre*, outubro 6, 2021.



# Uma visão do movimento

Por Awa Fall Diop



## Capítulo 2

Este estudo busca:

- compreender como se organizam os movimentos das feministas negras;
- compreender as questões prioritárias enfrentadas pelos movimentos feministas negros;
- compreender, a partir de uma perspectiva de movimento, a paisagem e o acesso ao financiamento dos movimentos de mulheres negras;
- compreender o nível de recursos financeiros, sustentabilidade e resiliência dos movimentos de mulheres negras;
- celebrar as contribuições dos movimentos feministas negros para a mudança social.

Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo sobre o financiamento dos movimentos feministas negros utilizou uma revisão de literatura, entrevistas e uma pesquisa online de forma cruzada. 388 Líderes e organizações feministas negras que trabalham na África, América Latina e Caribe, América do Norte e Europa responderam à pesquisa e foram entrevistadas. Tanto as entrevistas quanto a pesquisa foram feitos virtualmente, devido ao contexto da pandemia de COVID-19. Foram utilizadas várias línguas de trabalho para a recolha de dados: inglês, francês, português e espanhol.

Os resultados do estudo revelaram o panorama atual do movimento feminista negro, com base em dados coletados de lideranças e estruturas. Mostram as questões prioritárias sobre as quais estas estruturas se mobilizam, o seu nível de mobilização de recursos externos ou internos e o seu contributo para o avanço dos direitos das mulheres de forma multifacetada e interligada. Nós também examinamos as realidades de financiamento para as organizações feministas negras e suas percepções do panorama de financiamento e suas mensagens aos doadores.

# O panorama dos movimentos feministas negros


Para descrever o panorama dos movimentos feministas negros temos que esclarecer quem são e onde são essas organizações, há quanto tempo existem, seu status, suas lideranças, integrantes e seu escopo geográfico.

## As Feministas Negras estão por todo lugar.


Os movimentos feministas negros são formados por uma infinidade de organizações, associações, grupos e indivíduos em todo o mundo, todos comprometidos com o avanço da agenda feminista.

As feministas negras ocupam uma multiplicidade de geografias e territórios, possuem múltiplas identidades interseccionais e experimentam diversas formas simultâneas de opressão.

## África


 A Rede da Iniciativa Estratégica para Mulheres no Chifre da África (SIHA) é uma organização indígena feminista africana que trabalha ao longo do Chifre da África para defender os Direitos das mulheres. A SIHA foi criada em meados da década de 1990 por um grupo de mulheres ativistas da Somalilândia, Etiópia, Sudão e Sudão do Sul.

CHIFRE DA ÁFRICA, ÁFRICA


 Sou Shayden, feminista, artista, compositora, cantora e apresentadora de programas de rádio e TV na Costa do Marfim. Como semifinalista em 2016 do “The Voice—Afrique Francophone”, durante minha participação, percebi que todas as mulheres artistas de todos os países compartilhavam os mesmos problemas.

COSTA DO MARFIM, ÁFRICA




-  Federation of Deaf Women Empowerment Network Kenya (FEDWEN), uma organização de pessoas com deficiência foi criada em 18 de setembro de 2008 para o avanço dos direitos das mulheres e filhas e para a pressão justa em favor de sua inclusão.

**QUÊNIA, ÁFRICA**


-  Green Girls Platform foi criado em 2018 para lutar contra a violência, deixando as filhas confrontadas em razão dos impactos da mudança climática. Maláui, África.

**MALÁUI, ÁFRICA**


-  O Regional Women's Solidarity Committee for Peace in Casamance em Casamance, (CRSFPC/USOFORAL), foi criado em 1999 no Senegal, com o objetivo de contribuir para o surgimento de uma cidadania feminina ativa para a paz e o desenvolvimento sustentável em Casamance.

**SENEGAL, ÁFRICA**


## Caribe

-  Intersect é um coletivo feminista queeribeano comprometido com a justiça de gênero que prioriza as necessidades e experiências das mulheres mais marginalizadas, incluindo pessoas queer, trans e não binárias e pessoas com deficiência que são negras, indígenas ou se identificam e pessoas de cor.


**ANTÍGUA, CARIBE**

-  Fanm Yo La—Les femmes sont là, Coletivo de Mulheres Haitianas para a Participação Política das Mulheres, existe desde 2002.


**HAITI, CARIBE**

-  Fundada em 2015, Négès Mawon é uma organização feminista que luta pela emancipação das mulheres e sua libertação de todas as formas de violência e opressão. A organização foi criada graças ao encontro de jovens sócio-profissionais e artistas revoltados com a condição da mulher no Haiti.

**HAITI, CARIBE**


 A organização EVE for Life apoia mães adolescentes vivendo com HIV, 45% das quais foram estupradas quando meninas.

**JAMAICA, CARIBE**

 O Jamaica Domestic Workers' Union (JHWU) foi criado em 1990 é uma associação que se transformou em sindicato de funcionários domésticos. É membro da Associação de Organização de Mulheres na Jamaica, (AWOJA).

**JAMAICA, CARIBE**

## Europa

 Somos três amigas que fundaram o coletivo Susu, na Bélgica e nos Países Baixos. Três amigas que viveram histórias de migração, acompanhando o eventos políticos no Congo em 1960. Sendo da África e vivendo na Europa, surge toda uma série de obstáculos: administrativos, Institucional, educação, saúde, trabalho, etc.

**BÉLGICA E HOLANDA, EUROPA**

 GLADT é uma associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer e Intersex, (LGBTQI), pessoas racializadas e não-brancas com sede em Berlim.

**BERLIN, EUROPA**


 W̄ XOOL é um festival de cinema na França cuja programação apresenta filmes de afrodescendentes mulheres diretoras.

**FRANÇA, EUROPA**






## América Latina

-  Profissionais do sexo, no estado de Minas Gerais (Brasil), criaram a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (APROSMIG) em 2009. Desde então, APROSMIG dirige um grupo de autoajuda e projetos para mais de 2.000 trabalhadores da cidade de Belo Horizonte e adjacências.


**BRASIL, AMÉRICA LATINA**

## Oriente Médio


-  O Coletivo para os iranianos negros se esforça para entender as vozes das negras dos afro-iranianos em toda a comunidade iraniana.

**IRÃ, ORIENTE MÉDIO**

## América do Norte

-  Black Feminist Future (BFF) é um centro político que trabalha na dinâmica que galvanizam o poder social e político de mulheres, meninas e pessoas negras rumo à libertação.

**EUA, AMÉRICA DO NORTE**

-  Kilomba, coletivo de mulheres negras brasileiras nos Estados Unidos, foi criado em 2019, nascido de cinco mulheres nascidas e criadas em diferentes regiões do Brasil, que se conheceram nos Estados Unidos. O nome, Kilomba, ressoa com os quilombos, as comunidades revolucionárias autossuficientes que representam a resistência e a libertação do povo negro contra o poder colonial e escravo.

**EUA, AMÉRICA DO NORTE**

## Desde quando elas existem?

Dos grupos e organizações que informaram a data de criação, 1/3 foi criado nos últimos 5 anos, 2/3 nos últimos 10 anos e pouco menos de 3/4 nos últimos 15 anos. Essa juventude das organizações feministas negras pode justificar a suposição de que a adesão também é jovem. De fato, uma escaneada nos materiais das organizações de feministas negras há a sugestão de que uma renovação geracional deu origem a jovens organizações feministas que replicam e renovam o compromisso com um futuro melhor para as mulheres e pessoas de gênero expansivo que contribuem para a construção do movimento.

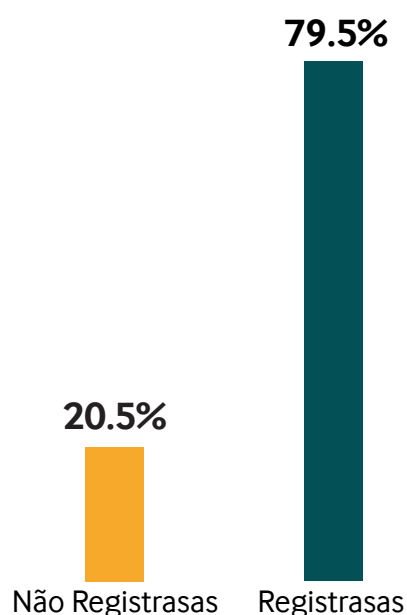
## Tipologia das Organizações Feministas Negras

As Organizações Feministas Negras (BFO) aparecem de diferentes formas e status: como ONGs (53%), grupos (13%), associações (9%) e redes (8%). Mas o movimento também inclui indivíduos: blogueiras, jornalistas e artistas.

79.5% das organizações que responderam às questões sobre o status são legalmente registradas.

Em termos relativos, existem mais organizações registradas nos países francófonos do que nos países anglófonos ou lusófonos. Eles se concentram mais no cumprimento das leis estabelecidas em seus países.

Status de registro das organizações



**Eu me sinto uma feminista e queria me mobilizar online, através da mídia e das redes sociais que permitissem que eu me posicionasse online...**

—Nesmon de Laure, Costa do Marfim.

fonte: Words of activists and recommendations for the Generation Equality Forum in Générations féministes en Afrique de l'Ouest. Equipop, Julho de 2020.

Alguns argumentos a favor do registro são econômicos. De fato, alguns parceiros de financiamento exigem que uma organização seja formalmente registrada antes de qualquer financiamento ser concedido. Em suas próprias palavras: as organizações negras são registradas :



“A pedido dos parceiros financiadores.”

**GENDER LAB—GANA**



“Para dar legitimidade à nossa organização e tornar nossas operações legítimas. Alguns doadores pedem um certificado de registro antes de se envolver com uma organização.”

**HAKI NAWIRI AFRIKA—QUÊNIA**



“Para realizar ações de forma credível e ter acesso a doadores.”

**VOICE OF THE VOICELESS (VoVo)—ZIMBÁBUE**

Mas, se o acesso a recursos financeiros é uma motivação para se registrar, a falta de recursos financeiros também aparece como motivo para não se registrar. O registro requer custos financeiros.



“Ainda estamos procurando apoio para nos registrar,”

**PWANI FEMINIST FUTURES ALLIANCE—QUÊNIA**



“Por falta de recursos,”

**BLOGUEIRAS NEGRAS—BRASIL**



“Por causa das dificuldades financeiras,”

**COLETIVA DE MULHERES NEGRAS ABAYOMI—BRASIL**

Sem recursos financeiros não dá para fazer inscrição, sem inscrição não dá para ter acesso ao financiamento. É um verdadeiro círculo vicioso.

Embora o registro seja fácil para organizações com membros educados, urbanos, mais ou menos ricos, não é assim para feministas negras com pouca educação ou que vivem em áreas desfavorecidas ou rurais. Às vezes é a falta de conhecimento ou ostracismo ou a morosidade dos procedimentos que dificultam o registro.




“Não sabemos como registrar.”



“Estamos em processo de registro. Os procedimentos administrativos são longos.”

**HEALTH AND EQUAL RIGHTS ORGANIZATION (H.E.R.O.)—RUANDA**



 “Os documentos foram entregues à prefeitura em julho de 2021 e, devido à burocracia administrativa, ainda não recebemos nosso certificado de registro.”  
**WAKE UP LADIES—CAMARÕES**

As organizações mais jovens são as que menos cumprem o registro, às vezes por conveniência, às vezes por ostracismo. Alguns desistiram do registro, seja porque não acham necessário o reconhecimento legal e/ou porque seu trabalho é baseado em espaços virtuais. Além disso, incidentes de assédio sexual e intimidação levaram uma organização a interromper o processo de registro.


 “Não consideramos necessário registrar-se.”  
**JUNTA DE PRIETAS—REPÚBLICA DOMINICANA**


 “O registro não tem sido um tema de interesse até agora,”  
**AKOBEN COLECTIVA AFROFEMINISTA—COSTA RICA**


 “Trabalhamos com patrocinador fiscal.”  
**OUR BODY POLITIC—EUA**


 “O trabalho com as comunidades é feito online.”

O registro tem também a vertente política que consiste numa decisão de confrontar o governo com as suas próprias leis, antecipando as restrições aos direitos dos cidadãos tendo em conta as múltiplas tensões políticas e sociais características da nossa época e face às crises conjunturais que se manifestam em diferentes contextos da vida das feministas negras.

 “Estamos registradas para proteger a organização dos perigos do encolhimento do espaço cívico na região do Chifre da África.”  
**SIHA NETWORK—SUDÃO**


 “Para enfrentar o desafio de diminuir o espaço do cidadão, estamos nos registrando para usar as provisões comerciais do estado.”

 “Para sermos responsabilizadas por todas as nossas ações na Campanha, em vez da ‘organização-mãe’ que nos hospedou.”  
**ONE IN NINE CAMPAIGN—ÁFRICA DO SUL**

 “Nosso registro também é uma declaração política como organização feminista queer..”  
**VOICE OF THE VOICELESS (VoVo)—ZIMBÁBUE**



Por outro lado, argumentos políticos são apresentados para contestar essas instituições estatais e reivindicar autonomia e liberdade para que as organizações se registrem ou não. A rejeição das formalidades administrativas, expressão de grande liberdade associativa, faz parte do argumento a favor do não registro.


 “Queríamos testar nossa abordagem primeiro, sem nos prendermos à burocracia do registro.”

**YOUNG WOMAN THRIVE—ÁFRICA DO SUL**


 “É mais fácil se organizar sem o registro e exigências burocráticas.”

**#WEARES2PC —QUÊNIA**

Outras razões igualmente políticas são apresentadas contra o registro, como no caso do trabalho não declarado, no caso de uma ação judicial contra os detentores do poder, o que também levanta questões sobre a segurança das organizações e membros nesta situação.


 “Porque estamos trabalhando contra grupos anti-gênero profundamente enraizados no governo. Preferimos permanecer anônimas para proteger nossa identidade.”

**STRATEGIC ISSUES & RESEARCH COUNCIL—QUÊNIA**

 “Por razões de segurança. Principalmente pelo tipo de trabalho político que fazemos. Usamos uma ONG registrada como patrocinadora fiscal de nosso financiamento.”

**COLECTIVA FEMINISTA EN CONSTRUCCIÓN—COSTA RICA**


Dentro desse mesmo contexto político, também é necessário incluir o fato de que as organizações LGBTQ não podem se registrar em muitos países por causa de leis discriminatórias e são forçadas a operar como estruturas informais.

 “O conceito LBT é considerado ilegal pelo governo. Estamos lutando contra os males da sociedade sem compromisso, então o governo e suas políticas não facilitam as coisas para nós.”

**FILLES EN ACTION—BENIN**

Esta breve visão geral do registro organizacional mostra que não é apenas uma questão técnica e administrativa. O registro tem uma forte conotação política. A obrigatoriedade do registro não é apenas um meio de controle e repressão por parte do governo e/ou de seus agentes, mas também de influência, pois é condição para os doadores. A revisão da literatura indica que as organizações de base menores e/ou não registradas têm menos acesso a financiamento, particularmente aquelas que não têm capacidade





para escrever doações, coleta de dados e gestão financeira. Mas a recusa em se registrar também oferece às organizações um espaço para desafiar o poder do governo e o poder dos doadores. Se o governo é essencialmente um instrumento de dominação, cabe aos financiadores e às organizações feministas negras que trabalham pela liberdade e justiça social repensar o ambiente jurídico para que as intervenções e os financiamentos sejam mais flexíveis.



**79%**

**das Organizações  
feministas negras  
têm membros  
individuais**

**“Com a COVID-19  
nós perdemos  
muitos membros.  
Aproximadamente trinta  
saíram.”**

## **Filiação**

79% das organizações têm um total de 137.742 membros individuais.

73% das organizações que mobilizam membros individuais têm menos de 101 membros de um total de 2.474.

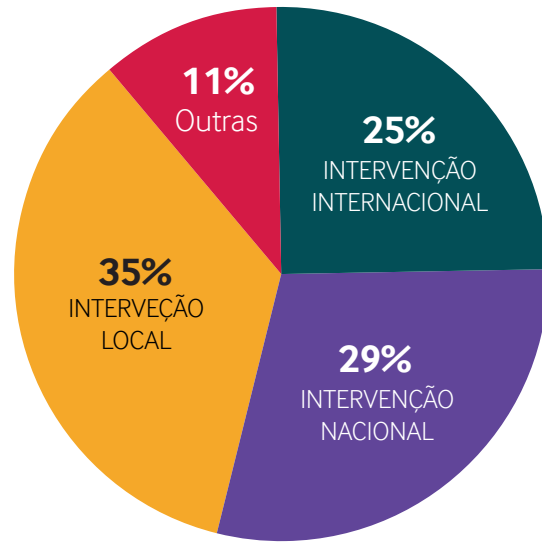
Algumas estruturas são redes entrelaçadas. Outras são constituídas por redes de indivíduos, grupos e associações. Eles não estão em posição de contar o número de membros. Alguns não operam como membros formais; o sistema de filiação não se aplica a eles. Esses diferentes aspectos tomados em conjunto mostram a imensidão geral da dinâmica feminista negra. Existem muitas formas de se identificar com os Movimentos Feministas Negros, de ser ativista dentro de um Movimento Feminista Negro. Independente do tamanho da organização, cadastrada ou não, elas ocupam espaços físicos, humanos e também virtuais.

## Escopo geográfico

25% das respostas atestam um nível de intervenção transnacional, abrangendo 2 a 7 países do mesmo continente, ou em vários continentes, (por exemplo África + Diáspora). 29% das organizações trabalham a nível nacional, com a sua atividade a abranger todo o país. 35% trabalham a nível local proximidade geográfica de acordo com a divisão administrativa dentro de seu contexto (província, distrito, região, departamento, comunidade, aldeia, etc.).

Vale a pena destacar que não existe dicotomia entre os diferentes níveis de intervenção uma vez que algumas organizações que atuam a nível internacional abrangem também países de um ou mais continentes, enquanto estas trabalham localmente e também se engajam transnacionalmente.

### AREA DE INTERVENÇÃO:




**Nós trabalhamos com organizações às margens dos principais movimentos e nós descobrimos que mesmo com deliberação nossos espaços feministas frequentemente são marginalizados. Esta é a nossa zona de mel e felicidade.**

—Bella Matambanadzo,  
Zimbábue


# Questões prioritárias

## Por que elas foram criadas?




 “Decidimos que precisávamos nos organizar. Então, convidamos associações de mulheres agricultoras e grupos de mulheres da África Austral para vir e discutir as questões que enfrentamos em toda a região - embora tenhamos fronteiras nacionais, a África Austral é um território e todos nós temos que coexistir. A pandemia de HIV/AIDS foi uma crise regional e a África Austral é uma das regiões mais pobres da África e do mundo. Portanto, estávamos procurando como poderíamos construir solidariedade feminista, uma forma de compartilhar, pensando e agindo juntos.”

**MERCIA ANDREWS—RURAL WOMEN'S ASSEMBLY—ÁFRICA AUSTRAL**


 No Grande Chifre da África, as mulheres são regularmente retratadas e percebidas como vítimas, mas a SIHA desafia essa noção de status quo. A SIHA reconhece que quase todos os desafios que as mulheres enfrentam são baseados em normas socialmente construídas e que essas normas subordinam ativamente as mulheres. Trabalhamos e acreditamos fortemente no poder coletivo das mulheres africanas. Desafiando as suposições sobre as mulheres africanas, a SIHA tem sido apoiada por muitos ativistas dos direitos das mulheres africanas e tem sido sustentada por seu compromisso inabalável com sua causa. A SIHA aborda a luta pelos direitos das mulheres como uma luta política e, como tal, mantemos nossos objetivos de transformação política fundamental em primeiro plano.

**STRATEGIC INITIATIVE FOR WOMEN IN THE HORN OF AFRICA—CHIFRE DA ÁFRICA**


 Minas Programam é uma iniciativa criada em 2015 por meninas e mulheres jovens para desafiar os estereótipos de gênero e raciais que influenciam nossa relação com os campos da ciência, tecnologia e computação. O Programa Minas promove oportunidades de aprendizagem para meninas e mulheres, priorizando as negras ou indígenas. Uma sociedade marcada pelo racismo e machismo muitas vezes determina quem tem a oportunidade de aprender, se envolver e trabalhar com tecnologia. Por exemplo, esse contexto acaba sendo excludente: para mulheres negras, indígenas e para pessoas LGBTI.

**MINAS PROGRAMAM—BRASIL**



 Busco ser referência internacional em diálogo sobre o Brasil. Como digna herdeira dos quilombos, construo contranarrativas às de grupos e grupos antinegros para mostrar e valorizar perspectivas e realidades do povo negro brasileiro.

**KILOMBA COLLECTIVE—EUA**

 Eldoret Women for Development, (ELWOFOD), é uma organização de mulheres no Quênia fundada por duas ex-prisioneiras na favela de Eldoret-Langas que foram condenadas e presas por seis anos por um crime que não cometeram. A ELWOFOD busca melhorar a reintegração de ex-prisioneiras em suas comunidades por meio do desenvolvimento de habilidades, segurança econômica e justiça.

**ELDORRET WOMEN FOR DEVELOPMENT—QUÊNIA**

## Questões de direito visadas pelas organizações feministas negras (BFOs)

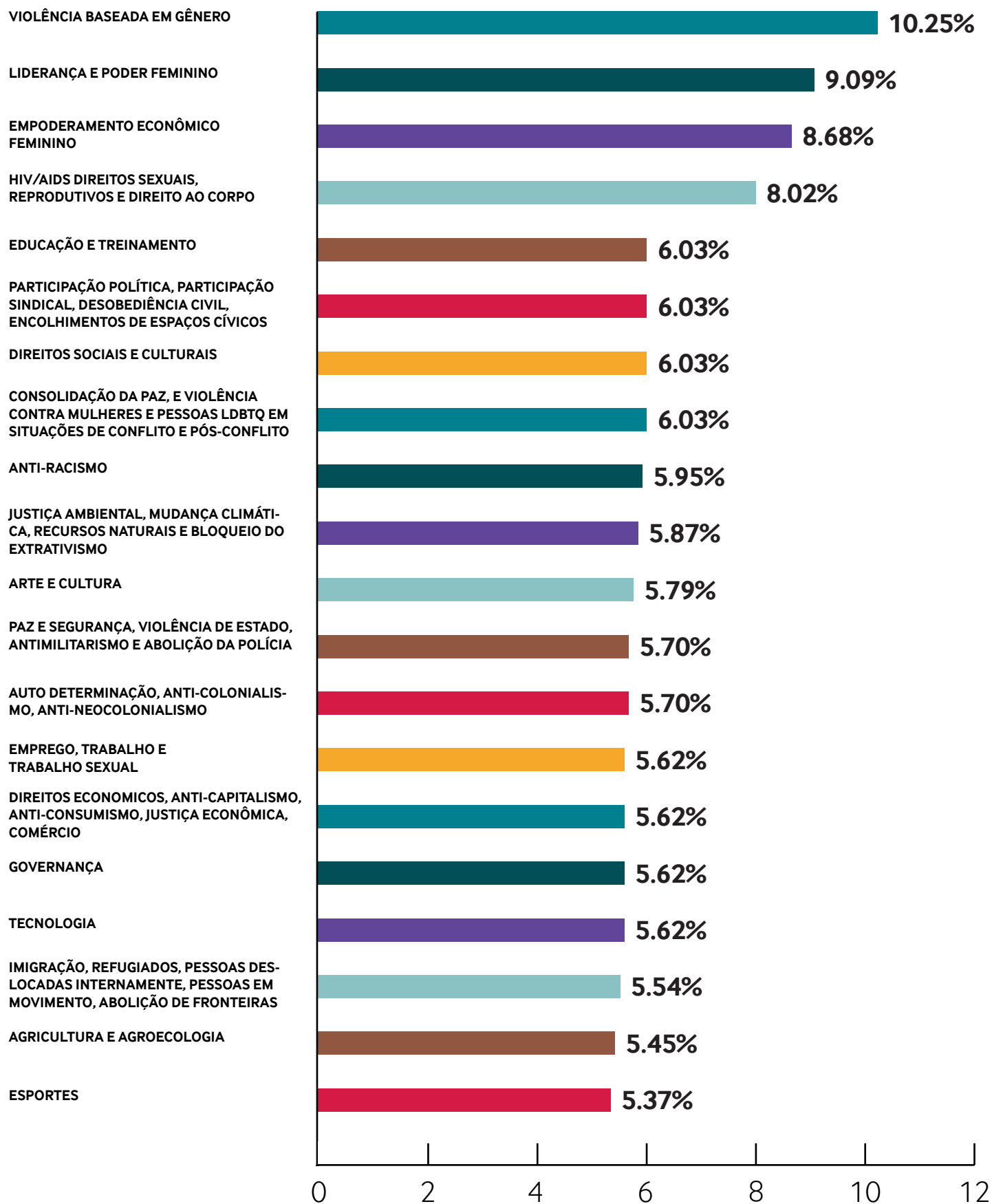
A violência de gênero encabeça a lista, junto com a liderança e o poder das mulheres, o empoderamento econômico das mulheres e a saúde das mulheres, saúde sexual (incluindo HIV e AIDS), direitos sexuais e reprodutivos e direitos de controlar seus corpos.

### Azanian Women Remember

**Nós somos um grupo de feministas negras engajadas no Projeto político de uma Consciência Negra Pan Africana. Usamos a memória como local de revolução e criação...até que o último de nós caia.**

**Lutamos contra a violência de estado, contra a violência contra a mulher e a população LGBT em contextos de conflitos e pós-conflito, o anti-militarismo, pela abolição da polícia e abolição das fronteiras. Apoiamos a auto-determinação, o anti-colonialismo e anti-neo-colonialismo.**

## Questões de direitos visadas por organizações feministas negras





Essas 20 questões não são mutuamente exclusivas. As organizações feministas negras, portanto, operam na intersecção de opressões multifacetadas, interligadas e interdependentes, exercidas na esfera familiar e social, perpetuadas pelo governo e/ou decorrentes de trajetórias de vida marcadas pela escravidão, colonização, neo-colonização, neoliberalismo e militarismo, bem como várias formas de fundamentalismo, patriarcado e heteronormatividade. É esse ambiente multifacetado e essas inter-relações entre as opressões que Awa Thiam descreveu em seu livro de 1978, *La parole aux Nègresses*, o primeiro de seu tipo a fornecer uma análise sociológica transversal do sofrimento sofrido pelas mulheres africanas, uma historiografia da perseguições cortantes, interligadas e interdependentes nas quais as mulheres africanas estão enredadas e que são compartilhadas por outras mulheres negras fora do continente africano. Essa descoberta foi posteriormente conceituada como interseccionalidade por Kimberley Crenshaw em seu livro *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. O conceito de interseccionalidade descreve as maneiras pelas quais “sistemas de poder e opressão se constroem para criar formas complexas e únicas de danos e injustiças sistêmicas.”<sup>1</sup> A maior visibilidade de algumas formas de opressão esconde outras formas mais insidiosas, mais devastadoras. Munidas dessa clara compreensão da interseccionalidade, as lutas das organizações feministas negras se cruzam com as questões e atividades nas quais trabalham.

- O trabalho da Strategic Initiative for Women in the Horn of Africa’s (SIHA) abrange 5 áreas estratégicas: redução da violência contra mulheres e meninas, fortalecimento do acesso das mulheres à justiça e transformação de dogmas religiosos e culturais negativos e nocivos, empoderamento econômico das mulheres para a realização de seus direitos econômicos, sociais e culturais, migração mista de mulheres e meninas do Grande Chifre da África e construindo movimentos inclusivos de mulheres
- Em 2010, na Colômbia, o Encontro Internacional de Mulheres e Povos das Américas se manifestou contra a militarização e a instalação de bases militares estadunidenses.<sup>2</sup>

---

1 Crenshaw, Kimberle - “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics,” *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Available at: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/>

2 Giraud, I. (2012). Radicalisation and youth presence in the World March of Women: a process of construction of new forms of contemporary feminist radicalities. *Lien social et Politiques*, (68), 63-78. <https://doi.org/10.7202/1014805ar>

- Lançada em dezembro de 2014 pelo Fórum de Políticas Afro-Americanas (AAPF) e pelo Centro de Interseccionalidade e Estudos de Políticas Sociais (CISPS), a campanha #SayHerName aumenta a conscientização sobre os nomes e histórias muitas vezes invisíveis de mulheres e meninas negras que são vítimas de violência policial racista e presta apoio às suas famílias. Mulheres e meninas negras de 7 a 93 anos foram mortas pela polícia. Raramente ouvimos seus nomes. Saber seus nomes é uma condição necessária, mas não suficiente, para preservar suas histórias, o que, por sua vez, fornece uma imagem muito mais clara das amplas circunstâncias que tornam os corpos das mulheres negras desproporcionalmente sujeitos à violência policial. Para contar suas histórias e destacar a violência policial contra as mulheres negras, precisamos saber quem são elas, como viveram e por que sofreram nas mãos da polícia.
- Para a Rural Women’s Assembly , a luta pelos direitos à terra é uma luta contra o patriarcado: as leis consuetudinárias, que são aplicadas pelos homens e lhes autoridade, impedem as mulheres de serem proprietárias de terras. “É um sistema muito dominante na África e fortemente ligado à religião – seja islamismo ou cristianismo – e ao patriarcado. Nosso trabalho começa com a terra, mas não para por aí.”<sup>3</sup>
- Black Girls Glow, (Gana), reúne mulheres artistas para criar conteúdo que não é definido ou limitado aos limites externos impostos pela estrutura dominada pelos homens da cena artística. Eles reúnem mulheres que mostram suas próprias questões e estilos e seus próprios padrões vocais e criatividade através da arte!
- Nosso feminismo é antiimperialista, anticolonial, antipatriarcal e anticapitalista. Nossa política é multifacetada. “Wadadli”, anteriormente conhecido como “Wa’ladli” e “Wa’Omoni” são nomes indígenas para as ilhas de Antígua e Barbuda. Adotamos o ‘feminismo Wadadli’ para demonstrar nossa rejeição às definições coloniais e neocoloniais de personalidade, nação e desenvolvimento.


**INTERSECTANTIGUA, OUR POLITICS**

- A FEMNET, (African Women’s Development and Communication Network ), posicionou-se em questões críticas, incluindo a participação das mulheres na governança e liderança, promovendo a justiça econômica das mulheres, defendendo a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, acabando com a violência baseada em gênero e práticas nocivas, ( como a mutilação genital feminina e o casamento infantil) e fortalecer o movimento das mulheres na África.


---

3 News preview 6 Nov 2019: Rural women’s assembly: land is their livelihood, but who owns it <https://www.mamacash.org/fr/nouvelles>

# Conquistas

-  Minha produção cultural, NÃO! um documentário sobre estupro, legendado em espanhol, francês, português e alemão, está sendo usado como recurso em movimentos pelo fim da violência sexual - nos Estados Unidos e em vários países da Europa, Caribe, América do Sul, Ásia e África.

**AISHAH SHAHIDAH SIMMONS—FOUNDER/CULTURAL WORKER—AFROLEZ® PRODUCTIONS**


-  A SiHA no Sudão mobilizou e apoiou uma seção transversal de mulheres de todo o Sudão para desenvolver o Manifesto das Mulheres Sudanesas - um documento político e declaração pública das principais demandas que devem ser atendidas para que o Sudão adote um discurso e um plano de ação que se concentre nos direitos das mulheres e questões críticas durante e após o período de transição.

O documentário “Mulheres na Revolução” traça o envolvimento e a liderança das mulheres durante as mobilizações políticas e atividades de resistência.

As mulheres estiveram na vanguarda da revolta popular, representando entre 60% e 70% dos manifestantes. A SIHA liderou uma campanha antiestupro chamada #Justice4Hamdi para aumentar a conscientização e chamar a atenção para a prevalência da violência sexual contra mulheres e meninas na Somália.

A campanha, desencadeada pelo terrível estupro e assassinato de Hamdi, conquistou o apoio de atores nacionais, regionais e internacionais, destacando a urgência de desafiar a tendência de assassinatos baseados em gênero.

**STRATEGIC INITIATIVE FOR WOMEN IN THE HORN OF AFRICA (SIHA)—HORN OF AFRICA**

-  Em 2020, com o Mulheres Ao Vento, organizamos uma oficina sobre feminismo negro e favelas. A iniciativa pretendia desconstruir discursos retrógrados e pejorativos sobre corpo, memória, cultura, raça, favela e gênero. Criticamos os componentes poéticos e artísticos que compõem a chamada cultura brasileira e a afirmamos politicamente como uma cultura afro-americana. A partir de uma bibliografia composta principalmente por escritos de mulheres negras, reconstruímos histórias e memórias de mulheres negras e faveladas e experimentamos formas de produção de conhecimento a partir de estímulos corporais e poéticos.

Toda segunda-terça-feira do mês via Zoom, ou toda segunda-feira no Clubhouse, os eventos da comunidade online fornecem um espaço seguro e informativo para mulheres imigrantes negras brasileiras e oportunidades para discutir uma variedade de tópicos relacionados aos seus meios de subsistência.



Com voluntárias, organizamos workshops gratuitos de desenvolvimento profissional para mulheres negras brasileiras, como escrever um currículo e como ter sucesso em uma entrevista de emprego nos Estados Unidos.

Um ano após o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, o país ultrapassou a marca de mais de 400 mil vidas perdidas. Mais de 4.000 pessoas perderam a vida em 24 horas ... Por isso, em parceria com outras organizações, arrecadamos R\$ 11.000 em recursos e identificamos 22.895 famílias em situação de vulnerabilidade em todo o país, principalmente em favelas brasileiras, comunidades ribeirinhas e Quilombos. Essas famílias receberam apoio, com base no número de pessoas em sua casa, por três meses durante a pandemia do COVID-19.

**COLETIVO KILOMBA—EUA**



A Rural Women's Assembly (RWA) tem conscientizado as mulheres rurais por meio de programas como a 'escola feminista anual', que fornece uma compreensão do patriarcado e as interseções entre patriarcado, capitalismo e mudança climática. É um espaço intergeracional, com participação igualitária de mulheres mais velhas e mais jovens "O futuro está nas mãos das jovens, e a sustentabilidade desse movimento depende das relações e práticas intergeracionais: precisamos incorporar novos conhecimentos, mas também aprender com as experiências passadas dos outros.

O que mais nos orgulha é o fato de que, dez anos depois, a RWA continua sendo uma organização de base. " ... O fato de ser um movimento de mulheres agricultoras, liderado pelas próprias agricultoras, é motivo de orgulho.<sup>4</sup>

**MERCIA ANDREWS AND LUNGISA HUNA—RURAL WOMEN'S ASSEMBLY—ÁFRICA DO SUL**

---

4 News preview 6 Nov 2019: Rural women's assembly: land is their livelihood, but who owns it <https://www.mamacash.org/fr/nouvelles>



Na Casamance, (Senegal), usando uma cultura subversiva com canções, danças, dramas, desconstruímos os mitos que impediam as mulheres de serem proprietárias de terras, melhoramos o acesso das mulheres à terra, à educação, ao estado civil, ao registo de casamentos, etc. As mulheres ganharam mais potência.

Quando Idrissa Sagna, um estudante, foi morto pela polícia durante uma greve, as mulheres se levantaram e puseram fim à agitação, tanto do lado do povo quanto do lado das forças do governo para dar chance à justiça...

Mantendo o foco inicial no combate a uma cultura subversiva, o envolvimento das mulheres na resolução de conflitos e no fortalecimento de suas atividades geradoras de renda foi se tornando cada vez mais importante...

As mulheres criaram federações organizacionais, depois redes de federações, que hoje incluem mais de 11.000 mulheres somente na região de Ziguinchor.

Formalizamos nosso grupo e criamos o Comitê Régional de Solidarité des Femmes pour la Paix en Casamance (Comitê Regional de Solidariedade pela Paz na Casamance) CRSFPC/USOFORAL em 1999, com o objetivo de contribuir para o surgimento de uma iniciativa ativa de cidadania feminina para paz e desenvolvimento sustentável em Casamance, Senegal...

Muitos pesquisadores também aprofundaram o conhecimento sobre os processos de transformação da condição feminina, analisando as mudanças que temos gerado nas sociedades tradicionais.

**USOFORAL — SENEGAL**



Com a COVID-19 perdemos nossos empregos porque nossos processos previdenciários não foram processados, ao contrário das mulheres brancas que estavam na mesma situação que nós. E acabamos na rua. Sabíamos que vivíamos num contexto de racismo institucionalizado, estávamos envolvidos em trabalhos anti-racismo e de igualdade, mas de forma esporádica e não estruturada (distribuição de refeições durante o inverno, organização de workshops para jovens, etc.). O que aconteceu conosco com nossos arquivos de previdência social foi o gatilho para nos envolvermos de forma estruturada.

Depois de resolvermos nossos casos e sermos reintegrados, investigamos e descobrimos que havia um fundo de apoio a imigrantes ilegais e que visava mães solteiras. Mas eles não se beneficiaram por causa da barreira do idioma, ignorância dos procedimentos e racismo.

Assim, criamos Susu, que é o nome de uma etnia da região do Sahel na África,

para consolidar nosso apego às nossas raízes, como sinal de reconhecimento à comunidade africana.

Obtivemos apoio gratuito de advogados belgas para informações sobre procedimentos de asilo e procedimentos de regularização. O governo belga, por outro lado, incentiva os imigrantes indocumentados a retornar à África. Por esses procedimentos, os criminosos fizeram as mulheres pagarem em troca de informações falsas.

Em parceria com outras organizações, nós as ajudamos a encontrar moradia digna em prédios desocupados, mas habitáveis, porque muitas dessas mulheres têm pouca escolaridade, são indocumentadas e trabalham ilegalmente ...Também fazemos muita conscientização sobre racismo, igualdade e opressão das mulheres, porque muitas vêm de origens onde essa opressão parece ser um dado adquirido. Instituímos um sistema endógeno de entreatajuda como apoio escolar, resolução de problemas de endividamento, assistência médica decorrente de lesões sofridas em ataques de violência policial a imigrantes.

**COLLECTIF SUSU—FRANCE**



Estamos realizando uma campanha 'Beddings, Mattress and Food' para ajudar a fornecer abrigo para mulheres trans sem-teto membros de nossa organização. Os fundos ajudam a iluminar a vida dos destinatários e criar um lar melhor para uma alma que enfrenta estigma e discriminação e é vulnerável por estar fora da heteronormatividade. A situação se deteriorou ainda mais durante este período de pandemia global.

**PRIDE 4 YOUTH INITIATIVE—UGANDA**

班 崇 班 崇 班 崇 班 崇



# As Organizações Feministas Negras são:

- Lideradas por mulheres de várias identidades e status;
- Intergeracionais;
- Posicionadas em todos os continentes do globo;
- Em geral, registadas, ou por motivos de escolha política, falta de recursos ou distante da administração, optam por não serem registadas;
- Engajadas na mobilização de um poder coletivo contra as diversas interseções de formas de opressão.
- Transformadoras profunda e positivamente da vida de mulheres/meninas negras, pessoas de gênero expansivo e comunidades e do mundo.

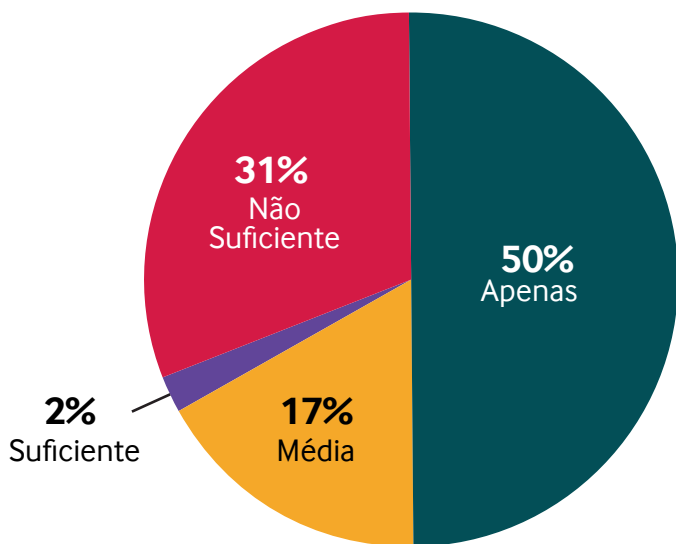
# Financiando os Movimentos Feministas Negros

O financiamento é uma questão crítica para o desenvolvimento das BFOs, o fortalecimento de suas iniciativas e a sustentabilidade das mudanças que elas trazem para a eliminação das múltiplas opressões enfrentadas pelas mulheres negras e pessoas de gênero expansivo. A miopia de setores filantrópicos em relação à interseccionalidade leva ao apagamento sistemático de temas estratégicos e ao financiamento de projetos monotemáticos que nem sempre respondem às questões matizadas e entrelaçadas encontradas nos movimentos feministas negros. Apesar das ameaças, perigos, riscos e repressão, muitas vezes com poucos recursos, as organizações feministas negras estão reinventando um mundo melhor mundo e, dia a dia, contribuindo para a construção de uma sociedade de justiça social. Por outro lado, as forças e dinâmicas de opressão unidas e em rede, têm à sua disposição enormes recursos monetários e não monetários. (Veja o capítulo *Em oposição às Agendas Feministas Negras*). Portanto, é fundamental compreender, sob a ótica do movimento feminista negro, o panorama e o acesso ao financiamento como elas o vivenciam e como gostariam que fosse.

**A ilusão de intervenções filantrópicas sobre a interseccionalidade conduzem à eliminação sistemática de temas estratégicos e conduzem ao financiamento de projetos de temas únicos que não respondem continuamente a problemas nuançados e entremeados de movimentos femininos negros.**

## Recursos financeiros, sustentabilidade e resiliência

- Com € 25.000, a Trans Empowerment Initiative, (TEI - Quênia), aborda o direito fundamental das pessoas trans à saúde, bem-estar e moradia para mitigar os desafios que os tornam vulneráveis à opressão sistêmica. A organização oferece casas seguras para transgêneros sem-teto, educa-os sobre fontes de renda que podem sustentá-los, fornece àqueles que passaram por experiências duras e abusivas com mentores para guiá-los através do processo de autoconfiança, autoconsciência e amor próprio, além de um espaço seguro para as pessoas trans serem livres, sem medo de preconceito ou discriminação. O TEI também orienta sobre o uso seguro de hormônios e sobre os melhores médicos a consultar.



**Avaliação das BFOs em seu nível de financiamento atingir os objetivos para mulheres negras, meninas intersexuais e pessoas não binárias**

# 81%

das organizações feministas negras pesquisadas sentiram que o financiamento que receberam variou de “pouco” a “nem um pouco” útil para alcançar seus objetivos.

# 61%

das Organizações de Feministas Negras trabalham com orçamentos anuais que é bem menor que **\$50.000 por ano.**

- No Maláui, a Green Girls Platform está abordando a violência que as meninas enfrentam devido ao impacto das mudanças climáticas. Trabalha na capacitação, promovendo a justiça climática, aumentando a conscientização sobre os direitos à saúde sexual e reprodutiva e fornecendo habilidades de liderança. Também ensina habilidades de oratória e organiza diálogos e debates com outras meninas, bem como com tomadores de decisão. Organiza atividades de plantio de árvores e defende o uso da energia solar. Tudo isso com um orçamento de US\$ 30.000.
- Com um orçamento de US\$ 5.000, a Her Choice visa construir comunidades livres do casamento infantil e fortalecer a liderança, o poder e a voz das meninas.

Isso é pra dizer que as BFOs são esmagadas pelo peso das estratégias de sobrevivência que, no fundo, correm o risco de limitar a sua mobilização e aniquilar as mudanças alcançadas.

Embora a capacidade das feministas negras de inovar diante do subfinanciamento histórico e orçamentos insuficientes seja uma prova de sua resiliência, ainda há muito a ser feito para mudar a cultura que normaliza essa luta pela sobrevivência. As feministas negras e seus movimentos merecem os recursos e o apoio de que precisam para prosperar.





# As feministas negras

e seus movimentos

# merecem


os recursos e o apoio de que precisam

# para prosperar.




## Com quanto as organizações feministas negras sonham?


As BFOs não estão pedindo o impossível, eles estão simplesmente pedindo o que é necessário para consolidar os ganhos que eles contribuíram para as mulheres, comunidades e o mundo.

 Devido à posição da língua francesa no mundo, temos dificuldade em solicitar financiamento internacional, portanto ainda não recebemos nenhum financiamento. Embora essa situação não possa estar diretamente ligada à pandemia, provavelmente, mais uma vez, sequestrou energia que poderia ter sido mobilizada em torno da arrecadação de fundos.


**W̃ XOOL—FRANÇA**

 Obtivemos financiamento apenas para projetos de curto prazo com duração entre 3 e 2 meses.


**HAKI NAWIRI AFRIKA—QUÊNIA**

 Os doadores não confiam em nós porque somos uma organização jovem, embora estejamos representados em Angola, Botsuana, Malawi, Namíbia, Ruanda, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.


**DEVELOPMENT AGENDA FOR GIRLS AND WOMEN IN AFRICA NETWORK—  
ANGOLA, BOTSUANA, MALÁUI, NAMÍBIA, RUANDA, ÁFRICA DO SUL,  
SUAZILÂNDIA, TANZÂNIA, ZÂMBIA, ZIMBÁBUE**

 Aproximadamente \$60.000,00 seria suficiente para atingir as metas da organização.

**MANO AMIGA DE LA COSTA CHICA—MÉXICO**

 \$275.000 por ano durante 5 anos também nos permitiria construir a equipe e os recursos necessários para colaborar mais amplamente nos níveis nacional e continental e com a diáspora negra.

**STRICTLY SILK—QUÊNIA**

 O orçamento anual dos sonhos é de um milhão de dólares para fazer tudo o que precisamos fazer.

**REDE NACIONAL DE MULHERES NEGRAS NO COMBATE Á VIOLÊNCIA—BRASIL**



~ \$525,170

é o orçamento médio dos sonhos das  
Organizações Feministas Negras.

# 59%

das Organizações Feministas Negras nunca receberam financiamento principal ou de apoio.

# 75%

das Organizações Feministas Negras recebem a maioria de seus financiamentos através de bolsas para projetos específicos.

# 53%

das Organizações Feministas Negras não possuem fundos disponíveis para o próximo ano fiscal.

# 52%


das Organizações Feministas Negras receberam financiamento para menos de 2 anos.

## Tipos e duração dos subsídios


O tempo de resposta às solicitações não parece ser um problema: o mais longo é de 3 a 6 meses, em geral, embora algumas solicitações esperem um ano para receber uma resposta.

Enquanto os movimentos anti-mulheres, anti-LGBTQI e anti-direitos de gênero estão ganhando dinheiro, o movimento feminista, e especificamente as organizações feministas negras, está desmoronando sob o peso da miséria, mantendo-se firme graças a um compromisso forte e infalível.

## O impacto da pandemia de COVID19

 Nossos serviços diretos pararam devido à pandemia, falta de financiamento para atender às necessidades do programa de pais solteiros e do programa de acesso à justiça.

**LIBERIA ASSOCIATION OF FEMALE SOCIOLOGISTS—LIBÉRIA**

 Os membros da equipe perderam familiares para o COVID-19, outro foi hospitalizado e isso teve um impacto significativo em nosso fluxo regular de operações. A pandemia resultou em mais demandas de nosso tempo e esforços e menos capacidade emocional e mental para prestar serviços aos beneficiários.

**INTERSECT—ANTÍGUA**



- 🗣️ A organização foi formada durante o covid como resultado do que estava acontecendo e conseguir financiamento não foi fácil.

**SMART TRANSITIONS**

- 🗣️ \*Uganda, como muitos outros países africanos, continua sendo uma sociedade heteronormativa com hostilidade profundamente enraizada em relação à sua comunidade transgênero. Em 2021, o presidente Museveni emitiu uma diretiva detalhada sobre medidas preventivas para combater o vírus COVID-19 que resultou na prisão de muitas mulheres transgênero.

No final de março de 2020, 20 membros da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (mulheres transgêneros) de Uganda foram presos, detidos e passaram mais de 50 dias em prisão preventiva após supostamente desobedecer as regras de contenção ao Covid-19 do país.

Em 31 de maio de 2021, outro grupo de 44 membros da comunidade de mulheres trans foi preso e detido na prisão de Kitalya.

No final de outubro, outro grupo de 40 integrantes do abrigo Wave of Legacy foi ameaçado de prisão caso não se deslocasse para outro local.

Esses incidentes e eventos levantaram várias questões de segurança em relação aos abrigos de mulheres trans em Uganda, o que nos fez perceber que nossa segurança precisa ser atualizada.


**PRIDE FOR YOUTH INITIATIVE—UGANDA**

- 🗣️ Inicialmente, a parte de nosso trabalho baseada na comunidade era limitada por bloqueios e toques de recolher obrigatórios do governo. Também tivemos que abordar e combater a violência de gênero, o antirracismo e as crescentes desigualdades migratórias como parte da resposta do governo à pandemia de COVID-19.

Inicialmente, atendemos nossos membros principalmente em eventos presenciais. Mudamos para divulgação digital e construção de comunidade digital em 2020 e, como resultado, construímos uma extensa rede em Ohio de ativistas e construtores de comunidades que lideram campanhas de engajamento cívico e esforços de cuidado comunitário.

**OHIO WOMEN'S ALLIANCE—EUA**




 Nossa organização é uma organização de pessoas com deficiência e, portanto, não podemos manter distância social devido à natureza do nosso movimento, a comunicação se torna um desafio com a máscara porque alguns de nós dependem da leitura labial para comunicação. A maior parte de nosso financiamento principal vem de nossas atividades de geração de renda que foram severamente afetadas e, portanto, a manutenção do escritório e a remuneração da equipe são agora um grande desafio.


**KISUMU DISABLED SELF-HELP GROUP—QUÊNIA**

 Demitimos alguns funcionários.

**MALIAN ASSOCIATION FOR THE PROMOTION OF YOUNG GIRLS AND WOMEN—MALI**

 Com a COVID, as atividades de campo foram interrompidas. Mas continuamos a trabalhar online e havia necessidade de gastar dinheiro em telefonemas para acompanhamento de sobreviventes de estupro e assédio sexual, bem como transfobia para acompanhamento regular e pessoal. Essas despesas foram inesperadas.

**GIRLS IN ACTION—BENIN**

 Restrições e protocolos durante apresentações artísticas diminuíram a participação e o gerenciamento de projetos foi prejudicado. Além disso, as prioridades dos financiadores mudaram para outras coisas, como saúde.

**KALALU DANZA CENTRO DE INVESTIGACION CULTURAL Y ACCION CREATIVA AFRO CARIBEÑA— REPÚBLICA DOMINICANA**

A pandemia do COVID-19 mudou profundamente a maneira como os BFOs trabalham. As ações do governo e anti-direitos afetaram mais as formas de trabalho dos BFOs, mas também houve aumento da escassez e redirecionamento de recursos financeiros para a saúde, circunstâncias imprevistas que fizeram com que feministas negras perdessem seus empregos, organizações reduzissem drasticamente suas despesas e desacelerassem suas Atividades. No nível humano, as ativistas foram afetadas pessoalmente pela pandemia (hospitalização, perda de entes queridos), e isso também contribuiu para desacelerar suas atividades. Elas têm consistentemente conseguido encontrar respostas, seja mudando as modalidades das intervenções, seja trabalhando virtualmente, seja revendo suas prioridades, sem se desconectar das coisas pelas quais vivem. Algumas feministas negras perderam a vida, deixando seus colegas perturbados, outras perderam entes queridos e ficaram emocionalmente devastadas, enquanto algumas foram afetadas pelo vírus. Mas diante da COVID-19, as intervenções para o atendimento psicológico e emocional das próprias feministas não foram mencionadas pelas entrevistadas. Essa falta de atenção a

si mesmo, embora louvável e generosa, ainda é um risco para o movimento. A COVID-19 tornou ainda mais evidente a necessidade e necessidade das feministas negras se cuidarem como uma das condições para a sustentabilidade do movimento. Deixar de proporcionar esses momentos de cuidado individual e coletivo, não levar em conta esses períodos de regeneração de energias e consolidação da irmandade, não integrar o cuidado individual e coletivo na vida pessoal e no ativismo, é diminuir a capacidade de resiliência, significa colocar o movimento em perigo. Assim, o bem-estar das feministas negras é extremamente importante para fins de construção do movimento, e o financiamento deve apoiá-lo de acordo.



Apesar da pandemia, tivemos um pequeno número de doadores que continuaram a apoiar a nossa organização.

**CALL.ACTIVIT—PALESTINA**



Embora ainda tenhamos muito pouco financiamento, nosso financiador nos apoiou durante a Covid.

**PATINAAI OSIM—QUÊNIA**



Embora a maioria de nossos financiadores seja flexível com o uso de financiamento para trabalhos relacionados ao COVID-19, alguns financiadores reestruturaram propostas futuras de financiamento ou concessão, reduzindo principalmente nosso financiamento para o próximo ano fiscal.










**COLECTIVA FEMINISTA EN CONSTRUCCIÓN—PORTO RICO**








Tivemos de mudar as nossas áreas temáticas e grupos-alvo para angariar fundos.

**WOMANDLA FOUNDATION—ZIMBÁBUE**



-  Os doadores foram generosos e compreensivos conosco e dispostos a mudar as prioridades para fornecer apoio adicional.  
**FUND FOR CONGOLESE WOMEN—REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO**
-  Tem havido maior flexibilidade por parte dos doadores.  
**OBSERVATORIO VIGIAAFRO—COLÔMBIA**
-  De certa forma, a COVID-19 aumentou nosso financiamento e fortaleceu nosso relacionamento com nossos parceiros.  
**LEAP GIRL AFRICA—CAMARÕES**
-  Financiamento para YWA foi cortado pela metade.  
**YOUNG WOMEN IN ACTION (YWA)—ZÂMBIA**
-  A maior parte do nosso financiamento vai para atividades específicas e não para apoio geral, costumávamos levar muito tempo para convencer o doador da importância dos workshops online, quanto custam, por que os salários são pagos pelo projeto e outros detalhes, como como apoio psicológico e sua importância, e continuamos engajados nessas discussões mesmo em tempos de COVID.  
**GANOUBIA HORA—EGITO**
-  Os doadores têm favorecido as ações voltadas para a saúde, prevenção e cuidado da COVID.  
**RED DE MUJERES AFROLATINOAMERICA AFROCARIBEÑA Y DE LA DIASPORA COLOMBIA—COLOMBIA**
-  Sim, porque houve uma diminuição do financiamento público competitivo, o que afetou o nosso trabalho.  
**COLECTIVA DE MUJERES AFRODESCENDIENTES LUANDA—CHILE**
-  O financiamento foi suspenso porque os doadores acharam o monitoramento difícil ou impossível devido ao fechamento de fronteiras e confinamento.  
**ALTERNATIVES MÉNAGES, NATURE ET MARCHÉS—REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO**
-  Estamos passando por uma redução de 45% no financiamento.  
**ASSOCIATION MALIENNE POUR LA PROMOTION DE LA JEUNE FILLE ET DE LA FEMME—MALI**

-  O impacto é que não temos recursos suficientes para trabalhar e estender nossas ações a outros beneficiários de outras regiões que precisam ou são carentes.  
**ENVOL—ASSOCIATION ACTION SANTÉ TRANS—BENIM**
-  Sim, o caminho para adquiri-los tem sido difícil porque é difícil executar projetos durante as pandemias devido ao nosso contexto rural, trabalhar virtualmente não ajuda muito para a execução de nossos projetos.  
**MANO AMIGA DE LA COSTA CHICA—MÉXICO**
-  Ficamos com menos oportunidades de financiamento para o nosso trabalho baseado em direitos.  
**VOICE OF THE VOICELESS—ZIMBABWE**
-  Houve um impacto significativo no financiamento de nossa organização em termos de taxas de adesão.  
**ACTION FEMME ET ECO JUSTICE—REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO**
-  A COVID não teve impacto no nosso financiamento porque as nossas ações são autofinanciadas desde a criação da nossa associação.  
**WAKE UP LADIES—CAMEROON**

O COVID 19 teve um impacto no financiamento das BFOs e em suas relações com os doadores. Algumas fundações foram flexíveis e tiveram uma conversa aberta entre os parceiros sobre o que fazer e quais deveriam ser as respostas coletivas a esse desastre imprevisível. Outros doadores reduziram ou retiraram seu financiamento e redirecionaram seus esforços para a saúde e o combate a esta pandemia. Mesmo as BFOs autofinanciadas, sem doadores, sentiram o impacto do COVID por causa da queda na renda dos membros que contribuíram ou lideraram atividades geradoras de renda.





# Financiamento autônomo

“Os recursos que alimentam a mudança social feminista vêm de várias formas - financeira, política, bem como em atos cotidianos de resistência, cuidado, sobrevivência e na construção de novas realidades feministas...”<sup>1</sup>


As Organizações Feministas Negras (BFOs), embora muito dependentes de fundações financiadoras, estão desenvolvendo estratégias para gerar seus próprios recursos. As BFOs relatam ter entre 0,2 e 100% de sua renda gerada por recursos autônomos. A porcentagem média de renda gerada autonomamente por organizações feministas negras é de 10%.

## A porcentagem média de renda gerada autonomamente por organizações feministas negras é de 10%.

-  O Projeto Pendeza Weaving (Quênia) dá a mulheres e jovens áreas rurais os meios para se fortalecerem através do trabalho independente no cultivo, transformação e valor agregado de algodão. Ele gerou \$ 20.000 por conta própria este ano.
-  Na época do primeiro Lelilai Festival, eu tinha economizado porque comecei a trabalhar com 18 anos e não sou de gastar. Financiei os primeiros festivais com 10.000 US\$. Foi um sucesso total. É neste momento que pais, familiares, amigos, conhecidos e amantes da arte aceitaram dar este “dinheiro de amor” sem nada em troca. Arrecadamos 7.000 US\$, o que representa 70% das despesas dos festivais anteriores. Depois os centros culturais nos emprestaram quartos, o que barateou os custos.

SHAYDEN—FEMINIST, ARTIST—IVORY COAST

Nome da organização	Ações para gerar recursos financeiros
CAEDHU	Venda de jogos desenvolvidos pela organização
WILDAF	Provisões de serviços
Rede de Mulheres Negras do Estado do Rio de Janeiro	Vendemos camisetas
Futuro Feminista Negro	Vendas on-line de mercadorias e cobrança de taxas de treinamento
Call.Activit	Vendas de revistas e serviços de conferência
Federação de Mulheres Advogadas, (FIDA) - Quênia	Processamento de processos para acesso à justiça
A escolha dela	Agricultura
Projeto Tecelagem Pendeza	Venda de fios fiados e produtos tecidos à mão
Sanyu centro de artes e direito, (SARI)	Consultas, aulas de dança, venda de livros.
UbyLulu	Taxas de consulta
Voz dos que não têm voz, (VoVo)	Aluguel de equipamentos de som e espaço para eventos
Grupo de Ação Feminina	Consultorias, locações



Com os nossos próprios meios, os nossos salários, as nossas motas, o nosso empenho, desenvolvemos primeiro a vertente da “nova cultura” que é uma cultura subversiva com cantos, danças e teatro que mostrava que a mulher podia, e devia, ocupar um lugar diferente daquele que a sociedade lhes reserva.


**USOFORAL—FAN KUNDÉ MA SILÓO: ON THE WAY TO EMPOWERMENT—SENEGAL**

Com ou sem financiamento, de pequenas doações ou com nossos modestos fundos próprios, as BFOs tentam realizar iniciativas promissoras, para reduzir a dependência de fundações e doadores. Elas demonstram sua profunda determinação em enfrentar os problemas de frente e oferecer soluções adequadas às situações das mulheres e pessoas de gênero expansivo. Demonstram também, seja qual for o campo de intervenção, as suas comprovadas capacidades de inovação que podem ser reforçadas e consolidadas para permitir às BFOs construir a sua autonomia financeira pouco a pouco, mas com segurança. Existem muitas outras iniciativas de BFOs para arrecadar recursos não monetários, pois, não é só o dinheiro que conta.

Nous Sommes la Solution/We are the Solution é um movimento pan-africano de mulheres rurais: de 2000 a 2009, longas consultas entre organizações camponesas sobre estratégias para lutar contra as políticas agrícolas impostas pelas multinacionais agroindustriais não deram resultado. Então nós, mulheres do campo, decidimos lançar uma campanha de luta contra essa agricultura convencional e pela preservação do nosso meio ambiente. Em cada país, identificamos pessoas e organizações com experiência em agroecologia. Estabelecemos redes de organizações de mulheres rurais e elas são apoiadas por esses recursos, pessoas que colocam seus conhecimentos à disposição. Com demonstrações em lotes modelo graciosamente fornecidos pelas famílias, as práticas agrícolas melhoraram. O papel e o lugar da mulher na agricultura familiar tem melhorado à medida que ela se torna detentora de conhecimentos e técnicas úteis para a produção agrícola. Após 3 anos desta campanha iniciada em 2014, a organização passou de 12 associações no início, para 500 reunindo 175.000 associados em 2017. A partir daí, a campanha tornou-se um movimento, apesar da falta de apoio das autoridades de nossos países porque nossos objetivos são contraditórios aos deles que estão ligados à agricultura convencional, química e destrutiva.

**NOUS SOMMES LA SOLUTION/WE ARE THE SOLUTION—GHANA, BURKINA FASO, SENEGAL, MALI, GUINEA**




 Criamos conteúdos sobre gênero e sexualidade no contexto africano e, nos últimos anos, publicamos e traduzimos livros para lusófonos, (com o devido reconhecimento dos autores), que são vendidos a um preço simbólico e devolvemos o dinheiro para a manutenção da organização.

**ARQUIVO DE IDENTIDADE ANGOLANO—ANGOLA**


 Organizamos bingos, bazares, sorteios e arrecadamos doações individuais.

**COLETIVA DE MULHERES NEGRAS ABAYOMI—BRASIL**

As BFOs usam recursos não-monetários para suas intervenções, mas também os oferecem a outras associações e grupos.

 Nossa intervenção cresceu por causa da solidariedade entre feministas. Uma organização irmã como a APROFES, em Kaolack, (Senegal), que foi convidada para uma conferência internacional sobre o envolvimento das mulheres em conflitos, passou-nos o convite porque não era a sua área de intervenção, e isso abriu-nos as primeiras portas. A APROFES também nos colocou em contato com os doadores, contando sobre nosso trabalho.

**USOFORAL—(FAN KUNDÉ MA SILÓO! ON THE ROAD TO EMPOWERMENT)—SENEGAL**

 “Recentemente, enviamos jovens agricultoras da Zâmbia e do Zimbábue para as Ilhas Maurício, para uma ‘escola de ecologia’ na qual estamos envolvidos, e elas disseram: ‘Trouxemos nossas sementes e fizemos uma apresentação porque queremos que vejam como são as sementes africanas - esta é a nossa biodiversidade.’ Essa resistência espiritual é algo em que eles acreditam muito fortemente. As empresas multinacionais estão expulsando sementes de pequenos agricultores e sementes indígenas para que possam vender as suas próprias. Se as empresas multinacionais de sementes podem enviar suas sementes para todo o mundo, por que não podemos promover as sementes locais?”

**RURAL WOMEN’S ASSEMBLY—ÁFRICA DO SUL.**



# Barreiras ao Financiamento

As organizações feministas Negras nomeiam as barreiras de acesso ao financiamento:

- Concorrência entre organizações juvenis ou organizações juvenis e organizações estabelecidas há anos;
- Requisitos do doador (registro, conta bancária, relatório de auditoria);
- O montante, o tamanho do financiamento que não permite intervenções em grande escala enquanto as necessidades da luta por justiça social são enormes e os movimentos anti-direitos são confortavelmente financiados;
- A falta de suporte necessário para o funcionamento das BFOs e, portanto, a falta de pessoal de apoio e o risco de esgotamento entre líderes e ativistas;
- Categorias de direitos negligenciadas, como os direitos de pessoas trans, meninas, pessoas não binárias e intersexuais, pessoas com deficiência e pessoas que vivem em áreas rurais. Aqueles que combinam mais de um desses status são ainda mais marginalizados;
- O risco de as organizações mudarem de rumo para se adequarem ao escopo definido pelos doadores, em vez de buscar seu próprio impulso e as necessidades de seus beneficiários;
- Atenção insuficiente a temas como esportes, artes e cultura, poderosos canais de transformação social;
- A duração do financiamento é de cerca de dois anos, quando leva mais tempo para produzir mudanças que possam ser sustentáveis.





A promessa de financiar a ação coletiva feminista certamente se materializou nos últimos anos, mas ainda assim persiste o trágico subfinanciamento dos movimentos feministas negros. O compromisso, o conhecimento, as organizações e as tecnologias para desenvolver e consolidar os movimentos feministas negros, para mudar o mundo, existem. Iniciativas extraordinárias são realizadas todos os dias, às vezes com recursos limitados e muito empenho e criatividade, o que é desgastante a longo prazo. Já passou da hora de fazer escolhas importantes para aumentar o acesso das feministas negras aos recursos monetários e não-monetários. Eles precisam mobilizar níveis de financiamento sem precedentes - em termos de duração, escopo e qualidade — de todas as fontes, em todos os níveis. Eles precisam de recursos direcionados e coerentes, recursos flexíveis de programas - projetos, mas também recursos em termos de investimentos para construir, para construir sua autonomia passo a passo para poder empoderar. Os recursos para apoiar as BFOs devem ser tão significativos e transformadores, tão propositais quanto a imensa liderança, o comprometimento e a capacidade das próprias organizações do movimento feminista negro.

**Os recursos para apoiar as BFOs  
devem ser **tão significativos e  
transformadores,**  
tão propositais quanto a  
**imensa liderança, o  
comprometimento e  
a capacidade**  
das próprias organizações do  
movimento feminista negro.**

# Conclusão

Este capítulo revela a força e o poder dos Movimentos Feministas Negros. As descobertas também destacam a profunda precariedade das organizações feministas negras em relação ao financiamento e dá voz às lideranças feministas negras e as demandas das organizações filantrópicas.

A mensagem aos doadores não aborda apenas os procedimentos e critérios de candidatura mas também à quantia financiada. As organizações feministas negras clamam por mais justiça, equidade e confiança, o que constitui a base para uma parceria real, frutífera e produtiva.

- 1 Garantir tempo suficiente para o período de inscrição para tornar o financiamento mais acessível.
- 2 Simplificar o processo de aplicação e desembolso de fundos.
- 3 Inclua exemplos de informações a serem inseridas para ajudar os candidatos a entender o que é necessário.
- 4 Entenda que construir confiança levará tempo, pois esses problemas são sistêmicos e, portanto, profundamente enraizados.
- 5 Envolver grupos marginalizados em discussões, negociações e tomada de decisão sobre decisões de financiamento e determinação de critérios de elegibilidade.
- 6 Assuma uma posição proativa sobre equidade, diversidade e inclusão.

Dadas as múltiplas crises que o mundo enfrenta e o potencial transformador dos movimentos feministas negros, as organizações feministas negras em todas as suas diversidades merecem financiamento significativo.





As Feministas Negras merecem uma oportunidade. Confiem nas feministas negras!

Eu recomendo que os financiadores tornem seus fundos mais flexíveis para grupos e organizações que tem idéias únicas e inovação para acessar financiamentos. Além disso, eu recomendo treinamentos e oportunidades de networking para organizações que estão iniciando ou mesmo estão se estabelecendo pela primeira vez;

Os financiadores devem abolir requisitos de elegibilidade inacessíveis; Os financiadores devem mudar amplamente para o financiamento básico e permitir que as organizações usem doações para atender às necessidades diretas de suas comunidades. Isso ocorre porque comunidades diferentes têm problemas diferentes; Os financiadores devem confiar nas organizações lideradas por mulheres jovens e financiá-las adequadamente com doações que não sejam limitadas a 50% de seu último orçamento;

Pense no futuro que você quer vivenciar e invista nos grupos que já estão trabalhando para torná-lo realidade;

Aumente as porcentagens de financiamento para organizações de mulheres de forma estratégica e deliberada;

As organizações de mulheres negras devem ser adequadamente financiadas. No Brasil, mais da metade das mulheres negras não tem emprego remunerado. Estamos exaustas e precisamos de apoio para uma luta efetiva no dia a dia contra o racismo estrutural;

Eles precisam trabalhar seus pré-conceitos inconscientes;

Não baseie os processos na suspeita, mas na confiança. Deixe espaço para aprender com seus erros. Deixe espaço para inovação, o que significa assumir riscos;

Compare organizações com status semelhante ao invés de comparar organizações internacionais com organizações de sociedade civil locais.



# Embarcando numa missão

Por Maie Panaga Babker



## Capítulo 3

## **Movimentos Feministas Negros no Oriente Médio e Norte da África**

Na última década, os movimentos feministas nas regiões do Oriente Médio e Norte da África (MENA) ganharam atenção em estudos e financiamentos, principalmente com o amadurecimento do discurso quando se trata de enfrentamento ao patriarcado e sua intersecção com militarização, fundamentalismo, guerra, gênero, e violência sexual. Esses movimentos, portanto, embarcaram na localização de estruturas analíticas e teóricas para estabelecer uma base sólida para esses desenvolvimentos e batalhas cotidianas. Para citar algumas, teorias feministas interseccionais, justiça reprodutiva, pós-colonialismo. Apesar desses avanços, há uma escassez de conhecimento sobre a organização e as lutas das mulheres negras e afrodescendentes.

Quando a pesquisa *Onde está o dinheiro para Movimentos das Feministas Negras?* começou, um valor gritante foi descoberto sobre o financiamento de Direitos Humanos para mulheres negras, meninas e pessoas trans: apenas uma única doação foi para as regiões do MENA\* (Middle East and North of Africa) (veja o capítulo *Através das Lentes da Filantropia*). Isso contrastou com nosso conhecimento das contribuições e movimentos feministas negros nas regiões e instigou este capítulo que mergulha profundamente no trabalho e no pensamento das feministas negras no MENA. Como o BFF está interessado em focar seus esforços nas realidades vividas pelos movimentos negros feministas e afrodescendentes globais e transnacionais, ampliamos nosso convite para todas aquelas que se identificam como feministas, ativistas, organizadoras, escritoras e contadoras de histórias no MENA.

Este capítulo se concentra em articular os diferentes fios e contextos que contribuíram para moldar/tecer as identidades e a consciência política das mulheres negras afrodescendentes da região e as ferramentas mais utilizadas em sua busca por evidenciar suas lutas e relação com outros movimentos sociais em a região. Na tentativa de mapear o movimento feminista negro


na região e compreender suas formas de organização, realizamos entrevistas com quinze mulheres negras e afrodescendentes de dez países da região e pedimos que compartilhassem conosco suas trajetórias. Suas respostas nos deram uma visão das experiências e significados multifacetados e matizados de ser uma mulher negra/ afrodescendente na região.

## Tirania do Apagamento e Negação

Ao longo do verão de 2020, vários indivíduos, organizações, grupos e até figuras públicas dentro e do MENA foram à internet mostrando solidariedade ao movimento “Black Lives Matter (BLM)” nos EUA. Os sites estavam inundados de declarações contra o racismo e a discriminação, o que abriu uma conversa que não foi a primeira, mas talvez a mais visível, sobre o racismo e a situação das comunidades negras e afrodescendentes da região. Estes foram recebidos com um espectro de discursos, de defensivos a ofensivos. Houve quem rejeitasse a ideia de que sua cultura e seus países tivessem manifestações racistas, tendo como premissa sua refutação em textos religiosos islâmicos que afirmam a equação de pele branca e negra no Islã, e cordialmente nas culturas árabes. Enquanto isso, alguns outros solicitaram ‘prova’ de qualquer discriminação legal ou social contra os negros na região. Em terceiro lugar, vieram aqueles que consideraram essas ‘acusações’ de racismo como ‘injustas’, alegando que centralizam a história ‘ocidental’ americana do racismo como referência, e afirmando que mesmo que a cultura envolvesse ações racistas, eram ‘incidentes individuais’ que pode incluir piadas, mas não chega ao ódio pela negritude. Todos os argumentos mencionados anteriormente tinham insinuações em torno da veracidade desses confrontos e da ‘americanização’ daqueles que tentam colocar a questão do racismo regional histórico, e duvidam da intenção dos membros da comunidade negra que os colocam, de que usem uma fantasia histórica injusta.

De fato, são vários os fatores que reforçam um discurso tão ignorante e desdenhoso e, em conjunto com o estado histórico e contemporâneo das comunidades e indivíduos negros da região. Como ponto de partida e mais importante, a educação formal em suas diversas etapas e currículos, que desconsidera a educação sobre a diversidade e inclusão racial, cultural e étnica, e desconsidera completamente a história local e regional da escravização e do tráfico de escravos. A cultura popular e a mídia também carecem de representação positiva dos negros/afrodescendentes. Além disso, às vezes contribui para a normalização e familiarização de um olhar inferior em relação aos negros, pois vários programas e filmes usam a negritude em um contexto cômico, usando o black face (cara pintada de preto)

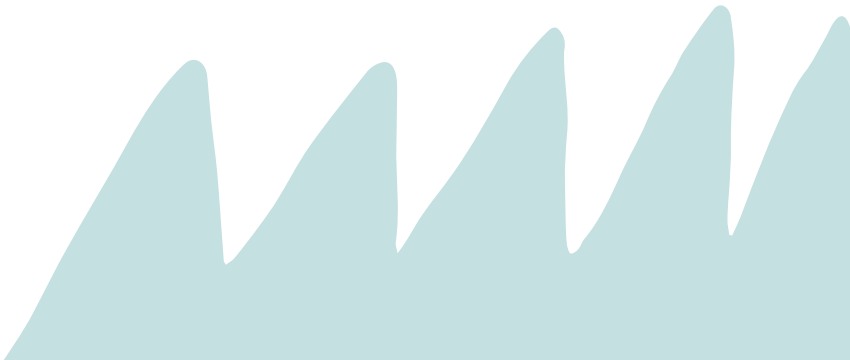




para apresentar visões racistas estereotipadas em relação aos negros, principalmente como “sudaneses”, falando com sotaques árabes quebrados. As mulheres negras não são representadas fora dos papéis de trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do sexo deliciosas. Tentativas de pedir o fim dessas imagens racistas estereotipadas são recebidas com respostas desdenhosas de “você é muito sensível”, exclamando que tal representação não exige violência contra os negros, são apenas uma mera piada.

É então a hegemonia de tais discursos desdenhosos, que superam o racismo como tema secundário, em oposição à liberdade, aos direitos econômicos e sociais, que dificulta a abertura de um debate efetivo, profundo e crítico sobre raça e suas diversas interseções. E além disso, onera as comunidades negras e afrodescendentes com todo o peso de provar, não apenas sua presença e pertencimento, mas também seu direito de expressar as ramificações da opressão estrutural e institucional prolongada.

As mulheres negras tentaram explorar suas histórias nas experiências daqueles que as antecederam, dos ancestrais, na tentativa de compreender seu presente e recolher os pedaços dos entrelaçamentos raciais, sexuais e de gênero em suas identidades. Vasculhar historicidades oficiais e alternativas da região, e ler literatura de ficção ou não, fica aquém da vaga menção de historiadores e acadêmicos, e dos estereótipos repulsivos. Embora haja um interesse crescente na produção de conhecimento e na historicização de figuras e palcos dos movimentos feministas na região, é a raça e a contribuição das feministas negras que deixamos a desejar. Está longe de ser um reflexo real das vozes e causas das mulheres negras, nas comunidades e em várias outras formas de organização.





# Traçando o passado, narrando o presente

Parte das manobras impressionantes que notamos ao rastrear o conteúdo de feministas negras e afrodescendentes online na região é que muitas feministas negras se encarregaram de preencher as lacunas do conhecimento fornecendo sua própria versão na narrativa. E aqui estão mostrando não apenas como fazem sua produção de conhecimento, mas como a produção de conhecimento é, por si só, uma ferramenta para desenvolver comunidades e redes de cuidado.

“Isso me deu a oportunidade de realmente me conectar com mulheres negras, um dos meus principais objetivos quando comecei esta plataforma era dar especificamente para mulheres negras e é por isso que você verá que a maioria dos artigos que tínhamos em nossa plataforma são de mulheres negras porque eu sempre senti que com os homens negros mesmo na região eles tendem a ter um espaço onde eles podem falar não é o mesmo caso para nós e infelizmente eles nem defendem nossas causas e não nos permitem compartilhar as plataformas que eles têm”

—Nareeman Dosa, Pérola Negra

“[Black Pearl](#)” é uma plataforma com foco nas histórias de comunidades negras e afrodescendentes da região, fornecendo essas histórias e historicidades na forma de narrativas pessoais escritas, entrevistas, podcasts e painéis. A fundadora teve a oportunidade de escrever sobre sua experiência como mulher negra e afrodescendente no Catar. Nessa oportunidade, ela percebeu a sede por mais histórias, e que tem a capacidade de envolver mais pessoas, mais vozes de negros e afrodescendentes, de lançar luz sobre a multiplicidade de camadas, que uma ou duas pessoas sozinhas não conseguem descrever. A Pérola Negra está evoluindo com o crescimento da consciência feminista das pessoas envolvidas nela.

Era o desejo delas tornar suas histórias visíveis, suas identidades vistas e seus pontos de vista levados em consideração. Este é o início do “[Coletivo de Iranianos Negros](#).” O coletivo tem como premissa o desejo de dar vida às experiências dos iranianos negros não apenas dentro do Irã, mas nas relações dos iranianos negros com suas identidades através de várias geografias e gerações. O coletivo está comprometido com duas coisas principais: engajar-se com a relação linguística com “Negritude”, que é usada como um termo pejorativo, e reivindicá-la como uma experiência. Além disso, o fato de ainda não haver uma terminologia real para se referir a “anti-negritude” ou a “racismo” em farsi. A segunda

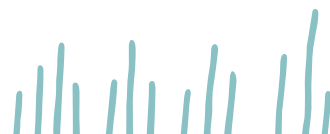
**Com a  
colaboração  
de artistas,  
contadores  
de histórias,  
cineastas,  
o coletivo  
redesenha os  
imaginários  
sociopolíticos  
da vida  
cotidiana  
dos iranianos  
negros.**

é se envolver com as histórias das comunidades negras no sul do Irã. Eles fazem isso envolvendo historiadores, por um lado, e engajados com a história oral de seus próprios familiares, por outro. Esse equilíbrio é um modo de ruptura diante da institucionalização da narrativa histórica. Com a colaboração de artistas, contadores de histórias, cineastas, o coletivo redesenha os imaginários sociopolíticos do cotidiano dos Iranianos de Preto.

“A razão pela qual compartilhamos nossas histórias não é educar, é enviar eco, para que mulheres e meninas negras no Irã possam saber que são bonitas.” - Priscillia Kounkou-Hoveyda, Coletivo de Iranianos Negros.

Um dos traços mais antigos de narrativas feministas negras online é encontrado em Brownie; um blog que remonta a 2007 pela feminista muçulmana africana nubiana Fatma Ema . O blog de Fatma é sua reflexão sobre a constelação de causas que ela representa, mas geralmente é forçada a abrir mão de uma sobre as outras de suas identidades. Envolve-se com os direitos de retorno, negritude no Egito, feminismos africanos, literatura e criando um espaço de solidariedade com lugares que geralmente são sub-representados na esfera principal dos direitos humanos egípcios, tais como; mulheres que vivem sob as leis muçulmanas, e ampliando o escopo deste reino do Norte, para o resto da África, como uma reflexão para suas próprias referências como pan-africanista, feminista muçulmana e ativista dos direitos à terra. Tudo escrito em árabe e dialeto egípcio.

“A ideia de escrever um aviso de identidade muito claro no blog é muito importante, eu escrevia em inglês o tempo todo e meus leitores eram estrangeiros, então um amigo me disse “por favor, escreva em árabe”. Comecei a escrever em árabe após a revolução egípcia de 2011 e faço o possível para escrever os posts não de maneira muito acadêmica ou ativista,



tento escrever de maneiras mais simples de serem compreendidas.”  
- Fátima Ema, Brownie.

À luz da escassez de espaços acima mencionada, várias formas de rupturas online aconteceram. Enquanto alguns criaram suas próprias plataformas separadas, outros trouxeram suas vozes para as plataformas de mídia social mais famosas. Essa é a experiência do [Coletivo Negro Árabe](#), que teve como foco o engajamento com discursos desdenhosos do racismo na região. O Black Arab Collective é liderado por uma mulher francamente queer, que traz para a mesa não apenas a experiência de raça, mas também o papel que sua queeridade desempenha na formação de sua experiência de raça e gênero.

“Às vezes você quer um lugar à mesa; Prefiro construir minha própria mesa e ter a capacidade de falar sobre os problemas e a experiência diferenciada pela qual nós, mulheres negras, passamos.” - Amuna , Coletivo Árabe Negro.

Samah Fadl's [Twitter Space](#), é marcante na forma como expõe a negritude e a política, em um contexto onde a negritude é desconhecida, a Palestina. Baseada no Canadá, Samah é uma apátrida que usa sua conta no Twitter como um álbum de família e um conjunto de vida, existência e passados palestinos negros em forma audiovisual.

“Nossa história não é só luta temos uma bela cultura, poesia e comida mais do que só a ocupação que somos muito mais que isso, e usando as redes sociais acho que tem sido a forma de mostrar isso e tenho sido recebendo muitos bons feedbacks, é tão importante documentar a ocupação e o que está acontecendo e é igualmente importante mostrar os bons tempos, a felicidade, a humanidade que merecemos essas coisas” - Samah Fadl , escritora afro-palestina



A

razão

porque nós compartilhamos nossas histórias não é educar, é para

enviar

um eco

de modo que as meninas e mulheres negras no Irã saibam que elas são lindas.

Priscillia Kounkou-Hoveyda  
The Collective for Black Iranians

# Expandindo a partir da margem

Na seção anterior, mostramos a expansão do discurso feminista do MENA; e os pontos cegos que essa expansão revela. Ou seja, as mulheres negras estão à margem da maior margem dos movimentos feministas do MENA. Diversas organizações também surgiram para organizar as mulheres negras.

“A situação aqui é muito difícil e o racismo é muito prevalente, principalmente com a história de escravidão da Mauritânia, eu venho dos Haratines que foram escravizados no passado e, claro, essa inferioridade continuará a segui-lo onde quer que você vá por causa do seu passado, felizmente, as áreas em que trabalhamos são muito pobres e da mesma categoria que nós, então achamos que há mais cooperação, mas quando você tenta convencer pessoas de outros grupos, elas podem não te levar a sério porque você é apenas uma garota negra.”  
—Salka Hmeida, ONG Taghadom

[ONG Taghadom](#) trabalha com GVB e sua manifestação no acesso à educação, pobreza, FGM e casamento infantil na Mauritânia com foco na população negra de língua árabe. Nesse sentido, enfrentam um retrocesso significativo: em primeiro lugar, o ostracismo da comunidade negra por tentar combater práticas e economias de gerações que nelas se baseiam; em segundo lugar, a marginalização regional devido à invisibilidade do trabalho de justiça social da Mauritânia em direitos humanos e direitos das mulheres no MENA.

“Você luta pelo BLM, mas não tem negros em suas organizações, é bom e agradecemos que eles lutem por vidas negras; mas ao mesmo tempo você deve nos permitir fazer parte do movimento esta é a verdade.”  
—Banchi Yimer, Eгна Legna Besidet

[Eгна Legna](#) exerce trabalho doméstico no Líbano, interagindo com um dos sistemas de trabalho mais violentos do MENA, o sistema Kafala. As trabalhadoras migrantes, após o êxodo de sua terra natal de múltiplas formas de opressão, são submetidas a uma infinidade de violências: sexual, racial, econômica e de gênero. Quando o COVID atingiu o Líbano, os trabalhadores domésticos foram abandonados por seus empregadores e suas embaixadas, sem seus salários, e presos nas ruas. Desafiando a forma como o apoio humanitário e as intervenções de serviço comunitário são percebidos, Eгна Legna não apenas enquadrou suas ações como apoio humanitário, mas como intervenção feminista. Um de seus objetivos é expandir o trabalho contra o sistema Kafala com outras trabalhadoras domésticas que sofrem com ele.

Na Tunísia, Khawla Ksiksi é cofundadora do “[Vozes das Mulheres Negras da Tunísia](#),” e está envolvida em vários grupos feministas interseccionais no país. Khawla foi expulsa da Tunísia depois que um parlamentar mencionou que ela e o movimento estavam ‘usando’ sua cor para pressionar por direitos sexuais e reprodutivos e ‘alegando’ violações que não existiam.

“Foi muito difícil para nós fazer parte da dinâmica ativista; até agora não temos representação suficiente, mesmo que haja alguns eventos que falem sobre os problemas dos negros, eles não convidam os negros” - Khawla Ksiksi , Vozes de mulheres negras da Tunísia

“A mentalidade geral de que qualquer coisa a ver com feminismo vem do Cairo não fala sobre nossos problemas e nossa natureza geográfica e que não queremos que os “brancos” nos mostrem o caminho, então era importante para nós dizermos que nós mulheres desta comunidade, também visamos apoiar as ativistas comunitárias que trabalham em questões semelhantes ou que se cruzam com as nossas, ajudamos o movimento de mulheres a crescer, mas em estruturas locais e de base.” - Ayat Osman, Ganoubia Hora.

Feministas e ativistas muitas vezes se sentem compelidas a trabalhar nas capitais, para que suas vozes sejam mais ouvidas. [Ganoubia Hora](#), por outro lado, tomou uma decisão política consciente de trabalhar no Alto Egito. Eles concentram seu trabalho na saúde e direitos sexuais e reprodutivos, GVB e direitos à terra das mulheres do sul do Egito. Eles argumentam que o trabalho feminista é fortalecido pela diversificação de localidades e soluções, fazendo a mudança da abordagem “salvadora” que organizações e ativistas sediadas nas capitais adquirem.



# Normas assustadoras

Ativistas, grupos, plataformas e organizações feministas negras no MENA, como na maioria das regiões do globo, estão fazendo um trabalho crítico com recursos e apoio limitados. Isso levanta uma questão sobre a sustentabilidade a longo prazo de seu trabalho. Atualmente, há muito voluntarismo e mão-de-obra gratuita envolvidos. A maioria das feministas negras entrevistadas observou ter que manter outros empregos para financiar seu trabalho de ativismo. Isso não apenas prejudica a sustentabilidade de seu trabalho ativista, mas também afeta sua qualidade de vida e a capacidade de dar mais às causas pelas quais lutam.

Apesar disso, há uma hesitação entre as feministas negras em buscar oportunidades de financiamento. Isto deve-se às dificuldades dos mecanismos de financiamento e das candidaturas, e aos rigorosos termos e condições de elegibilidade que, na sua maioria, não servem os grupos e organizações que se candidatam. Durante décadas, houve uma necessidade premente de alterar essas políticas de acordo com as mudanças nos movimentos e mobilizações sociais que estão acontecendo. Isso quer dizer também que as políticas de financiamento não podem retroceder diante das mudanças que estão ocorrendo nos movimentos feministas e sociais.

A seguir estão algumas das barreiras e preconceitos que impedem as feministas negras no MENA de acessar o financiamento:

1

## **A obrigatoriedade do registro institucional**

desconsidera os contextos onde há restrição ao registro e trabalho da sociedade civil e impossibilidade para não-cidadãos no mesmo contexto. Isso faz parte da redução sistemática do trabalho não governamental de justiça social, especialmente aquele que se opõe às violações do governo.

2

## **A falta de diversidade nas modalidades de financiamento**

As modalidades atuais necessitam de financiamento baseado em projetos, com critérios rígidos; bem como menos financiamento básico. Isso limita a capacidade que as pessoas podem trabalhar em relação às interseções dos problemas que enfrentam.



# 3

## **Falta de financiamento para aumentar a capacitação em uma série de trabalhos que são vitais para a sustentabilidade e eficiência do movimento feminista negro**

Isso pressupõe e exige que indivíduos que desejam trabalhar nessas formas de organizações estejam totalmente equipados com toda a experiência necessária e aprofundada. Não são consideradas as oportunidades e necessidades para melhorar suas capacidades, a fim de se adaptar às mudanças dos ambientes de trabalho e economias. Dessa forma, o financiamento, ou a falta dele, cria uma rigidez nas maneiras pelas quais as pessoas podem inovar e rejuvenescer seus movimentos e comunidades e crescer individualmente.

# 4

## **Há um investimento mínimo na produção de conhecimento**

A produção de conhecimento é um processo que requer muitas habilidades e recursos para cada pessoa envolvida. A falta de financiamento descarta a importância da produção de conhecimento como uma ruptura com a moldagem forçada dos portais oficiais de conhecimento.

# 5

## **Ponto cego para o bem-estar holístico**

enquanto os financiadores prestam muita atenção aos termos e condições para garantir a materialização de suas alocações de financiamento, o bem-estar das pessoas que trabalham para produzir esses serviços é quase tão negligenciado quanto os sistemas que oprimem seus públicos-alvo. De seguros de saúde, serviços médicos, sessões de terapia, até mesmo alocação de tempo de qualidade, nenhum é abordado no processo de financiamento, em um tipo de trabalho em que doenças e distúrbios relacionados ao estresse crônico são muito mais comuns do que abordados.

# Sonhos coletivos

“Quando se trata de movimento feminista negro, eu diria pluralidade. Não quero ver apenas um movimento. As pessoas reclamam que não há unidade, mas quero ver milhares de grupos surgindo representando suas próprias necessidades. Por que não?” —Kawthar, escritora sudanesa queer

As visões das feministas negras não começaram ontem e não vão diminuir amanhã, nem seu ímpeto diminuirá tão cedo. Ao contrário, temos a capacidade e o potencial de criar discursos alimentados pelo imaginário político, estendendo-se da herança ancestral às gerações que prosperarão na mudança que alcançaremos. Este capítulo e as feministas negras entrevistadas nos lembram da vitalidade de criar espaços que transcendam fronteiras e localidades, aos anseios dos sonhos coletivos.





# Em Oposição às Agendas Feministas Negras

Por Yannia Sofía Garzón Valencia



## Capítulo 4

## **Investir nas causas, capitalizar nos efeitos: Extração, Militarização, Fluxos ilegais e Agendas anti-direitos**

A Covid-19 é de longe uma das maiores experiências de precaução que enfrentamos neste tempo - uma que nos chama a focar nossa atenção nos recursos vitais que sustentam a vida. E, com os limitados recursos emergenciais que as mulherxs negras feministas receberam e administraram, pudemos discutir o acesso incondicional à assistência e recursos emergenciais, o que incluiu uma conversa sobre como a aceitação desses recursos muitas vezes vinha com certas condições, a saber, as medidas de ajuste estrutural, o aumento da dívida pública, as formas de gestão dos investimentos e apoios sociais com base no clientelismo. Argumentamos que o acesso às vacinas deveria ter começado com a anulação das patentes e que as transferências monetárias diretas deveriam ter sido redistribuídas com o objetivo de frear o aumento da informalidade, do desemprego, do subemprego e da fome, juntamente com o aumento das diversas formas de violência que aconteceram durante o confinamento. Alguns podem pensar que 52 anos após a entrada em vigor da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial e 40 anos após a entrada em vigor da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulherxs, que as mulherxs negras em todo o mundo teriam uma estrutura de governança multilateral que colocaria o gozo de nossos direitos e nossas liberdades fundamentais como prioridade nas agendas estatais. No entanto, até hoje, a racialização e a formação de gênero continuam sendo construções sociais instrumentalizadas como um perpétuo indicador de progresso, baseado na expansão neoliberal e na acumulação ilimitada de capital.

As seções a seguir oferecem uma visão de como o dinheiro flui da extração, defesa, segurança e evasão fiscal. Esses elementos se fundem com uma agenda anti-direitos que visa dismantelar os direitos reprodutivos, sociais, econômicos, políticos e culturais conquistados pelas mulherxs, criando uma frente comum, com vínculos inquestionáveis minando as agendas das feministas negras em todo o mundo. Daremos a conhecer as consequências deste fluxo de capitais e como se tem traduzido em controlar, dificultar e eliminar as condições e garantias de uma vida digna e autodeterminada para as mulherxs negras e pessoas expansivas de gênero.

## Fluxos de capital extrativista e o desmantelamento da vida coletiva das mulherxs negras

Entre 1998 e 2008, o valor do comércio mundial de recursos naturais aumentou seis vezes, de US\$ 600 bilhões para US\$ 3,7 trilhões. Em 2019, a Organização Mundial do Comércio estimou que entre as 10 principais economias importadoras de produtos das indústrias extrativas, a participação das economias da União Europeia, China e Estados Unidos é de 50,7% do total, equivalente a 1,631 trilhão de dólares, enquanto as importações totais das 47 economias declaradas menos desenvolvidas totalizaram 271.688 milhões.<sup>1</sup> Incluídos nesta estimativa, os preços de importação de produtos manufaturados e agrícolas. Nesse contexto, a palavra milhares enquadra o impacto do que essas economias tiraram do mundo em 2019. Nas últimas duas décadas, dos 73 países de renda média-baixa do mundo, 63 aumentaram sua dependência das indústrias extrativas.<sup>2</sup>

No relatório *Extrativismo Mundial e Igualdade Racial*,<sup>3</sup> Tendayi Achiume caracteriza os componentes da economia extrativa como impulsionados por:

---

1 [https://www.wto.org/spanish/res\\_s/statis\\_s/wts2020\\_s/wts2020chapter06\\_s.pdf](https://www.wto.org/spanish/res_s/statis_s/wts2020_s/wts2020chapter06_s.pdf) page 92; 96

2 <https://www.unep.org/explore-topics/extractives/why-does-extractives-matter> & Policy brief: transforming extractive industries for sustainable development may 2021

3 <https://undocs.org/es/A/HRC/41/54>

[1] indústrias, atores e fluxos financeiros, bem como os processos e produtos econômicos, materiais e sociais ligados à extração globalizada de recursos naturais. A economia do extrativismo abrange a extração de minerais e combustíveis fósseis e operações de monocultura, agricultura, silvicultura e pesca em larga escala. Os termos dessa economia são estabelecidos por um conjunto de atores, dos quais os mais influentes são, entre outros, os Estados, as empresas nacionais e transnacionais e seus acionistas, as instituições financeiras e de desenvolvimento internacionais e os órgãos multilaterais e instituições de governança.”

A alavancagem financeira das indústrias extrativas advém muitas vezes da sua participação em diferentes mecanismos do mercado de capitais, cujas operações cifram os detalhes do modelo de financiamento porque se comporta de forma fragmentária com uma série de instrumentos contratuais e financeiros específicos para cada fase/etapa do projeto: exploração, extração, exploração. Os projetos extrativos costumam ter um tempo médio de operação entre 15 a 40 anos e cada fase encadeia seu aparato de financiamento a múltiplos atores e instrumentos de caráter transnacional e nacional. O mesmo acontece com os projetos de pesquisa de defesa militar, ou a construção de mega infraestruturas.



## **Sem concessões e sem consentimento: mobilizações de mulherxs negras pelo cuidado da vida e dos territórios ancestrais, contra o racismo, a violência e pelo bem viver.**

Era novembro de 2014 na Colômbia e novembro de 2015 no Brasil, quando as mulherxs negras resolveram caminhar até as capitais para criar um caminho, uma colcha de resistência – onde a cada passo, a cada encontro, a cada comício, entre os corredores, em nas praças públicas, nas salas comunitárias, nos corredores dos prédios da justiça e na rua – expuseram como as economias extrativistas operam e continuam sabotando o bem viver e ameaçando a vida e os territórios ancestrais. A operação racial das instituições estatais desintegra a democracia que buscam criar, ao mesmo tempo que falha em deslegitimar a violência contra a vida futura.

A estratégia de desapropriação é simples e conhecida: (i) chegam interesses ilegais para explorar economias ilícitas em territórios biodiversos ou apresentar petição/pedido de reabilitação urbana. Tais interesses e solicitações geralmente vêm de estrangeiros locais e internacionais, que vêm estimular a economia e estabelecer padrões de consumo e dependência econômica. Conseqüentemente, o emprego e o acesso a recursos econômicos são derivados da ação ilegal por parte desses atores estrangeiros; (ii) O conflito de valores é causado por uma circulação mais ampla de recursos que enfraquece o sistema de valores da comunidade. A origem dessas tensões e conflitos incluem: recrutamento forçado em grupos com armas e/ou busca de interesses amorosos com mulherxs e meninas. Intencionalmente, a autoridade da comunidade é suplantada ao forçar laços estratégicos de parentesco entre atores estrangeiros/externos e jovens. O que se segue são ameaças às mulherxs líderes e suas famílias e outras indicações de que essas entidades estrangeiras não querem que a comunidade local prospere. Nesta fase, os atores recém-chegados e seus interesses costumam contar com o apoio institucional do Estado, seja por meio de ações como a militarização ou aumento da presença militarizada no terreno, e concessão de títulos/autorizações para atuação no território; (iii) Um terceiro elemento desses atores, cujos interesses econômicos impostos pretendem lucrar com a desapropriação, é que eles possuem condições de gerar medidas legais e ações de prestação de serviços – como construir estradas terciárias, fornecer materiais para construção ou loteamentos, festas de fundos, ganhar a confiança dos locais para regular e formalizar a situação ilegal



dessas instituições estrangeiras estando lá e trabalhando em primeiro lugar. Isso é feito usando mão-de-obra local a curto prazo, controlando a propriedade e as formas de uso da terra e inserindo valores culturais estrangeiros que tentam frustrar a resistência local. É o que vemos no caso da Anglo Gold Ashanti, uma empresa sul-africana que desde 2001 é cúmplice na exploração e obtenção ilegal e inconstitucional de títulos minerários locais no território que hoje é conhecido como *Conselho Comunitário de La Toma*.<sup>4</sup> Em 2009, o Ministério do Interior confirmou formalmente que não havia negros residindo naquele território, sem saber que o povo de La Toma pode identificar seu assentamento desde o ano de 1636. O povo de La Toma é descendente de africanos forçosamente trouxeram para essas terras em condições de escravização de bens móveis para fins de mineração de ouro em Gelim, uma mina oca em La Toma, e que, uma vez autoemancipados, compraram essas terras e as deixaram como herança para seus descendentes.

Em 2010, alguns dos proprietários de títulos de mineração que obtiveram permissão para minerar em La Toma, mas que não viviam, pertenciam ou estavam conectados e investidos na comunidade de La Toma, queriam vender seus títulos para a Anglo Gold. Eles obtiveram “permissão” do Estado colombiano para desalojar cerca de 7.000 pessoas do território do Conselho Comunitário de La Toma, iniciando assim uma luta jurídica que levou à presença de mais de 200 retroescavadeiras vigiadas por grupos paramilitares na cidade. O objetivo destas máquinas era lavar o ouro que se extraía, retirando a sujidade do leito da ribeira de Ovejas, ser que representa a Mãe e o Pai<sup>5</sup> da comunidade. Um ser que foi protegido durante a década de 1980, quando o governo colombiano quis drenar o rio e redirecionar suas águas para manter a capacidade de produção de energia da hidrelétrica La Salvajina. La Salvajina é um megaprojeto instalado em 1986, que redireciona a água do rio Cauca para irrigar as usinas de açúcar da região de Cauca e também fornecer energia aos municípios vizinhos, exceto, é claro, às famílias e comunidades que perderam suas terras devido à sua construção.

---

4 The Community councils are manifestations of collective territorial organization of Black people in Colombia. They exist in rural, semi-rural and urban areas. They were made possible thanks to the collective movement that resulted in the Law 70 of the 1993 constitution. Collective titling another movement achievement that is guaranteed through the 1745 Decree of 1995.

5 <https://mujeresnegrascaminan.com/comunicado-1/>



Na Colômbia, mais de

# 70+

## COMPANHIAS

do setor energético minerador  
assinaram mais de

# 1229

## ACORDOS DE COOPERAÇÃO MILITAR

para a defesa da  
infraestrutura do setor e  
programas assistenciais para  
os militares, que participam  
dos 20 quartéis especiais de  
mineração, energia e beira de  
estrada existentes no país.

Esse cenário de mineração inconstitucional é complementado pelo aprofundamento do modelo extrativista no país desde 2010. Mais de 70 empresas<sup>6</sup> do setor mineroenergético assinaram mais de 1.229 acordos de cooperação militar para a defesa da infraestrutura do setor e programas assistenciais para os militares, que participam dos 20 quartéis especiais de mineração,<sup>7</sup> energia e beira de estrada existentes no país.<sup>8</sup> A mineração ilegal, por outro lado, está associada a cultivos declarados para uso ilícito, como a folha de coca. Tanto a pasta de coca quanto o ouro têm sido usados como meio de troca e são recursos que ajudam essas instituições estrangeiras a evadir registros e faturamentos para que não haja evidências de que houve troca – monetária ou não – entre esses atores e a comunidade local. Um exemplo desse tipo de troca de recursos pode ser visto por meio de um tipo de violência particularmente cruel contra os corpos das mulheres.

---

6 <https://ligacontraelsilencio.com/2019/07/24/petroleras-y-mineras-financian-a-la-fuerza-publica-y-a-la-fiscalia/>

7 <https://www.ocmal.org/fuerzas-militares-colombianas-al-servicio-de-las-empresas-extractivistas/>

8 [https://media.business-humanrights.org/media/documents/files/documents/DEBATE\\_CONGRESO-CONVENIOS\\_FUERZA\\_PÚBLICA\\_-\\_EMPRESAS.pdf](https://media.business-humanrights.org/media/documents/files/documents/DEBATE_CONGRESO-CONVENIOS_FUERZA_PÚBLICA_-_EMPRESAS.pdf)

Os estrangeiros do sexo masculino são obrigados a dormir com jovens em troca de sobras do processo de mineração, que muitas vezes são usadas para obter partículas menores de ouro. Às vezes os familiares da jovem permitem essa troca e ainda assim esse tipo de violência faz parte do ambiente de lavagem e fuga de capitais que ocorre no território. Estima-se que entre 2010 e 2018 pelo menos 5,6 bilhões de dólares permaneceram nas mãos de atores ilegais.<sup>9</sup>

Em novembro de 2014, a Mobilização das Mulherxs Negras pelo Cuidado da Vida e dos Territórios Ancestrais percorreu mais de 470 quilômetros (300 milhas), porque nem o Comando Conjunto nº 2 do Sudoeste, nem o batalhão de mineração de energia nº 8<sup>10</sup> operando em Cauca detectou a chegada das retroescavadeiras que os garimpeiros ancestrais enfrentavam há vários meses. A mobilização conseguiu posicionar a operação garimpeira ilegal e inconstitucional nas redes de mídia alternativa e tradicional, até que a Anglo Gold desistiu publicamente de sua intenção de explorar os títulos minerários naquela área. No entanto, a Anglo Gold mantém sua presença no país por meio de subsidiárias em pelo menos 336 municípios.<sup>11</sup> A Mobilização das Mulherxs Negras saiu da mesa de negociações com o estado sem conseguir a pretensão de obter uma moratória mineira que suspende a exploração e exploração de títulos mineiros concedidos sem consulta prévia. A verdade é que foi aberto um caminho para a emissão de um código mineiro, que também não passou pelo processo de consulta prévia. Este código de mineração obriga os mineradores tradicionais a se registrarem no estado, a limitar a quantidade de ouro que podem extrair e quanto e para quem podem vender seu ouro. Aqui você pode ver como a estratégia de desapropriação é seguida à risca.

Embora as mulherxs negras que partiram para a mobilização e voltaram para casa não sejam exclusivamente garimpeiras, sua intenção é dedicar-se exclusivamente a ela através da formalização da prática. Isso porque sua relação com essa

---

9 <https://gfintegrity.org/press-release/informe-revela-debilidades-de-la-mineria-de-oro-en-colombia-que-la-hacen-muy-vulnerable-a-actividades-ilicidas-y-criminales/>

10 They are two bodies within the military armed forces of the Colombian government who are responsible for the protection of mining extraction in the region.

11 <https://www.cetim.ch/mining-and-human-rights-violations-in-colombia-the-case-of-anglo-gold-ashanti-vy-the-afri-descendant-community-of-la-toma-cauca/>



atividade decorre do lugar de interdependência<sup>12</sup> em oposição à exploração. Interdependência é a palavra mais utilizada para descrever o tipo de relação que se estabelece nas comunidades que desde os tempos coloniais exploram a mineração de forma artesanal. Extrair ouro, assim como pescar, lavar roupa, cozinhar, ver se as famílias que trabalham *por corte o por filó*<sup>13</sup> tiram do seu trabalho o suficiente para pagar as coisas que não são cultivadas na terra. Para as mulherxs negras, em muitos casos, significou a compra de sua emancipação, de sua família e de um espaço onde pudessem viver. As relações tradicionais de interdependência para a reprodução da vida eram mediadas pela necessidade de obter o necessário para sustentar os vínculos coletivos: cooperação, solidariedade, generosidade sob um senso comum de que não poderíamos viver bem ou bem na minha casa sabendo que outra casa não se estava. É aqui que esse senso comum nasceu nas consciências coletivas; uma consciência sobre os tempos de colheita, sobre o cardume, como doenças e indisposições podem ser evitadas comendo bem, sabendo andar bem pelas estradas, aceitando que as estações chuvosas junto com o sol e a lua é que controlam as horas para cozinhar, levantar, mover, encontrar e colher e caçar.

O extrativismo, como setor megaindustrializado, interrompeu essa relação de interdependência, automatizou-a e, em troca de dinheiro, roubou-se o tempo para outras atividades. Impuseram-se tecnologias e maquinários estrangeiros, substituindo as ferramentas que não prejudicavam a terra, o ar e as fontes de água. O desejo de lucro rápido destrói o senso comum de estar bem, incluindo a diversidade de relações interdependentes que tecem o bem-estar a partir do conhecimento localizado e das relações íntimas. Esses saberes, práticas e modos de se relacionar são substituídos por outros estranhos. E com essa substituição, vemos a proliferação de doenças de pele, respiratórias, motoras, que causam abortos espontâneos e complicações no parto e na saúde fetal. Essas doenças tornam-se crônicas porque são precedidas de lutas de resistência contra discursos e ações que buscam construir estradas e infraestruturas energéticas, que desarraigam

---

12 Although the term can convey the idea of instrumentalization, the meaning is more in the direction of interdependence, taking advantage of the exchange value of the mineral with the purpose of obtaining those goods and services that cannot be provided by the same land or community. Interdependence, meaning, the depletion of the mineral is not being pursued. On the contrary, it is rationed according to seasons and the community's own indigenous extraction techniques with the intention that future generations can count on those same techniques, as well as gold, who, as a being in and of itself, can continue to exist.

13 This is a traditional way of doing mining based on family/kinship networks where people come together to make sure that families have enough to sustain themselves when they are not mining.

## O desejo de lucro rápido destrói o senso comum de estar bem, incluindo a diversidade de relações interdependentes que tecem o bem-estar a partir do conhecimento localizado e das relações íntimas.

comunidades e reasentam cidades à força, criminalizam e processam membros da comunidade local. Além disso, essas instituições estrangeiras usam forças legais e ilegais para recrutar jovens com o uso de armas e explorar meninas em seu posto avançado ilegal. Padrões semelhantes podem ser vistos de país para país em relação a como o status estrangeiro é estabelecido por meio do controle de armas, empregos e salários. Conseqüentemente, estas entidades estrangeiras reordenam a forma como são reconhecidas as contribuições à comunidade, alterando as relações entre aqueles que outrora participavam de igual para igual nas tarefas sócio-familiares. Durante a fase ilegal e informal dessas instituições estrangeiras (pois não havia título de exploração formalmente concedido), elas utilizam pequenos capitais - somas de dinheiro - que cobrem os custos de entrada e operação de máquinas amarelas (retroescavadeiras e dragas, por exemplo), que juntamente com a promoção do uso de cianeto e mercúrio, produzem desapropriações, territórios doentes e corpos sacrificados. Esses corpos e territórios são então construídos como “resgatados da informalidade” que permanece presente na fase formal do processo – fase caracterizada por um estado de degradação em que o grande capital gerado por meio do emprego e os poucos pagamentos de impostos representam os beneficiários finais dessa ilegalidade. O controle extrativista substitui a autossuficiência coletiva pela aquisição individual. Além disso, a forma de sustentar a vida torna-se cada vez mais separada da relação com a terra, a consequência mais flagrante. O que as feministas negras estão enfrentando é não permitir que essa distância entre a vida e a terra cresça.

Concessão talvez seja a palavra mais recorrente que encontrei durante o processo investigativo para escrever este artigo. É conceituada como a ação e efeito da

outorga, que, a princípio, trata-se de chegar a acordos para que um terceiro assuma suas próprias tarefas/obrigações. Isso implica vincular a geração de excedentes monetários à responsabilidade de promover e garantir o bem-estar coletivo. O bem-estar coletivo está se tornando cada vez menos público e geralmente é interpretado sob um olhar estreito ; aquele que assume que seu conteúdo e manifestação são os mesmos para todas às pessoas mundo a fora.

No entanto, as mulherxs negras estão fora das partes que concordam e autorizam a cessão de domínio, até porque nossa agenda não abre mão do direito de como, onde e com quem trabalhamos e sonhamos nosso presente e futuro. Por isso, aproximadamente 55.000 mulherxs negras de todo o Brasil se reuniram no dia 18 de novembro de 2015 para tornar visível o genocídio contra os negros, especialmente contra os jovens.<sup>14</sup> A Marcha das Mulherxs Negras Contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver expande a estrutura do Cuidando da Vida. A Marcha faz parte de um longo legado de organização política das mulherxs negras no Brasil e na diáspora africana e representa uma mudança de paradigma no contrato social. Vai muito além da garantia dos direitos humanos civis e políticos, para uma que enfoca os modos de ser e fazer no mundo, a partir de um lugar de recriação (realização) de valores, como a cooperação e a interdependência como respostas às demandas de o bem-estar das Mulheres Negras. Nesse sentido, reduzir a desigualdade racial e de gênero e garantir direitos sociais e políticos é veiculado como algo que vai além de uma mobilização pontual. Em vez disso, faz parte de um processo político em andamento, que denuncia que a cada hora e cinquenta minutos<sup>15</sup> uma respiração é interrompida como resultado do assassinato de uma mulher negra no Brasil.



---

14 [http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/etno\\_-\\_juliane\\_cintra\\_-\\_marcha\\_das\\_mulheres\\_negras.pdf](http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/etno_-_juliane_cintra_-_marcha_das_mulheres_negras.pdf)

15 <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/marcha-das-mulheres-negras-a-marcha-que-faz-sentido-7941/>

# Lutando contra nós como um inimigo bélico<sup>16</sup>: prisão e despesas de defesa

Embora na prática a aplicação da lei possa ser percebida como uma coisa só. No entanto, seu financiamento vem de dois setores do Estado-nação: defesa e segurança pública. Ter presente esta distinção permite-nos reavaliar em termos quantitativos os recursos que oferecem garantias e as condições de sustentação das cadeias de valor da indústria extractiva a nível global. Essas mesmas condições e garantias são negadas às mulherxs negras que defendem a terra, ocupam prédios e organizam vizinhos para garantir o direito a um teto. Com efeito, essas condições resultam em nossa criminalização e prisão.

Durante 2020, os gastos militares atingiram 1.981 bilhões<sup>17</sup> de dólares no mundo. Estados Unidos, China, Rússia, Índia e Reino Unido representaram 62% dos gastos militares do planeta.<sup>18</sup> Quando esses números são desagregados por região, obtém-se a seguinte participação: América do Norte tem 43,3%, Leste Asiático


---

16 Taken from the 3rd Report on gender-based violence against Afro-Colombian women and gender-expansive people available at <http://vigiaafro.org/wp-content/uploads/2019/03/TercerInformeVBG-PCN-Marzo2019.pdf>

17 [https://sipri.org/sites/default/files/2021-04/fs\\_2104\\_milex\\_0.pdf](https://sipri.org/sites/default/files/2021-04/fs_2104_milex_0.pdf) and <https://sipri.org/sites/default/files/Data%20for%20world%20regions%20from%201988%E2%80%932020%20%28pdf%29.pdf> not including information from Cuba, Djibouti, Eritrea, North Korea, Somalia, Syria, Turkmenistan, Uzbekistan, or the former Yugoslavia

18 <https://www.sipri.org/media/press-release/2021/world-military-spending-rises-almost-2-trillion-2020>

1.981 trillion  
was spent  
globally on  
military in  
2020



tem 17,9%, Europa Ocidental tem 13,6%, as demais regiões somam os 28,13% restantes. Os gastos militares em todo o continente africano são semelhantes aos da América do Sul, representando menos de 2,6%.<sup>19</sup> Uma parte desse gasto é delegada à proteção de fronteiras. O orçamento gasto durante 2021 em defesa de fronteiras, incluindo construção de cercas, patrulhamento terrestre e marítimo, vigilância e deportação de população migrante indocumentada, totalizou 26 bilhões de dólares para os Estados Unidos,<sup>20</sup> equivalente a 98,07% dos gastos da União Europeia. no período 2014-2020<sup>21</sup> e 87,3% da despesa total projetada para o período 2021-2027.<sup>22</sup>

## Na mira

Os Estados Unidos e o Brasil são, respectivamente, o primeiro e o terceiro países com a maior população carcerária do mundo.<sup>23</sup> No sistema prisional, mulherxs negras e mulheres de cor estão super-representadas na população carcerária total. No Brasil, cerca de 50% das mulherxs presas têm entre 18 e 29 anos, e 67% são negras.<sup>24</sup> Em 2019, a taxa de encarceramento de mulherxs negras nos Estados Unidos era quase o dobro da de mulherxs brancas:<sup>25</sup> elas representavam 30% da população prisional feminina e 44% das mulherxs encarceradas.<sup>26</sup> Um terço das

---

19 <https://sipri.org/sites/default/files/Data%20for%20world%20regions%20from%201988%E2%80%932020%20%28pdf%29.pdf> (Other Regions such as Central America and the Caribbean, South America, Central Asia, Oceania, South Asia, Southeast Asia, Central Europe and Eastern Europe)

20 <https://www.americanimmigrationcouncil.org/research/the-cost-of-immigration-enforcement-and-border-security> and <https://www.americanactionforum.org/research/the-budgetary-and-economic-costs-of-addressing-unauthorized-immigration-alt/>

21 [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2021/690544/EPRS\\_BRI\(2021\)690544\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2021/690544/EPRS_BRI(2021)690544_EN.pdf) \*Sin incluir gastos de asilo, refugio y fondos que lo cubren \* Not including expenses for asylum, shelter and funds that cover them.

22 [https://european-union.europa.eu/institutions-law-budget/budget/spending\\_en](https://european-union.europa.eu/institutions-law-budget/budget/spending_en)

23 [https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world\\_prison\\_population\\_list\\_13th\\_edition.pdf](https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world_prison_population_list_13th_edition.pdf)

24 <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/12/sur-28-espanhol-juliana-borges.pdf>

25 <https://www.sentencingproject.org/wp-content/uploads/2016/02/Incarcerated-Women-and-Girls.pdf>

26 <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/02/12/criminal-justice-reform-wont-work-until-it-focuses-black-women/>



**No Brasil,**  
aproximadamente  
**50% das**  
**mulherxs**  
**na prisão**  
**tem entre**  
**18 e 29**  
**anos de**  
**idade e**  
**67% são**  
**negras.**

mulherxs condenadas à prisão perpétua e 25% de todas as condenadas à morte eram mulherxs negras.<sup>27</sup> Usando o indicador para a população carcerária por 100.000 habitantes, El Salvador, Ruanda, Cuba, Panamá, Ilhas Virgens e Bahamas estão na lista de países com maioria negra na prisão, o que reafirma o paradigma de que a racialização continua sendo um dos critérios que determinam quais mulherxs são representadas no sistema de justiça criminal. No Reino Unido, as mulherxs negras são 3% da população, mas representam 6% das que ingressam no sistema penal pela primeira vez. E a partir daí, 29% delas receberão prisão preventiva e 25% obterão pena privativa de liberdade em relação à mulher branca.<sup>28</sup> **Racialization continues to be one of the criteria that determine which women are represented in the criminal justice system globally.**<sup>29</sup>

A superlotação carcerária e o encarceramento em massa estão impulsionando contratos que expandem a operação da infraestrutura prisional (o complexo industrial prisional), sob a estrutura de alianças público-privadas no Reino Unido, Peru, México, Chile, Guatemala, Brasil e África do Sul (entre outras nações). Entre 2014 e 2019, foram construídas 54.806 unidades prisionais na América Central.<sup>30</sup> Países como Barbados, Jamaica e Trinidad e Tobago gastam aproximadamente 0,4% do PIB em manutenção de prisões, o maior valor da região. Entre 2010 e 2014, toda a região da América Latina e Caribe gastou cerca de 14 bilhões de dólares anualmente para manter o sistema prisional. Nos Estados Unidos, o governo gasta cerca de 80,7 milhões de dólares

---

27 <https://www.nbwji.org/post/extreme-sentences-disproportionately-impact-and-harm-black-women>

28 <https://prisonreformtrust.org.uk/publication/counted-out-black-asian-and-minority-ethnic-women-in-the-criminal-justice-system/>

29 [https://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/44337\\_10\\_\(final\).pdf](https://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/44337_10_(final).pdf) page 464.

30 <https://fundesa.org.gt/content/files/mg/Resumen-Ejecutivo-IDD-e-Infraestructura-Penitenciaria-febrero-2020.pdf>

com prisões públicas, embora desde o final da década de 1970 tenha começado a privatizar a operação e construção de prisões, o que deu origem à industrialização do setor. Isso também pode ser visto nos centros de detenção fronteiriços, que até o momento contam com cerca de 41 holdings ou empresas de gestão - compostas principalmente por bancos e empresas de tecnologia - que mobilizam investimentos equivalentes a cerca de US\$ 648 milhões de dólares.<sup>31</sup>

## As mesmas engrenagens: fluxos financeiros ilícitos

Segundo a ONG Global Financial Integrity (GFI como é conhecida em inglês), os fluxos financeiros ilícitos podem ser chamados de “movimentos transfronteiriços de dinheiro que foram obtidos, transferidos ou usados ilegalmente”. Essas movimentações são feitas para evitar lucros cessantes e perda de desempenho ou controle dos mesmos.<sup>32</sup> Em 2016, a questão dos fluxos financeiros ilícitos ganhou força com a publicação dos “Panama Papers”<sup>33</sup> que vinculou empresários, altos funcionários públicos e celebridades – os mais ricos do planeta – a sonegações fiscais e outras, e trouxe à tona suas conexões com atividades ilegais, como tráfico de drogas, tráfico de pessoas, incluindo alteração de nomes em contas em paraísos fiscais.

No entanto, os fluxos financeiros ilícitos são reciclados pelos centros financeiros e

---

31 <https://prisonfreefunds.org/fund/blackrock-lifepath-index-series/LIPKX/prison-industrial-complex-investments/FSUSA0BDPU/F00000MAPG>

32 <https://taxjustice.net/topics/capital-flight-and-illicit-financial-flows/>

33 [https://en.wikipedia.org/wiki/Panama\\_Papers](https://en.wikipedia.org/wiki/Panama_Papers)

# 240

## MILHÕES DE DÓLARES

são perdidos por ano pelo tesouro mundial em fluxos financeiros ilícitos.

voltam na forma de dívidas ou investimentos.<sup>34</sup> Esses fluxos impactam as agendas das feministas negras porque são excluídas das receitas estatais, que tendem a sacrificar os investimentos sociais. Os sacrifícios costumam incluir programas voltados para mulheresx diversas e povos étnico e racialmente diferenciados, expostos a condições de vulnerabilidade e criminalização quando defendemos direitos humanos e coletivos. Nessas situações, nos deparamos com penalidades mais cruéis, mais longas e imediatas no sistema de justiça criminal e de imigração. Esse contexto leva as agendas feministas negras a se concentrarem mais em proteger nossas vidas e restaurar as condições que permitam o exercício de nossos direitos, do que em atender nossa imaginação; aquele que sonha com experiências para realidades socialmente justas e antirracistas.

Isso não é insignificante, até porque o tesouro global perde US\$ 240 milhões por ano,<sup>35</sup> sendo o continente africano um dos mais afetados. Além disso, a fuga de capitais é estimada em US\$ 88,6 bilhões por ano,<sup>36</sup> US\$ 6 bilhões a mais do que o valor recebido em 2018 para cooperação para o desenvolvimento.<sup>37</sup> Ou seja, o continente africano torna-se credor líquido do mundo quando a sua dívida em 2018 é de 770 mil milhões de dólares mas os fluxos financeiros rondam os 836 mil milhões de dólares, onde 50% são gerados por faturas fraudulentas no setor extrativo do comércio internacional.<sup>38</sup> No Oriente Médio, a perda anual é estimada entre US\$ 60 bilhões e US\$ 77,5 bilhões por ano, o que supera a soma dos fluxos de investimento estrangeiro direto e ajuda ao desenvolvimento recebidos pelos

34 <http://www.latindadd.org/wp-content/uploads/2018/12/document.pdf>

35 <https://www.cepal.org/es/publicaciones/40921-flujos-financieros-ilicitos-america-latina-caribe>

36 [https://unctad.org/system/files/official-document/aldcafrica2020\\_en.pdf](https://unctad.org/system/files/official-document/aldcafrica2020_en.pdf)

37 [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/final\\_regional\\_brief\\_on\\_extractive\\_industries.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/final_regional_brief_on_extractive_industries.pdf) and [https://www.unodc.org/documents/NGO/AU\\_ECA\\_Illicit\\_Financial\\_Flows\\_report\\_EN.pdf](https://www.unodc.org/documents/NGO/AU_ECA_Illicit_Financial_Flows_report_EN.pdf)

38 <https://www.cadtm.org/Flujos-financieros-ilicitos-Africa-como-principal-acreador-del-mundo>

# 88.6

**Bilhões de dólares  
escapam da África por ano.**

países árabes.<sup>39</sup> Diferentemente deste último, o faturamento errôneo ou fraudulento relacionado à indústria extrativa de recursos naturais não renováveis totalizou US\$ 135 milhões de dólares entre 2004 e 2013 na América Latina. A dependência econômica do setor extrativo facilita o faturamento errôneo ou fraudulento, sendo esta uma das operações que aumenta os fluxos financeiros ilegais que impactam desproporcionalmente as mulherxs negras e os que vivem no sul global.

## **Pró-Vida? além da narrativa da “ideologia de gênero” e da agenda antidireitos.**

O exercício dos direitos sexuais e reprodutivos no século passado é um ponto de partida na discussão dos direitos das mulherxs. Porém, sabemos que para as mulherxs africanas e afro-diaspóricas, a reprodução e a sexualidade são atravessadas por fatos históricos que até hoje buscam tirar vantagem e lucrar em nosso nome e em detrimento do controle de nossos corpos. Dito isso, a ação transformadora que as feministas estão promovendo globalmente é inegável. Nossas ações estão removendo as bases institucionalizadas e normalizadas com as quais a subjugação das mulherxs foi construída e transmitida. Estamos desmantelando a heteronormatividade como uma das únicas formas de vivenciar plenamente e estar em um relacionamento. Nos últimos 15 anos, a Igreja Católica, igrejas evangélicas, organizações de pais e partidos políticos conservadores, entre muitos outros em número cada vez maior, polarizaram narrativas sobre acesso ao aborto, expressão de gênero, orientação sexual e sua expansividade, e as trataram como anomalias que diminuem a integridade moral da sociedade. Um exemplo disso é a ACI Catholic Information Agency, uma rede de comunicação transnacional que chega a pelo menos 85 milhões de lares em mais de 110 países.<sup>40</sup> Atualmente, devido à sua atuação local e de base, é financiado por doações individuais, incluindo fundos transferidos do Vaticano, venda de serviços de informação e

---

39 <https://archive.unescwa.org/sites/www.unescwa.org/files/publications/files/illicit-financial-flows-arab-region-english.pdf>

40 <https://www.aciprensa.com/quienes.php> and <https://www.aciprensa.com/noticias/ong-millonarias-financian-medios-para-atacar-movimiento-provida-y-profamilia-38308>

produtos de conhecimento. Além disso, na América Latina, tais atividades são consideradas isentas de impostos. Como resultado, a verdadeira natureza e alcance dessa situação é opaca, dificultando o monitoramento dos valores anuais de seu financiamento, resultando em um 'laicismo estratégico' em países como Colômbia, Peru, Argentina, Equador e Chile. Essa estratégia consiste em traduzir argumentos religiosos em argumentos jurídicos para frear a agenda legislativa e judicial em favor dos direitos das mulherxs e da diversidade sexual.<sup>41</sup>

Um exemplo concreto disso ocorreu na 74ª Sessão da Assembleia Mundial da Saúde, onde o Family Watch International (FWI) fez lobby e conseguiu excluir um parágrafo inteiro da resolução que visava implementar um plano de ação que favorecia mais de um bilhão de pessoas, que buscou: acabar com a violência contra crianças fortalecendo os sistemas de saúde e abordagens multissetoriais.” Eles conseguiram aprovar a resolução omitindo a palavra 'sexualidade', argumentando que era um termo problemático que amplia a compreensão do sexo biológico

---

41 <http://www.nodo50.org/xarxafeministapv/?+Estrategias-camufladas-para-frenar+>

**Desde 2007, a Direita  
Cristã nos Estados Unidos  
entregou pelo menos**

**\$270**

**milhões de dólares  
globalmente  
contra os direitos das  
mulheres e LGTBI+.**



imposto no nascimento. Com isso, a repressão foi promovida e patrocinada pela delegação do FWI da Federação Russa, Eswatini, Egito, Moçambique e Zâmbia.<sup>42</sup> O Open Democracy entrevistou Érika Guevara, Diretora da Anistia Internacional, onde ela explica como a retórica antidireitos se transformou em políticas públicas por causa de eventos como como Jair Bolsonaro se tornando presidente do Brasil e a virada política conservadora em outros países como a Guatemala e Paraguai.

Em setembro passado (2022), o Wikileaks tornou públicas as redes envolvendo organizações de movimentos sociais, políticos e ativistas de oposição de mais de 50 países que recebem financiamento para criar e promover campanhas para dismantelar a “ideologia de gênero”. “Ideologia de gênero” é um arcabouço narrativo desenvolvido principalmente por setores religiosos fundamentalistas. O discurso tem sido utilizado para participar ou financiar candidatos políticos em partidos conservadores com o objetivo de revogar e dismantelar garantias constitucionais de liberdades fundamentais, amplamente conquistadas por mulherxs e pessoas expansivas de gênero. Países como Espanha, México, Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina<sup>43</sup> financiam essa empreitada. Desde 2007, a Direita Cristã nos Estados Unidos entregou pelo menos \$ 270 milhões de dólares globalmente contra os direitos das pessoas womxn e LGTBI+<sup>44</sup> e, durante o período entre 2009-2018, destinou \$ 707,2 milhões exclusivamente ao continente europeu.<sup>45</sup>

---

42 <https://vientosur.info/movilizacion-antigenero-en-la-asamblea-mundial-de-la-salud/>

43 <https://unassemillitas.com/2021/09/14/la-financiacion-de-la-ultraderecha/>

44 <https://www.opendemocracy.net/en/5050/trump-us-christian-spending-global-revealed/>

45 <https://www.epfweb.org/sites/default/files/2021-06/Tip%20of%20the%20Iceberg%20June%202021%20Final.pdf>

# Concluindo

As agendas feministas globais das mulherxs negras estão entrelaçadas com experiências abundantes e tecnologias sociais que apoiam a defesa e o cuidado radical da vida. Essas experiências e tecnologias confrontam o olhar que busca comoditizar a biodiversidade como bem e serviço. Por exemplo, bens comercializáveis que, uma vez transformados, deveriam ser destinados a melhorar o bem-estar coletivo. No entanto, esse tipo de “bem-estar” não é produzido nem é sustentável. Ao contrário, a predominância da perspectiva e das atitudes extrativistas nos incita a defender nossas vidas e os espaços onde trabalhamos. Nós nos organizamos devido às externalidades negativas dos megaprojetos que exigem um ecossistema despojando os territórios comunais e explorando as relações comunais.

Vimos como esse ecossistema possui uma estratégia interligada para sua operação; um que não é muito transparente. Esta estratégia está frequentemente a atualizar as suas medidas e instrumentos, que assentam na lógica de um “peso colonial” que ainda hoje existe através da sua insistência em condicionar, controlar, limitar e mesmo erradicar as formas de ser e viver das mulherxs negras. A partir do caso da Mobilização das Mulherxs Negras pelo Cuidado da Vida e dos Territórios Ancestrais, é possível identificar como a circulação desses recursos financeiros entre os setores extrativistas financia o arcabouço legal que os protege. Especificamente, a privatização de forças públicas ordenadas para proteger sua infraestrutura, incluindo alianças com atores ilegais, violação de direitos humanos, criminalização e lavagem de dinheiro que escapa das economias locais e sonega impostos. Por causa desse comportamento no mundo, podemos ter certeza de que esses fluxos financeiros minam e anulam o que as mulherxs negras fazem e sua capacidade de estar plenamente no mundo.



# Apêndices: Fontes para consultar/rastrear/monitorar informações

## Gastos militares:

- <https://datos.bancomundial.org/indicador/MS.MIL.XPND.GD.ZS>
- <https://www.prisonstudies.org/>
- <https://www.icpr.org.uk/>
- <https://www.unops.org/es/news-and-stories/insights/how-to-build-a-humane-prison>
- <https://sur.conectas.org/es/las-carceles-en-africa/>
- <https://www.infrappworld.com/subsectors/prison>
- <https://prisonfreefunds.org/fund/blackrock-lifepath-index-series/LIPKX/prison-industrial-complex-investments/FSUSA0BDPU/F00000MAPG>
- <https://investigate.afsc.org/>
- <https://publications.iom.int/books/assessing-costs-and-impacts-migration-policy-international-comparison>
- [https://www.prisonpolicy.org/research/economics\\_of\\_incarceration/](https://www.prisonpolicy.org/research/economics_of_incarceration/)
- <https://histphil.org/2020/07/14/movement-capture-and-the-long-arc-of-the-black-freedom-struggle/>
- <https://www.tni.org/en/publication/global-climate-wall>
- <https://www.iccbram.com/pagar-salario/preguntas-frecuentes-cuanto-ganan-los-agentes-de-la-patrulla-fronteriza-mas-otras-preguntas.html>
- <https://immigrantjustice.org/issues/immigration-detention-enforcement>
- [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2021/690544/EPRS\\_BRI\(2021\)690544\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2021/690544/EPRS_BRI(2021)690544_EN.pdf)
- <https://www.globalfirepower.com/countries-listing-african-union.php>
- <https://static.prisonpolicy.org/scans/sentencingproject/In-the-Extreme-Women-Serving-Life-without-Parole-and-Death-Sentences-in-the-United-States.pdf>



## Agendas anti-direitos na América Latina

- <https://www.cde.org.py/como-esta-el-movimiento-antigenero-en-america-latina/>
- <https://www.celam.org/aparecida/Espanol.pdf>
- <https://www.opendemocracy.net/es/democraciaabierta-es/de-la-ret%C3%B3rica-anti-derechos-a-la-pol%C3%ADtica-p%C3%BAblica-autoritarismo-al-alza-en-am%C3%A9rica-latina1/>
- <https://cl.boell.org/sites/default/files/2021-11/Es%20posible%20debatir%20-%20Completo-%202021.pdf>
- <https://www.celag.org/antiderechos-agendas-legislativas-derecha-regional/>
- <https://www.awid.org/es/noticias-y-análisis/webinario-derechos-en-riesgo-como-se-organizan-las-fuerzas-anti-derechos-en>
- <https://civicus.org/explorador/politicas-antigenero-en-america-latina/>

## Encarceramento e Complexo industrial prisional

- <https://ajcontrast.com/about-stillhere>
- <https://www.jstor.org/stable/41556431>
- <https://www.sentencingproject.org/fact-sheet/incarcerated-women-and-girls/>
- <https://www.nationalbailout.org/webinars>
- <https://www.justsecurity.org/71509/the-new-jane-crow-womxns-mass-incarceration/>
- <https://womenscenter.georgetown.edu/black-women-and-criminal-injustice/>
- <https://www.psychosocial-studies-association.org/wp-content/uploads/2018/10/Marcia-Morgan-The-Psychosocial-Impact-of-Prison-Culture-on-Black-Women-Employees.pdf>
- <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/02/12/criminal-justice-reform-wont-work-until-it-focuses-black-women/>
- <https://www.aljazeera.com/features/2021/7/7/treated-worse-than-animals-black-women-in-us-pretrial-detention>
- <https://scholar.colorado.edu/downloads/st74cr05j>
- <https://revistas.udea.edu.co/index.php/red/article/view/342877>

# Revisão Bibliográfica Comentada

Por Timiebi Souza-Okpofabri




# Capítulo 5

## **Alison Powell, Simon Morfit e Michael John. Releasing the Potential of Philanthropic Collaborations: The power of making collaborative giving platforms a part of every donor's portfolio. The Bridgespan Group. Dezembro de 2021.**

<https://www.bridgespan.org/insights/library/philanthropy/philanthropic-collaborations>

Esta pesquisa fornece informações cruciais sobre o crescimento e a função da filantropia colaborativa, bem como caminhos para aumentar as doações colaborativas. Baseia-se em pesquisas recentes sobre colaboração de financiadores que descobriram que as colaborações têm o potencial de produzir um impacto significativo. Usando dados de pesquisas com 97 iniciativas colaborativas, bem como entrevistas e discussões em grupo com cerca de 100 doadores e líderes de fundos, este relatório vai além, para examinar o momento e a escala de “uma tendência em direção a plataformas de doações mais colaborativas”. Nesta pesquisa, os colaborativos são definidos amplamente como “entidades que agrupam ou canalizam recursos de vários doadores ou organizações sem fins lucrativos”.

De acordo com a pesquisa, houve um crescimento significativo no número de colaborativos desde 2010, com mais da metade dos entrevistados lançando seus colaborativos após 2015, e 16 deles sendo formados em 2020. A pesquisa atribui esse aumento ao acúmulo de riqueza na última década, além do aumento do interesse em novas formas de doação. Desde sua fundação, os colaborativos nesta pesquisa facilitaram cerca de US\$ 10 a US\$ 12 bilhões em investimentos. Noventa e sete entrevistados estimaram que o total de doações em 2020 caiu entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3 bilhões, perfazendo





uma média de 44 doações por ano, com a maioria totalizando menos de US\$ 500.000 cada. Os entrevistados observaram que têm potencial para desembolsar substancialmente mais recursos – no valor de US\$ 15 bilhões por ano, “com crescimento mínimo no quadro de funcionários atual”.

Uma das principais descobertas da pesquisa foi que as estratégias de financiamento colaborativo diferem da filantropia tradicional – “elas se inclinam para a equidade e a justiça, construção de movimento de base, líderes de cor e, para alguns, compartilhamento de poder”. Geralmente, a pesquisa constatou que os colaborativos têm uma liderança mais diversificada do que a filantropia institucional. Quase metade dos fundos foram liderados por pessoas de cor, em comparação com apenas 10% das fundações dos EUA.

Essa liderança diversificada teve influência significativa nas questões que receberam atenção: por exemplo, 15 colaborativos identificaram a justiça racial como seu foco principal, enquanto todos os fundos “referenciavam desigualdades raciais, de populações negras, indígenas e pessoas de cor (BIPOC), e/ou desafiou hierarquias de poder arraigadas ao descrever seus objetivos de mudança”. Mobilidade econômica e mudança climática também foram áreas populares de foco declaradas pelos entrevistados. Verificou-se também que os colaborativos perseguem o impacto de uma forma que difere da filantropia institucional, especialmente em termos de apoio à mudança de sistemas e conforto com o compartilhamento de poder. A abordagem mais favorecida para a mudança sistêmica entre os entrevistados foi por meio de “construir campos e movimentos”, enquanto 10 entrevistados disseram que abordam o impacto “transferindo o poder de tomada de decisão para líderes sem fins lucrativos e grupos comunitários”.

O estudo também identificou três fatores interligados que influenciam a tendência recente de doação colaborativa – eficiência, eficácia e engajamento – que dão aos financiadores “a oportunidade de enfrentar mais problemas em uma escala maior do que poderiam fazer sozinhos”.





Eficiência e eficácia vieram da terceirização para a equipe de colaboradores que possuem conhecimento, habilidades e relacionamentos especializados e são capazes de se envolver com os pares dos financiadores, permitindo que os financiadores “preenchem lacunas de conhecimento e ampliem seus horizontes de doação” – tudo isso enquanto financiam.


**Damjan Denkovski and Annika Kreitlow.  
Funding (in)equality? A comparative look  
at the funding landscape for pro- and anti-  
gender initiatives and campaigns in the  
European Union (EU). Centre for Feminist  
Foreign Policy. Berlim. 2021.**

[https://static1.squarespace.com/static/57cd7cd9d482e9784e4ccc34/t/61c487052cdc8459485fea83/1640269574434/Funding\\_\(in\)equality\\_cffp\\_V3.pdf](https://static1.squarespace.com/static/57cd7cd9d482e9784e4ccc34/t/61c487052cdc8459485fea83/1640269574434/Funding_(in)equality_cffp_V3.pdf)

Este resumo fornece uma visão geral concisa do cenário de financiamento de atores que se mobilizam a favor e contra os direitos humanos na UE, com foco específico nas ameaças existentes às liberdades feministas e LGBTQI+. Com base na pesquisa realizada pelo Centro de Política Externa Feminista, o Fórum Parlamentar Europeu sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos (EPF), Open Democracy, AWID e Prospera, bem como uma mesa redonda organizada pelo CFFP e Open Democracy para formuladores de políticas da UE e sociedade civil em junho de 2021, o resumo destaca as lacunas de dados em relação ao financiamento anti-gênero na UE.

O resumo identifica quatro mecanismos complexos de financiamento por





meio dos quais atores anti-gênero na UE podem adquirir grandes somas de dinheiro. Embora esses mecanismos reflitam as táticas de arrecadação de fundos que normalmente são usadas pela sociedade civil feminista, o movimento anti-gênero arrecadou muito mais dinheiro por meio desses mecanismos, sugerindo que uma maior rede e arrecadação de fundos é necessária entre os atores da sociedade civil feminista para combater essas atividades. Um mecanismo mencionou captação de recursos por meio de iniciativas de base com mobilização baseada em petições, contribuindo para a mobilização de grandes grupos de indivíduos para doar pequenas quantias de dinheiro, bem como bilionários e milionários de elites sociais e econômicas que doam quantias maiores.

As atividades anti-gênero também são financiadas por meio do apoio do Estado, “por exemplo, estabelecendo centros de aconselhamento para pseudo crises de gravidez ou doutrinando jovens por meio de currículos escolares, atores anti-gênero obtêm acesso a financiamento oficial do governo, que pode ser usado e abusado para espalhar mensagens políticas anti-igualdade”. Atores anti-gênero também têm acesso ao uso de redes religiosas, “predominantemente católicas e outras redes religiosas por meio das quais doações e contribuições podem ser mobilizadas”. A pesquisa também menciona o papel da linguagem no movimento anti-gênero e sua capacidade de arrecadar fundos, apontando como “a linguagem anti-gênero e a rejeição do feminismo e do gênero, que não parecem, na superfície, ser posições extremas, torna posturas de exclusão mais ‘tradicionalmente’ socialmente aceitáveis.”

Também estão incluídas neste resumo informações sobre a disponibilidade de financiamento para a sociedade civil progressista e uma seção sobre “os riscos inerentes aos direitos, liberdades e democracia no contexto do autoritarismo crescente e da redução do espaço da sociedade civil na UE”. Conclui com recomendações aos formuladores de políticas e à sociedade civil na UE para melhor abordar essas questões, inclusive para investir na capacidade interna


e no desenvolvimento de conhecimento para entender melhor as estratégias dos atores anti-gênero e aumentar o financiamento para a sociedade civil feminista pelas instituições da UE e os estados membros da UE para desafiar efetivamente o movimento anti-gênero.

**Ellie Buteau, Satia Marotta, Hannah Martin, Naomi Orensten, and Kate Gehling. New Attitudes, Old Practices: The Provision of Multiyear General Operating Support. The Center for Effective Philanthropy (CEP). 2020.**

[http://cep.org/wp-content/uploads/2020/11/Ford\\_MYGOS\\_FNL.pdf](http://cep.org/wp-content/uploads/2020/11/Ford_MYGOS_FNL.pdf)

Este relatório procura identificar as barreiras que impedem as fundações e os oficiais de programa (POs) de fornecer mais apoio operacional geral plurianual (GOS) às ONGs. Ele usa dados de uma pesquisa com 168 CEOs de fundações e 105 POs de fundações privadas e comunitárias que doam pelo menos US\$ 5 milhões anualmente, bem como 212 CEOs/diretores executivos sem fins lucrativos. Ele também se baseia em uma série de entrevistas aprofundadas, que foram realizadas com líderes de fundações que fornecem GOS plurianuais. As descobertas foram comparadas com dados de mais de 300 financiadores que usaram o Relatório de Percepção de Beneficiários (GPR) do CEP, publicado cerca de 10 anos antes da pandemia de COVID-19. Esse relatório revelou que, embora 57% dos subsídios distribuídos durante esse período fossem plurianuais e 21% fossem GOS, apenas 12,4% eram plurianuais e GOS. É importante observar que a metodologia para este relatório não testou diferenças estatísticas entre respostas de organizações.





lideradas por POC (\*pessoas de cor em inglês) e organizações não lideradas por POC.

O relatório apresenta três conclusões a partir dos dados coletados. A primeira é que os líderes sem fins lucrativos entendem os muitos benefícios do GOS plurianual para a saúde de suas organizações, apesar das barreiras que existem para receber esses subsídios. Alguns (29%) acreditam que as fundações fornecem poucos subsídios GOS plurianuais devido à “falta de confiança nas organizações sem fins lucrativos e ao desejo de manter o controle”. Essa questão da falta de GOS plurianual precede a pandemia de COVID-19. O relatório observa que apenas 41% dos beneficiários entrevistados relataram ter recebido GOS plurianual durante o ano anterior à pandemia, contribuindo para uma “tensão financeira pré-pandêmica”. Essa tensão foi exacerbada durante a pandemia, forçando as organizações sem fins lucrativos a “reduzir ainda mais a equipe, reduzir os serviços e gastar mais tempo arrecadando fundos”.

A segunda descoberta revela uma desconexão entre as atitudes e práticas dos líderes da fundação. O estudo mostra que há um entendimento crescente entre os líderes de fundações de que o GOS e os subsídios plurianuais são um meio eficaz de apoiar o trabalho dos beneficiários, permitindo, em última análise, maior impacto da fundação e do beneficiário. No entanto, embora a maioria dos líderes de fundações seja mais a favor de fornecer GOS plurianual a seus beneficiários, muitas de suas fundações não o fazem e “aquelas que o fornecem apenas a uma pequena porcentagem das organizações sem fins lucrativos que apóiam”. Muitos (63%) dos CEOs de fundações pesquisados relataram ser a favor de aumentar a porcentagem de beneficiários que recebem GOS plurianual, no entanto, a maioria não relatou planos para mudar as práticas atuais. O relatório observa que é possível que esses planos tenham mudado como resultado da pandemia, com base no compromisso assinado por centenas de fundações de “fazer novas doações o mais irrestritas possível, para que os parceiros sem fins lucrativos tenham flexibilidade máxima para



responder a esta crise.”

A terceira descoberta sugere que o estudo não conseguiu identificar barreiras compartilhadas significativas que os líderes de fundações vivenciam ao fornecer GOS plurianuais. A explicação mais comum era que o GOS plurianual não se encaixa nas abordagens de doações de muitas fundações. Alguns (10) CEOs de fundações comunitárias observaram que fornecer GOS plurianual “não é possível com seus níveis limitados de financiamento discricionário”. As fundações que fornecem GOS plurianual “fizeram uma escolha intencional com base em sua crença de que pode construir confiança, fortalecer relacionamentos e aumentar o impacto”.

O relatório oferece as seguintes perguntas finais: “Os benefícios experimentados pelas fundações que fornecem mais GOS plurianual levarão outras a fornecer ou aumentar sua provisão de GOS plurianual? A pandemia de COVID-19, a crise econômica relacionada e o aumento da atenção às desigualdades de longa data terão impacto no fornecimento de GOS plurianual? Ou as fundações continuarão a operar como antes, apesar dos apelos por mudanças?”

Junto com este relatório, o CEP também publicou “Making the Case: Foundation Leaders on the Importance of Multiyear General Operating Support” e “Making it Happen: Multiyear GOS Discussion Guide”, que inclui perfis de cinco fundações que participaram de entrevistas para este estudo.

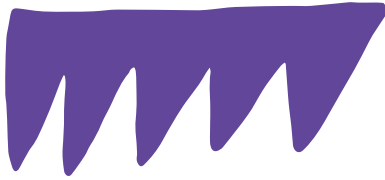


# **Erin Howe and Somjen Frazer. Funding to Meet Changing Realities: LGBTI Organisations on the State of Funding in Europe and Central Asia. Strength in Numbers Consulting Group for ILGA-Europe. 2021**

<http://strengthennumbersconsulting.com/wp-content/uploads/2022/01/Funding-to-Meet-Changing-Realities-ILGA-Europe.pdf>


Este relatório, que fornece dados sobre as atividades e lacunas de financiamento de organizações LGBTI na Europa e na Ásia Central, foi produzido pela ILGA-Europa em 2021 como um recurso para organizações e doadores LGBTI. É informado por respostas de pesquisa de quase 300 organizações LGBTI e entrevistas com mais de 20 ativistas LGBTI de todas as sub-regiões da Europa e Ásia Central coletadas em 2020. Os resultados desta pesquisa também são comparados com a pesquisa de avaliação de necessidades da ILGA-Europa de 2017 para ilustrar quais mudanças podem ter ocorrido durante este período.





Os dados mostram que há um número crescente de organizações LGBTI na Europa e na Ásia Central desde 2017, bem como uma porcentagem maior de organizações LGBTI recebendo financiamento externo. Embora houvesse maior representação de organizações LGBTI com financiamento externo, pessoal remunerado e economias em 2020, um terço de todas essas organizações tinha orçamentos abaixo de 20.000 euros e cerca de um quarto das organizações LGBTI na Europa e na Ásia Central não tinham financiamento externo em 2020. As organizações da Ásia Central e Ocidental, bem como as organizações do sul da Europa e aquelas que se concentram em subseções da organização dos direitos LGBTI, como os direitos das pessoas transgêneros, pessoas disconformes de gênero e pessoas intersexuais, eram mais propensas a carecer de financiamento externo e ter orçamentos inferior a 20.000 euros. Por exemplo, uma porcentagem maior de organizações TGNC não tinha funcionários remunerados em comparação com aquelas que se concentram em grupos LGBTI de maneira mais ampla.

De acordo com o relatório, o financiamento intermediário e de fundações foram as fontes de financiamento mais comuns para organizações LGBTI na Europa e na Ásia Central em 2020. A maioria das organizações LGBTI na pesquisa não tinha financiamento flexível e de longo prazo para apoiar as atividades que priorizam, como comunidades organização e serviços sociais e de saúde. Também foi observado que alguns financiadores exigem que as organizações gastem dinheiro de maneiras que dificultam a economia ou o desenvolvimento de reservas. Isso contribuiu para uma tensão financeira significativa durante a pandemia (entre março de 2020 e março de 2021), quando as atividades de serviço social mais comuns fornecidas por essas organizações foram apoio psicológico a pessoas LGBTI e facilitação e/ou fornecimento de espaço para grupos de apoio de pares. A maioria das organizações contava com financiamento básico para apoiar esse trabalho ou fazia o trabalho sem financiamento.



Várias organizações expressaram o desejo de fazer mais trabalho interpopulacional na comunidade LGBTI para alcançar os grupos mais necessitados, mas carecem de financiamento e habilidades necessárias para realizar esse trabalho. Alguns observaram desafios específicos da pandemia para acessar financiamento, como um aumento nas experiências negativas que contribuem para o estresse e esgotamento entre os funcionários, como resultado da COVID-19 e da retórica, ameaças e ataques anti-LGBTI. Isso foi especialmente prevalente na Europa Oriental, onde as organizações também enfrentaram dificuldades para acessar fundos devido a mudanças nas leis nacionais. Essas questões destacam um desafio principal mencionado no relatório – que “o financiamento não está acompanhando as realidades em mudança vividas pelas organizações LGBTI”. A falta de alinhamento entre as prioridades dos financiadores e as necessidades imediatas e de longo prazo das organizações LGBTI na pandemia dificulta sua capacidade de apoiar suas comunidades e as obriga a fazer concessões nas áreas de ação mais urgentes para garantir sua sobrevivência.

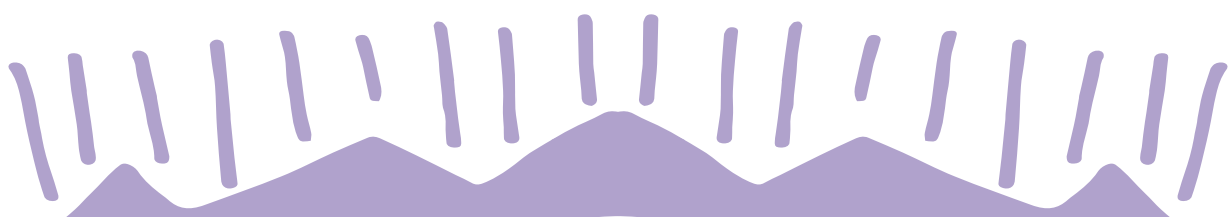
## **Financing Women, Peace and Security in fragile contexts. OECD. 2021**


<https://www.oecd.org/gender/data/financing-women-peace-and-security-in-fragile-contexts.htm>

Este aviso da OCDE pede aos doadores que forneçam mais ajuda em apoio à igualdade de gênero, particularmente no contexto da pandemia de COVID-19, que exacerbou as desigualdades de gênero e aumentou o risco de conflito e violência contra mulheres e meninas em todo o mundo. À luz do 20º aniversário da Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSCR) sobre Mulheres, Paz e Segurança (WPS) em 2020, o aviso nos encoraja a considerar o progresso feito nos últimos 10 anos, bem como áreas para melhoria. Por exemplo, enquanto a ajuda para apoiar a igualdade de

gênero nos setores econômico e produtivo representou 47% da ajuda bilateral total dos membros do CAD nesses setores em 2021, esse financiamento representou apenas 2% da ajuda a esses setores que visam a igualdade de gênero como objetivo principal.

Dado o impacto da pandemia em andamento nos meios de subsistência das mulheres e seu envolvimento como atores econômicos, o documento pede aos doadores que “considerem o papel crucial das mulheres na resposta e recuperação da crise” e garantam que “programas de cooperação para o desenvolvimento e pacotes de estímulo financeiro levar plenamente em conta uma perspectiva de igualdade de gênero”. Observando que os membros do CAD estão a reprogramar as suas agendas e o seu apoio aos países em desenvolvimento na resposta à pandemia, o comunicado faz também referência ao facto de a AOD ser a segunda fonte mais importante de financiamento externo a seguir às remessas em contextos de fragilidade. Com base no progresso alcançado na ajuda à igualdade de gênero em contextos frágeis, o aviso enfatiza a importância de doadores oferecerem mais ajuda à igualdade de gênero neste momento político, com atenção específica à agenda de Mulheres, Paz e Segurança (WPS).






**Isabella Cordua and Sabrina Mahtani.  
Forgotten by Funders: An exploratory  
report on the challenges of resourcing  
work with and for incarcerated women  
and girls worldwide. Women Beyond Walls.  
Dezembro. 2021**

<https://www.womenbeyondwalls.org/forgottenbyfunders>

Este relatório da Women Beyond Walls lança luz sobre os desafios de financiamento enfrentados por organizações que trabalham com e para mulheres e meninas encarceradas em todo o mundo. Em agosto de 2021, Women Beyond Walls, “uma nova plataforma de construção de movimento, amplificando vozes para acabar com o excesso de encarceramento e a criminalização excessiva de mulheres em todo o mundo”, alcançou 34 organizações em 24 países nos cinco continentes, envolvidas neste trabalho para compreender melhor os desafios de financiamento que enfrentam, em termos de quantidade e qualidade de financiamento.

O relatório compila as principais conclusões dos resultados da pesquisa, que apontam para uma falta geral de apoio às organizações que trabalham com mulheres e meninas encarceradas. Embora essas organizações estabelecidas estejam usando diversas estratégias para fazer um trabalho importante, elas estão lutando para sobreviver em um contexto em que lidar com o encarceramento de mulheres não é uma prioridade para a maioria dos doadores. Uma descoberta importante revelou que 71% dos entrevistados não recebem financiamento de fundações que se identificam como direitos das mulheres ou fundações feministas – apontando para uma questão maior dentro dos movimentos feministas, onde “o trabalho com e para mulheres e



meninas encarceradas é muitas vezes deixado de lado diálogos, reuniões e movimentos de direitos humanos”. O relatório observou o impacto prejudicial dessa exclusão, citando o Fórum Geração Igualdade em julho de 2021 como exemplo. O Fórum, que visava “promover uma abordagem interseccional, intergeracional e intersetorial para a igualdade de gênero”, arrecadou US\$ 40 bilhões em promessas de apoio à igualdade de gênero. No entanto, devido à falta de atenção às questões que afetam as mulheres encarceradas, elas não foram priorizadas nos compromissos de financiamento resultantes.

O relatório do Women Beyond Walls também revelou que o financiamento governamental e multilateral para organizações que trabalham com e para mulheres e meninas encarceradas era baixo – apenas 44% dos entrevistados disseram ter recebido financiamento do governo (29% de fontes do governo nacional e 15% de fontes do governo local), e apenas 21% receberam financiamento de organizações multilaterais entre 2020 e 2021. Alguns participantes da pesquisa sentiram que essa falta de priorização era “um reflexo da percepção pública negativa sobre o encarceramento, que afeta as agendas dos doadores e também dificulta o acesso atendimento corporativo ou individual”. Os ambientes político e social também criaram desafios para as organizações que trabalham com e para mulheres encarceradas, como a falta de acesso às prisões e um espaço cívico restrito. Esses desafios foram exacerbados durante a pandemia de COVID-19.

Em geral, essas organizações falaram da falta de acesso a financiamento básico flexível, dificuldades com o processo de financiamento e financiamento de cargos-chave de pessoal e necessidade de apoio não financeiro para a sustentabilidade. As organizações também notaram receber financiamento insuficiente para implementar totalmente todas as suas estratégias, particularmente seu trabalho com mulheres e meninas após o encarceramento, incluindo “trabalho com e para mulheres na libertação da detenção, serviços jurídicos e litígios estratégicos, pesquisa e trabalho político, nacional, regional e advocacia internacional, capacidade de testar novas

estratégias/ideias inovadoras e ampliar o trabalho para diferentes áreas/ países.” O relatório conclui com uma série de recomendações, inclusive para tornar o financiamento mais acessível para organizações que trabalham com e para mulheres e meninas afetadas pelo sistema de justiça criminal, bem como para explorar as lacunas de financiamento e como apoiar melhor os investimentos nessas áreas.


**Linda M. Saleh and Neha Sood. Vibrant Yet Under-Resourced: The State of Lesbian, Bisexual and Queer Movements. Astraea Lesbian Foundation for Justice and Mama Cash. 2020.**

<https://www.astraeafoundation.org/stories/vibrant-yet-under-resourced/>

Este relatório mostra o importante trabalho interseccional dos grupos liderados por LBQ em todo o mundo e defende o aumento do financiamento para esses grupos. Apresentando resultados de pesquisas realizadas em 2018 com 378 grupos LBQ de todas as regiões do mundo, o relatório também se baseia em dados de 67 doadores, incluindo fundações públicas e privadas, e








fornece quatro estudos de caso de grupos LBQ com base em entrevistas de acompanhamento. Os entrevistados na pesquisa pertenciam a grupos que são “autogovernados ou autônomos” e “trabalham especificamente em questões LBQ ou com comunidades LBQ, com pessoas LBQ compreendendo a maioria (50% ou mais) da liderança do grupo”.

De acordo com o relatório, os grupos LBQ e o ativismo LBQ cresceram significativamente nas últimas duas décadas em todas as regiões do mundo. A maioria dos grupos (89%) foi fundada nos últimos vinte anos, com mais da metade (61%) sendo estabelecida desde 2010. A maioria (90%) dos grupos usa diversas estratégias em seu ativismo, incluindo construção de movimento, defesa e capacitação, bem como estratégias de mudança cultural, como criação de mídia e arte, preservação da história do LBQ e engajamento em pesquisa e produção de conhecimento. Vários grupos (63%) ofereciam serviços sociais e de saúde diretos, bem como suporte de saúde mental e bem-estar às comunidades LBQ, com mais da metade (56%) usando estratégias relacionadas à segurança em seu trabalho.


A pesquisa também revelou que quase três quartos (72%) dos grupos LBQ operavam com orçamentos anuais de menos de US\$ 50.000, enquanto o orçamento médio para grupos LBQ em 2017 era de US\$ 11.713. Quase metade (40%) dos grupos relatou um orçamento anual inferior a US\$ 5.000, e um terço (34%) dos grupos não recebeu financiamento externo. Quase metade (48%) do financiamento externo dos grupos foi de US\$ 5.000 ou menos, indicando que os grupos LBQ têm orçamentos pequenos e acesso limitado a financiamento externo. Além disso, a maioria dos grupos tinha muito poucos ou nenhum pessoal remunerado e dependia de voluntários. A maioria (70%) dos grupos LBQ não possuía poupança e alguns (27%) não possuíam patrimônio.

Embora o financiamento para grupos LBQ fosse escasso em todas as regiões, havia diferenças regionais significativas. Por exemplo, “o financiamento



externo médio para grupos LBQ na América do Norte foi de US\$ 244.000, e em todas as outras regiões o financiamento externo médio recebido foi inferior a US\$ 10.000”. Grupos na Europa e Ásia Central e na Ásia e Pacífico tiveram o financiamento externo mediano mais baixo. O relatório destaca como essa falta de financiamento para grupos LBQ reduz sua capacidade de implementar suas estratégias e abordar áreas prioritárias de ação. Mais da metade (56%) dos grupos LBQ nunca recebeu financiamento plurianual e menos de um quarto (22%) recebeu financiamento irrestrito, dificultando sua capacidade de realizar trabalhos de longo prazo. Um terço (34%) dos grupos LBQ está gerando financiamento comunitário para financiar seu trabalho.

O relatório destaca algumas das barreiras que os grupos LBQ enfrentam no acesso a financiamento de longo prazo são “a falta de solicitações de propostas que reflitam suas prioridades e estratégias, requisitos para apresentar um histórico de captação de recursos bem-sucedido, falta de resposta dos doadores às suas consultas e atrasos nos pagamentos uma vez que o financiamento é concedido.” Também faz recomendações aos doadores, que receberam uma importante oportunidade de ajustar as estratégias de financiamento para garantir que atendam às necessidades e prioridades do crescente movimento LBQ. Essas recomendações incluem: “1) aumentar o financiamento para as comunidades LBQ e direcioná-lo para os grupos LBG, 2) tornar o financiamento mais acessível aos grupos LBQ, 3) melhorar a qualidade do financiamento para os grupos LBQ, 4) direcionar o financiamento para regiões onde os grupos LBQ o acesso é especialmente limitado, 5) investir em pesquisa e produção de conhecimento e prestação de serviços, duas prioridades dos grupos LBG que são particularmente subfinanciados, 6) aumentar o apoio não financeiro aos grupos LBG e garantir que atenda às suas necessidades, 7) para doadores sem LBQ - portfólios específicos, garantir que o financiamento destinado a ser inclusivo LBQ realmente chegue às comunidades LBQ e 8) buscar o financiamento “de-silo” para o trabalho interseccional dos grupos LBQ.






**Malkia Devich Cyril, Lyle Matthew Kan, Ben Francisco Maulbeck, and Lori Villarosa. Mismatched: Philanthropy’s Response to the Call for Racial Justice. Philanthropic Initiative for Racial Equity. Setembro de 2021. Veja mais em**

<https://racialequity.org/mismatched/>

Este relatório apresenta uma análise das tendências de financiamento ao longo do tempo para mostrar que, embora o financiamento para apoiar a equidade racial e o trabalho de justiça racial tenha aumentado na última década, ainda é uma pequena proporção do financiamento geral da fundação e não atende às demandas dos movimentos de justiça racial. Após um aumento na organização em massa contra a brutalidade policial e a injustiça racial em 2020, corporações e fundações prometeram grandes quantias de financiamento para a equidade racial. Como resultado de “dados incompletos, contagem dupla e inclusão de compromissos para promessas amplas plurianuais e gastos corporativos internos”, houve percepções errôneas sobre a escala de apoio financeiro que foi distribuído a organizações e movimentos de base que se mobilizam pela equidade racial e justiça.

Este relatório foi produzido neste contexto e conta com a análise de um ano da Iniciativa Filantrópica para a Equidade Racial (PRE) dos dados abrangentes de financiamento coletados pelo Candid, bem como novos critérios de pesquisa desenvolvidos para identificar doações especificamente para equidade e justiça racial. Ele difere de outros relatórios desse tipo, destacando as doações confirmadas que foram concedidas e examinando tendências, contradições e divergências no financiamento de esforços de equidade racial

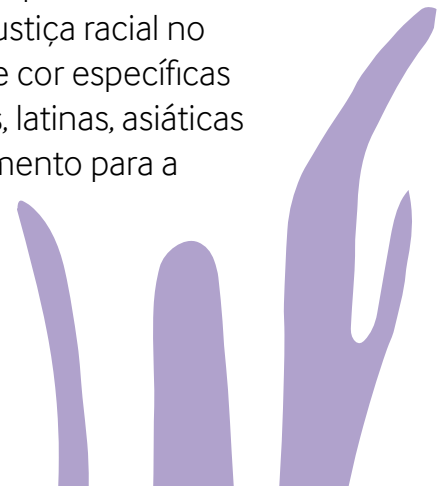


e justiça racial na última década, com foco particular nos anos 2015-2018 e 2020.

De acordo com o relatório, houve um crescimento constante na escala de financiamento e no número de financiadores envolvidos em equidade e justiça racial nos últimos cinco anos, com financiamento para equidade racial atingindo quase US\$ 5,8 bilhões e financiamento para justiça racial atingindo US\$ 925 milhões em 2018. A organização popular por equidade e justiça também cresceu significativamente entre 2015 e 2018, contribuindo para várias vitórias legislativas. Apesar desse progresso, “apenas 6 centavos de cada dólar filantrópico é dedicado à equidade racial e apenas 1 centavo à justiça racial”, indicando que há “incompatibilidades” claras entre as necessidades dos organizadores do movimento de base e as respostas e prioridades dos filantropos.

O relatório constatou que os 20 principais financiadores do trabalho de justiça racial representaram 60% de todo o financiamento da justiça racial em 2015-2018, apontando para uma dependência excessiva de um pequeno grupo de financiadores que coloca em risco organizações de base vulneráveis. A desinformação sobre a escala de financiamento destinada à equidade e justiça racial também impactou negativamente essas organizações, sugerindo que, se os financiadores acreditarem que esses movimentos são bem financiados, ou mesmo superfinanciados, é menos provável que eles invistam.

Como resultado, o financiamento para justiça racial, organização de base e trabalho de longo prazo orientado para o movimento sofreu, enquanto a maior parte do financiamento se concentrou em atender às necessidades de curto prazo. O financiamento para organizações de base representou 1,3% (US\$ 276,2 milhões) do financiamento total de equidade racial para 2015-2018 e 9,1% (US\$ 252,3 milhões) do financiamento total da justiça racial no mesmo período. O financiamento anual para comunidades de cor específicas foi particularmente baixo e, em algumas comunidades negras, latinas, asiáticas do Pacífico-americano (APA) e nativas americanas, o financiamento para a



organização de base totalizou aproximadamente 1% do financiamento total para essa comunidade entre 2015 e 2018.

Para combater essas questões – resumidas como a tendência de corporações e fundações “de responder ao apelo do movimento por mudanças profundas e estruturais com apoio a mudanças rasas no nível individual” – o relatório faz uma série de recomendações, incluindo


- “1) dedicar mais recursos para equidade racial e justiça racial,
- 2) manter o financiamento para equidade racial e justiça racial,
- 3) envolver comunidades de cor e movimentos em estratégias e decisões de financiamento,
- 4) financiar mudanças transformacionais além de uma estrutura de equidade e
- 5) melhorar os dados sobre equidade racial e concessão de bolsas de justiça racial”.

**Scamell, Dave. The State of Intersex Funding: Funder Briefing. Global Philanthropy Project, American Jewish World Service, Astraea Lesbian Foundation for Justice and GATE. Nova Iorque. 2019.**

<https://s3.amazonaws.com/astraea.production/app/asset/uploads/2019/09/2019-Intersex-Funding-Brief.pdf>

Este resumo é baseado em uma análise comparativa de dados de dois relatórios – The State of Intersex Organizing (2017, 2ª edição), que usou dados de uma pesquisa global de 54 organizações intersexuais em 2016 sobre sua estrutura organizacional, orçamento, necessidades de financiamento





e prioridades, e o Relatório de Recursos Globais 2015/2016: Apoio governamental e filantrópico para comunidades lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (2018), que analisou dados de 12.964 doações concedidas por 511 fundações, intermediários e corporações e por 15 governos e agências multilaterais durante 2015 e 2016.

Ao comparar esses dados, o relatório identificou uma série de desafios de financiamento primário, observando que em 2015-2016, o financiamento intersexo representou uma pequena fração do total global de doações LGBTI (0,59% de todo o financiamento global para questões LGBTI), com apenas 0,29% de esse financiamento vai diretamente para organizações intersexuais. Esses números sugerem que uma quantidade substancial do escasso financiamento que flui para os movimentos intersexuais está indo para organizações LGBTI, e não para organizações lideradas por intersexuais. Quando o financiamento não é direcionado a grupos liderados por intersexuais, existe o risco de que questões e organizações intersexuais sejam negligenciadas. Isso é demonstrado por outro desafio de financiamento identificado no relatório, que revela que menos de 10% dos financiadores de questões LGBTI globais apoiaram organizações intersexuais em 2015-2016.

Outro desafio primário de financiamento listado é a falta de financiamento para organizações lideradas por intersexuais no Sul e Leste Global. Embora o financiamento seja limitado a grupos intersexuais em todo o mundo, aqueles no Sul e no Leste Global enfrentam o maior desafio no acesso a recursos. Entre 2015-2016, nenhum subsídio foi concedido a organizações intersexuais na região do Oriente Médio e Norte da África (MENA), e apenas US\$ 40.000 foram doados a organizações intersexuais no Caribe, América Central e América do Sul.

Outros desafios observados são a falta de apoio externo de doadores, que deixa as organizações intersexuais trabalhando com poucos recursos financeiros e poucos funcionários pagos, e a falta de apoio geral flexível

que daria às organizações intersexuais os recursos para trabalhar em vários níveis. Além disso, o relatório apontou para a necessidade de mais recursos para organização comunitária e construção de movimentos, e mais apoio de financiadores dos direitos das crianças e jovens, poucos dos quais financiam organizações intersexuais.

**Scamell, Dave. The State of Trans Funding: Funder Briefing. Global Philanthropy Project. American Jewish World Service, Astraea Lesbian Foundation for Justice and GATE. Nova Iorque. 2019.**

<https://s3.amazonaws.com/astraea.production/app/asset/uploads/2019/09/2019-Trans-Funding-Brief.pdf>

Este resumo é baseado em uma análise comparativa de dados de dois relatórios – The State of Trans Organizing (2017), que usou dados de uma pesquisa de 2016 com 455 organizações e grupos trans trabalhando em 99 países, representando todas as regiões do mundo, sobre sua estrutura organizacional, orçamento, necessidades e prioridades de financiamento e o Relatório de Recursos Globais 2015-2016: Apoio Governamental e Filantrópico para Comunidades Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (2018), que analisou dados sobre 12.964 doações concedidas por 511 fundações, intermediários e corporações, e por 15 agências governamentais e multilaterais durante 2015 e 2016.

Ao comparar esses dados, o resumo descreve uma série de desafios de financiamento enfrentados por organizações lideradas por trans com o objetivo



de direcionar maior atenção e financiamento para questões trans dentro de instituições de financiamento individuais e campos filantrópicos. Em particular, os dados demonstraram que o crescente movimento trans internacional está significativamente sem recursos e continua a receber apenas uma pequena quantia do financiamento global total em questões LGBTI.

Entre 2015 e 2016, o financiamento para organizações trans representou apenas 3,5% do valor total do financiamento LGBTI global nesses dois anos e apenas 2,7% de todo o financiamento LGBTI global fora dos EUA durante o mesmo período, apontando para outro desafio de financiamento. – que o financiamento limitado que chega às organizações trans não é distribuído uniformemente em todo o mundo. Os dados de ambos os relatórios sugerem que, embora as organizações trans em todas as regiões não tenham acesso a financiamento externo, é particularmente difícil para grupos trans no Caribe, América Central, América do Sul, Oriente Médio e Norte da África (MENA), Ásia e Pacífico, Austrália e Nova Zelândia. Entre 2015 e 2016, houve apenas uma doação registrada para uma organização trans no MENA, enquanto não houve doações registradas para organizações trans no Pacífico, Austrália e Nova Zelândia.

Entre 2015 e 2016, as organizações trans geralmente receberam doações menores do que outras organizações financiadas para fazer o trabalho LGBTI, com o tamanho médio da doação para organizações trans (US\$ 23.000) representando quase metade do tamanho médio global da doação para o trabalho LGBTI (US\$ 44.700). Isso aponta para outro desafio identificado a partir dos dados, que mostram que apenas uma fração do financiamento em questões trans realmente chega a organizações lideradas por trans, cujo conhecimento é informado pela experiência vivida e as torna bem posicionadas para encontrar as melhores soluções para os desafios enfrentados por comunidades trans. De acordo com o relatório da Global Resources, entre 2015 e 2016, US\$ 26.134.000 foram concedidos para trabalhos com comunidades trans fora dos EUA e apenas US\$ 7.032.700 (26,9%) foram concedidos diretamente a organizações trans. Essas organizações também estão na linha de frente da resposta ao HIV em suas





comunidades, mas recebem uma quantia muito pequena de financiamento global de HIV.

Outros desafios identificados no resumo são a concentração de financiamento trans entre um pequeno número de fundações, a falta de apoio financeiro para organizações trans do governo e financiadores multilaterais e a falta de financiamento para organizações trans trabalhando em nível local e internacional fora do EUA.





**Fund  
Black  
Feminists**

<https://FundBlackFeminists.org/home-portuguese>